

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

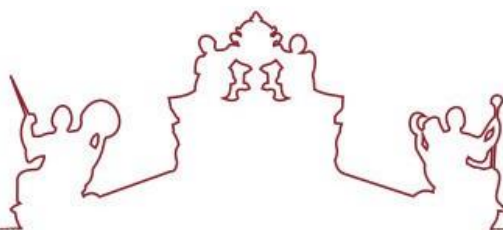
**Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade
nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo**

Ana Rita dos Reis Mourão Nunes da Silva

Orientadora | Sandra Leandro

Évora 2021





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

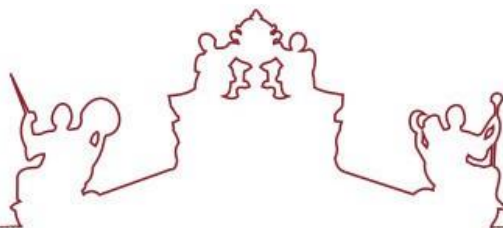
**Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade
nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo**

Ana Rita dos Reis Mourão Nunes da Silva

Orientadora | Sandra Leandro

Évora 2021





O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Teresa Veiga Furtado (Universidade de Évora)

Vogais | Maria Isabel Gallis Pereira Baraona (Instituto Politécnico de Leiria -
Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha) (Arguente)
Sandra Leandro (Universidade de Évora) (Orientador)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Paula e Pedro e à minha mana Marta pelo apoio incondicional a que sempre me habituaram. À Fernanda, ao Tio João, ao Gonças, à Linda e à Sandra por se preocuparem e por me darem uma família tão rica em afetos, em partilha e em crescimento.

Ao Manuel Marchante por não me deixar desistir e estar sempre presente. Obrigada pelo apoio, por te chateares e me ajudares em todos os momentos. Fazes de mim uma pessoa melhor.

À minha orientadora Sandra Leandro um especial obrigado e um abraço amigo pela sua paciência, por me ter apoiado sempre, mesmo com as minhas ausências, e me ter mostrado o melhor caminho.

À Universidade de Évora e sobretudo à Escola de Artes por tudo aquilo que me proporcionaram. A todos os docentes do Departamento de Artes Visuais e Design, em especial à Professora Teresa Furtado, à Professora Paula Reaes Pinto e ao Professor Luís Afonso. À Vanda, ao Sílvio, ao Senhor Francisco e ao Senhor João pela incansável disponibilidade, pela simpatia e pelo apoio incondicional em tudo o que lhes pedi.

Aos meus eternos amigos, aos meus colegas de mestrado e de licenciatura e a todos os amigos da AAUE e arredores que se juntaram ao meu percurso. Um grande obrigado por me ajudarem e ouvirem durante estes anos.

À minha família mais presente e mais distante, por abrirem os seus corações e as suas vidas e me permitirem partilhar com eles tão bons momentos.

Acima de tudo, aos meus queridos avós. Pelas pessoas extraordinárias que são, pelo seu carinho e pelo amor que lhes tenho. É pelas vossas histórias e ensinamentos que este trabalho faz sentido.

Obrigada a todos por fazerem parte desta história.

RESUMO

Este trabalho de projeto tem por objeto de estudo as famílias contemporâneas e o impacto das suas vivências e das histórias passadas nas gerações atuais e vindouras. Incide-se não nas questões familiares, mas sim na forma como estas são experienciadas e guardadas na memória, uma busca pela identidade individual e coletiva da família.

Partindo da prática artística, mas também de uma perspetiva histórico-sociológica abordam-se as diferentes composições familiares e a sua alteração ao longo dos tempos. No campo artístico, Jana Romanova e Matías Costa recordam os álbuns de família e a árvore genealógica para representar a família e a sua composição. Numa breve pesquisa sobre a arte contemporânea, artistas como Rirkrit Tiravanija, Christian Boltanski e Mary Kelly ajudam a clarificar os conceitos de arte relacional, arte de memória e produção afetiva e analítica. Através das suas obras, Daniel Blaufuks, Catarina Mourão e Délio Jasse permitem um olhar sobre a temática de arquivo e memória, relacionando-a com uma identidade individual e coletiva.

Recorrendo ao meu arquivo familiar e sob a forma de instalação, fotografia, áudio e vídeo, fiz a recolha de memórias e a representação esquematizada da minha família, dando uma nova vida a imagens e objetos esquecidos, rerepresentando-os. Pela imaginação, a fotografia torna-se potenciadora de novas histórias. O vídeo, que procura envolver o observador, retrata e expõe as falhas da memória.

Estes nomes e estas memórias são assim, não apenas um trabalho de artista, mas, essencialmente, um trabalho da família sobre a qual incide.

Palavras-Chave: memória, arquivo, fotografia, vídeo-histórias, família

ABSTRACT

My family albums: memory at the service of identity in the social dynamics of the contemporary world

This project work aims to study contemporary families and the impact of their experiences and past histories on current and future generations. It focuses not on family issues, but on how they are experienced and kept in memory, a search for the individual and collective identity of the family.

Starting from artistic practice, but also from a historical-sociological perspective, the different family compositions and their changes over time are approached. In the artistic field, Jana Romanova and Matías Costa remember the family albums and the genealogical tree to represent the family and its composition. In a brief survey of contemporary art, artists such as Rirkrit Tiravanija, Christian Boltanski and Mary Kelly help to clarify the concepts of relational aesthetic, memory art and affective and analytical production. Through their works, Daniel Blaufuks, Catarina Mourão and Délio Jasse, allow a look at the theme of archive and memory, relating it to an individual and collective identity.

Using my family archive and by the form of an artistic installation, photography, audio and video, I collected memories and made a schematic representation of my family, giving new life to forgotten images and objects, re-presenting them. Imagination gives a photograph its story telling potential. The video, which seeks to involve the observer, portrays and exposes the flaws in memory.

These names and memories are thus not only the work of an artist, but essentially a family work on which it focuses.

Keywords: memory, archive, photography, video-stories, family

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
ÍNDICE	VII
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I – A FAMÍLIA	5
I.I Contexto sociológico da temática família	5
I.II Enquadramento do mote família – análise global das famílias em Portugal	13
I.III Levantamento dos nomes da família: Reis e Moura; Ferraz Pereira; Nunes da Silva; Nunes de Sá Mourão;	18
I.IV Análise geracional	29
I.V Desenvolvimento gráfico da informação recolhida	33
I.VI Casos de Estudo	45
I.VI.I Jana Romanova	45
I.VI.II Matías Costa	49
CAPÍTULO II – CONTEMPORANEIDADE E MEMÓRIA	54
II.I Arte contemporânea – enquadramento histórico de uma rutura na arte na era do vale tudo	54
II.II Contemporaneidade e memória – «uma saída da arte para fora de si mesma pela adoção de metodologias oriundas das ciências humanas»	58
II.III Casos de Estudo	64
II.III.I Rirkrit Tiravanija, a arte relacional	64
II.III.II Christian Boltanski, a memória	68
II.III.III Mary Kelly, entre o afetivo e o analítico.	72
CAPÍTULO III – MEMÓRIA E ARQUIVO: MANIPULAÇÃO DE HISTÓRIAS	76
III.I Recolha e inventariação de fotografias e registos de família	76
III.II Manipulação de memórias - a fotografia ao serviço da memória	92
III. III Entrevista: vídeo e áudio-histórias de uma geração	103
	VII

III.IV Disparidades e analogias	113
III.V Casos de Estudo	115
III.V.I. Catarina Mourão	115
III.V.II. Daniel Blaufuks	118
III.V.III. Délio Jasse	119
<i>CAPÍTULO IV - ALMOÇO DE FAMÍLIA</i>	123
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	124
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	128
<i>Apêndice</i>	138
Apêndice A – Modelos de Carta	138
Apêndice B – Inquéritos recebidos	144

A reflexão sobre si é um exercício difícil, dado não se tratar de um problema de memória, mas da aplicação da capacidade de síntese. Tanto na escrita como no desenho, o que importa é destacar os traços fundamentais da personalidade, os que estão inscritos no fazer e no ser.

Clara Menéres – (Auto)-Retrato Clara Menéres in *Faces de Eva: estudos sobre a Mulher*. Nº4, 2000. p.161

INTRODUÇÃO

Cada vez mais, os elos familiares e as grandes transformações operadas nestes planos, nas sociedades contemporâneas e no âmbito das famílias e dos seus processos de transformação, têm sido cerne de debate público e tema premente da História Cultural e das Mentalidades, da Sociologia e da Política. Parte deste crescente interesse deu-se com a valorização da mulher no mundo do trabalho e, conseqüentemente, pela igualdade dos géneros.

Para os Europeus, a família é um elemento de grande valor, daí que as suas alterações ao longo do tempo se tornem objeto de estudo. Nas famílias ditas contemporâneas manifesta-se um aumento no número de divorciados e de famílias constituídas por diferentes progenitores e, portanto, uma alteração na própria designação de «família» (entenda-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar). Assim, e numa primeira abordagem, faz-se um enquadramento da família como elemento de uma sociedade – mais concretamente, as famílias portuguesas - das suas alterações constitucionais e na forma como essas alterações influenciam a formação de um indivíduo.

Ainda no primeiro capítulo - e como acima referido, após uma abordagem mais global do tema - passa a existir um foco nas ligações criadas entre quatro núcleos familiares - Reis e Moura; Ferraz Pereira; Nunes da Silva; Mourão. Sobre estas é apresentado um estudo estatístico que incide no número de divórcios/separações e casamentos/relações, na escolha dos nomes próprios para os elementos da família, sobre as faixas etárias de cada núcleo familiar, sendo por fim desenvolvida uma esquematização que demonstra de forma prática as ligações formadas.

Posteriormente, no segundo capítulo planeia-se a abordagem a duas questões: uma breve contextualização da arte contemporânea procurando responder a «o que é afinal a arte contemporânea?». Para isto, é apresentado o contexto histórico da arte e da sua evolução (incidindo essencialmente na passagem da arte moderna para a arte contemporânea) e uma análise da visão de diversos teóricos e artistas. No entanto, para que este capítulo não seja meramente teórico e baseado em definições do conhecimento geral, serão ainda

apresentados dois casos de estudo que validarão, por um lado, a necessidade deste capítulo e, por outro, servirão de referência para os temas em desenvolvimento.

Num segundo momento faz-se a ligação entre contemporaneidade e memória. A questão que se levanta é então se a arte contemporânea será abrangente o suficiente ao ponto de transformar objetos e registos de memórias (fotografias), que pertencem ao nosso quotidiano, em objetos de interesse e valor artístico. Nesta segunda parte, são apresentados teóricos e artistas como Christian Boltanski, Annette Messager e Joseph Cornell que, na sua carreira, nos foram comprovando que, de facto, é possível fazer esta transposição. Na realidade, vivemos cada vez mais uma aparente «cultura de memória» que se cinge, essencialmente, à *memorabilia*, e esta cultura torna-se possível no mundo artístico pois a arte contemporânea, na sua maioria, procura uma identificação imediata com o público que a observa – o que facilita uma vez que o tema «família», e como supramencionado, é um foco de estudo e um dos pilares para os Europeus – assim, as obras que se criam em torno das memórias são obras sem um período determinado na História da Arte, uma vez que a memória sempre existiu, o que faz com que o observador lhes possa incutir o tempo das suas próprias vivências, relacionando-se com as obras de uma forma muito mais pessoal.

Por fim, o terceiro capítulo pretende relacionar o conceito de arquivo e memória, destacando as suas analogias e disparidades, não os distanciando, no entanto, da temática da família. Para isto, e recorrendo às informações obtidas anteriormente referentes às famílias Reis e Moura; Ferraz Pereira; Nunes da Silva; Mourão, é feita uma recolha e inventariação de fotografias e registos dos diferentes núcleos familiares. Estas fotografias são alteradas e reproduzidas com o propósito de criar ligações familiares e, conseqüentemente, novas memórias. É neste contexto que a fotografia entra ao serviço do arquivo – pois estas são naturalmente catalogadas, são o registo de um determinado acontecimento – e, em justaposição, com a memória, pois ambas são enganosas, porém não são enganadoras. O que importa não é a fidelidade da imagem (mental ou fotográfica) com o facto passado, mas a conexão afetiva e imaginária entre si. Da mesma forma, impõe-se o vídeo como contador de histórias, no qual os elementos familiares expõem as suas memórias. É também através destes que nos apercebemos de como as mesmas situações, os mesmos contextos e vivências familiares, conseguem causar impactos e memórias

dísparos nas diferentes pessoas que os vivem, e por resultante na sua formação pessoal enquanto indivíduos.

Em suma, este trabalho de projeto trata de uma busca pela família e a sua constituição, o que os membros da família fazem por nós e até o que não fazem, bem como o meu papel e contributo no seio da mesma, o impacto que as nossas memórias têm na nossa criação, o que mudou e o que procuramos alcançar.

CAPÍTULO I – A FAMÍLIA

1.1 Contexto sociológico da temática família

A sociedade encontra-se em permanente transformação, não obstante, a importância que a família assume dentro desta tem sido uma constante. Seja nacional ou internacionalmente, a família é o valor que ininterruptamente surge em primeiro lugar na escala de valores da sociedade.¹

Portugal pertence, de facto, ao mundo europeu. Não basta isso para daí concluir que as concepções mentais acerca do binómio público/privado fossem as mesmas do resto da Europa. Em história, é sempre interessante e significativo verificar as variantes e as recorrências de fenómenos idênticos em relação com as coordenadas do tempo e do espaço, assim como a expressão que elas revestem pelo fato de serem transmitidas num meio cultural com as suas características próprias.²

George Duby inicia a sua reflexão sobre a família, e a transformação da mesma, com base na origem das palavras e verbos a que está associada. Destaca-se o verbo «privar» que transporta o significado de retirar do domínio externo para introduzir no espaço familiar da casa, conceito já definido nos dicionários franceses do século XIX ou até anteriormente, nas línguas românicas. De igual forma, o adjetivo «privado», de uma maneira geral, reflete uma ideia de algo familiar, juntando-se a um pensamento de família, casa e interior. Considerando assim, pelo vernáculo, surgimento das palavras e construção deste autor, que vida privada é, portanto, vida de família, não individual, mas de convívio, e fundada na confiança mútua.³

Na sociologia, a família é encarada como um grupo social inconfundível que assume diversas formas e funções consoante o tempo histórico em que se insere e que engloba no seu estudo factos tão díspares quanto a relação conjugal, a dimensão da família, a procriação, os papéis

¹ REIS, Carolina – *Famílias de todas as formas e feitios* [em linha]. [Consult. 03 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2017-03-12-Familias-de-todas-as-formas-e-feitios>

² TEODORO, Leandro Alves - Apontamentos sobre a publicação da História da vida privada em Portugal: entrevista com José Mattoso in *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, p.1044.

³ DUBY, George – *História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença*. Trad. Maria Luísa Machado, p. 16-22.

que cada elemento assume na relação, a relação com a criança e a relação de parentesco alargado.⁴ Efetivamente, ao abordarmos a temática da família, não a podemos desvincular da vida privada, das relações familiares, da esfera laboral que logo, implícita e explicitamente, se associa às questões da sustentabilidade da segurança social, ao aumento da participação feminina no mercado de trabalho, à reposição das gerações, à fecundidade ao envelhecimento na Europa e a tantos outros problemas atuais que mostram, de resto, a forte associação entre temas privados, do chamado domínio micro, e grandes problemas ou temas macro das nossas sociedades. O estudo da família, ocupa, com merecida importância, um espaço cada vez mais relevante no debate público e governativo da sociedade atual o que, de resto, justifica a realização desta abordagem artística.

Sociologicamente, evidenciam-se quatro teorias distintas sobre a família⁵:

- a institucional – perspectiva que dominou a sociologia clássica do século XIX e início do século XX e que defendia a família como base de toda a sociedade, estudando-a nas suas funções face às outras instituições sociais, políticas, económicas e educativas. A família como principal responsável de educação. Esta perspectiva foi ultrapassada por assumir o modelo familiar nuclear como universal;
- a estrutural-funcionalista – defendida, entre outros, por Talcott Parsons, contraria a teoria anterior ao defender que a família não deve ser encarada como uma micro sociedade, mas sim como um subsistema social com funções especializadas e com papéis definidos dentro da família;
- a marxista – nesta perspectiva a dinâmica da família está diretamente relacionada com a divisão social do trabalho, variando por isso historicamente, com a formação socioeconómica. Numa sociedade capitalista, a família «seria um retrato em miniatura da sociedade de classes, com uma classe (os homens) oprimindo a outra classe (as mulheres) e o casamento seria uma forma de antagonismo de classes em que o bem-estar de uma deriva da repressão de outra.»

⁴ *Dicionário infopédia de língua portuguesa - Sociologia da família* [em linha]. [Consult. 08 mai. 2020]. Disponível em WWW: [https://www.infopedia.pt/\\$sociologia-da-familia](https://www.infopedia.pt/$sociologia-da-familia)

⁵ Idem, *ibidem*.

- e a interacionista – Ernest Burgess assume esta perspetiva, na qual a vida familiar é interpretada a um nível micro sociológico. Há a valorização da unidade da pessoa e a análise da forma complexa como esta interage com os restantes elementos, ao longo do tempo e do espaço, para a construção das relações familiares.⁶

Historicamente, a organização familiar tem sofrido inúmeras alterações sendo possível evidenciar duas formas de família distintas, antes e depois da Revolução Industrial. Antes, as famílias eram numerosas (de alguma forma para tentar contrariar a também elevada taxa de mortalidade infantil) e dentro da casa da família podiam coexistir duas ou três gerações distintas. Neste modelo, reinava a autoridade do homem mais velho da casa – o patriarca.

No sistema patriarcal existia uma hierarquia rígida, na qual as mulheres, consideradas seres de estatuto inferior, eram sempre subordinadas aos homens. Já os jovens do sexo masculino eram subordinados aos homens mais velhos. Baseada nas diferenças de género e de idade, em comum todos se subordinavam ao ancião, ao patriarca. O trabalho realizava-se dentro ou perto da casa de família e a liberdade individual era praticamente inexistente.

Após a Revolução Industrial, no final do século XVII, a família tradicional é substituída pela família conjugal ou nuclear. Tal transformação surge com o afastamento da população para junto das fábricas, uma saída da casa da família que permitiu uma autonomia de residência e decisão. Neste sistema patronal, passam a valorizar-se as preferências pessoais na escolha do parceiro, a estrutura hierárquica é abolida - visto já não se estar sobre o olhar do patriarca, - e o número de filhos torna-se bem mais reduzido, até porque as diferentes gerações familiares deixam de coabitar e, por consequência, de ajudar na educação das crianças. As famílias tornam-se unidas pela emoção e sentimento, cresce o sentido de privacidade doméstica e existe uma valorização na criação e educação do filho. Há uma primazia da qualidade e não quantidade, isto é, as pessoas optam por ter menos filhos para lhes garantir uma qualidade de vida melhor ao invés de mais filhos, que exigem um maior investimento e obrigam à dispersão da atenção pelos vários elementos. Ainda assim, neste

⁶ Idem, *ibidem*.

modelo os papéis da família no seio familiar permanecem desiguais, à mulher cabe-lhe a educação dos filhos e ao homem o ganha-pão.

Já em meados do século XX, surge a atual forma de viver a família. O seio familiar começou a estimar o indivíduo e a sua realização pessoal, o individualismo que permitiu a evolução de um conjunto, ao permitir a existência de espaço para todos e para cada um dos elementos da família, valorizando-os de igual forma. Ao invés de um poder paternal, de valorização da figura do pai, procura-se agora carinho, afetividade, proteção e estímulo para o crescimento intelectual de todas as partes, procura-se felicidade⁷ e, como a felicidade pode assumir diversas formas, é por isso possível assumir diversas famílias.⁸ Este sentido evolutivo foi proeminentemente referido por Durkheim, fundador da sociologia da família, ao indicar a passagem da família «patriarcal» e «paternal» para um novo tipo de família – a família conjugal moderna.⁹

Ainda assim, e apesar de todas as alterações já ocorridas na definição e organização da família – nomeadamente na igualdade de papéis dos seus elementos – os trabalhos domésticos, educação dos filhos ou até os cuidados para com outros elementos dependentes da família, continuam a recair maioritariamente na mulher.

Segundo a socióloga Sílvia Portugal,

A(s) família(s) são hoje dominadas pela dimensão afetiva. O amor, romântico, conjugal e parental, é o valor principal, qualquer que seja o modelo e a estrutura familiar. Assim, aquilo que importa hoje para uma criança é ser amada e apoiada pela sua família. Desde que exista afeto e apoio no seu processo de socialização, pouco lhe importará se ele não é prestado no interior de um modelo tradicional.¹⁰

⁷ FREITAS, Sandra – Uma visão sociológica sobre a família in *Revista Leia S.F.F.*, p.6.

⁸ REIS, Carolina – *Famílias de todas as formas e feitios* [em linha]. [Consult. 03 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2017-03-12-Familias-de-todas-as-formas-e-feitios>

⁹ TORRES, Anália Maria Cardoso – *Sociologia da família teorias e debates*, p.40.

¹⁰ REIS, Carolina – *Famílias de todas as formas e feitios* [em linha]. [Consult. 03 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2017-03-12-Familias-de-todas-as-formas-e-feitios>

A relação afetiva prevalece cada vez mais sobre os laços sanguíneos. Aliás, se no pós-revolução industrial, a palavra família era associada ao núcleo constituído por um pai, mãe e filhos e a dinâmica por estes vividos, atualmente, com a diversidade de estruturas familiares existentes, tal associação não pode ser feita sem prévia análise.¹¹

Seguindo a referência de Gameiro, «a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura»¹². De facto, não existem duas famílias iguais, o que não as invalida como tal. Dentro das particularidades, todas são, sob o olhar da atualidade, consideradas família.

Para uma análise mais detalhada de todos os tipos e conceitos de família, recorri à tese de doutoramento de Hernâni Pombas Caniço, intitulada «Os novos tipos de família e novo método de avaliação em saúde de pessoa: APGAR saudável.», a qual se suporta na análise de diversos pensadores desta temática.

Consta, como referido anteriormente, que a família tem vindo a sofrer incalculáveis alterações, seja ao nível da composição, das atividades ou do estatuto económico. Tradicionalmente, evidenciavam-se cinco tipos clássicos de família – família nuclear, alargada, unitária, monoparental e recombinação. No entanto, a partir de 1960, estas categorias alteraram-se e é-nos agora possível analisar a família com base em três parâmetros distintos nomeadamente, ao nível da sua composição, com base na função parental ou com base no papel da criança na família, sendo que, dentro de cada uma destas visões, são então discriminados os diferentes tipos existentes.

Para este trabalho de projeto, considera-se apenas o critério da composição, o qual, identifica vinte e um tipos de família, a saber:

1. «**Díade nuclear:** (...) relação conjugal sem filhos, uma união entre duas pessoas, que coabitam. Não há descendentes comuns, nem de relações anteriores de cada elemento. (...)

¹¹ GIMENO, Adelina - *A família – o desafio da diversidade*, p.39.

¹² RELVAS, Ana Paula - *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*, p.11.

2. **Família Grávida:** família em que uma mulher se encontra grávida, (...). Trata-se de uma fase específica no seio da família, em que se aguarda a vinda de um novo elemento, predominando os sentimentos de medo e/ou esperança, com o desvio do centro de atenções e segurança (Caniço et al, 2011d).
3. **Família nuclear:** a típica família com uma só união entre adultos e um só nível de descendência, ou seja, pai e mãe e o (s) seu (s) filho (s) (Sampaio & Gameiro, 1985; Relvas, 2004; Saavedra Ovideo, 2005; Nunes, 2011; Costa et al, 2011; Southern Kings Consolidated School, 2012). Também designada de família simples ou tradicional.
4. **Família alargada:** família em que coabitam ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não, para além de progenitor(es) e/ou filho(s) (Sampaio & Gameiro, 1985; Saavedra Oviedo, 2005; Costa et al, 2011; Southern Kings Consolidated School, 2012). Existe uma união conjugal e mais do que um nível de descendência, podendo coabitar avós, netos, rios, primos, cunhados. Também designada de família extensa.
5. **Família com prole extensa:** família com crianças e jovens de idades muito diferentes e logo em fases distintas do seu desenvolvimento individual, independentemente da restante estrutura familiar (Subtil, 2008). Também designada de família numerosa.
6. **Família reconstituída:** família em que existe uma nova união conjugal, com existência (ou não) de descendentes de relações anteriores, de um ou dos dois membros do casal. Também designada de família combinada, recombinação ou reconstituída (Relvas, 2004; Alarcão 2006i, Zamora, 2008; Nunes, 2011; Costa et al, 2011).
7. **Família homossexual:** família em que existe uma união conjugal entre duas pessoas do mesmo sexo, independentemente da restante estrutura, distinguindo-se da família nuclear por serem do mesmo sexo (Relvas, 2004; Alarcão, 2006).
8. **Família monoparental:** família constituída por um progenitor que coabita com o(s) seu(s) descendente(s), não mantendo a relação conjugal de coabitação permanente, independentemente das razões para tal (...).
9. **Dança a dois:** família constituída por 2 pessoas, implicando laços familiares (de sangue ou não) e a inexistência de relação conjugal ou parental, por exemplo, tio e sobrinho, avó e neto, primos ou cunhados (Minuchin, 1980; Subtil, 2008).
10. **Família Unitária:** família constituída por uma pessoa que vive sozinha, independentemente de existência de relação conjugal sem coabitação ou da riqueza de

outras relações familiares ou extrafamiliares. Também designada de família de indivíduo só (Agostinho & Rebelo, 1988; Costa et al, 2011).

11. **Família de coabitação:** Homem(s) e /ou mulher(es) que vivem na mesma habitação (Subtil, 2008). (...) estudantes universitários, imigrantes que coabitam, amigos que partilham casa. Implica a inexistência de laços familiares ou relações conjugais, existindo ou não um projeto comum.
12. **Família comunitária:** família composta por um grupo de homens e /ou mulheres e seus (eventuais) descendentes, diluindo-se a unidade nuclear, e impondo-se como valores prioritários o bem-estar, as necessidades e os deveres comunitários (Alarcão, 2006; Subtil, 2008). (...) comunidades religiosas, seitas, comunas, algumas etnias, meninos de rua, sem abrigo (Alarcão, 2006; Subtil, 2008).
13. **Família hospedeira:** família em que ocorre a colocação temporária de um elemento exterior à família, habitualmente uma criança (Benoit, 2004; Relvas & Alarcão, 2007; Zamora, 2008). (...) famílias de acolhimento (...).
14. **Família adotiva ou de adoção:** são famílias que adotaram uma (ou mais) criança(s) e adolescente(s) não consanguínea(s), mas que lhe estão ligados por laços afetivos e legais. (Relvas, 2004; Alarcão, 2006; Relvas e Alarcão, 2007).
15. **Família consanguínea:** família em que existe uma relação conjugal consanguínea, independentemente da restante estrutura.
16. **Família com dependente:** família em que um dos elementos é particularmente dependente dos cuidados de outros, por motivo de doença, excluindo-se o caso de crianças saudáveis. (Pitt, 1998).
17. **Família com fantasma:** família em que ocorre o desaparecimento de um dos elementos, de forma definitiva (falecimento) ou dificilmente reversível (divórcio, rapto, desaparecimento ou motivo desconhecido) (Minuchin, 1980; Subtil, 2008). Tal implica que o elemento em falta continue presente na dinâmica familiar, dificultado a reorganização das relações familiares e impedindo o desenvolvimento individual dos restantes membros.
18. **Família acordeão:** família em que um dos cônjuges se ausenta por períodos prolongados ou frequentes (Minuchin, 1980; Subtil, 2008).
19. **Família flutuante:** família em que os elementos mudam frequentemente de habitação, como no caso de progenitores com emprego de localização variável (funções públicas

de rotação e mobilidade geográfica profissional, viajantes, etc.) (Minuchin, 1980; Subtil, 2008). Incluem-se também as famílias em que o progenitor muda frequentemente de parceiro.

20. **Família descontrolada:** existe um membro com problemas crónicos de comportamento, podendo este ser relacionado com circunstâncias fortuitas da vida, doença ou comportamentos aditivos (esquizofrenia, toxicod dependência, alcoolismo, etc.), o que vai condicionar a estrutura familiar, conduzindo a dificuldades na organização hierárquica e nas relações intrafamiliares (Minuchin, 1980; Benoit, 2004; Subtil, 2008).
21. **Família múltipla:** Família em que o elemento identificado integra duas (ou mais) famílias.»¹³

Tendo em conta a diversidade dos modelos familiares e as suas diferenças temporais e culturais, o consenso sobre uma definição única da família está bastante distante «mesmo que, intuitivamente, todos tenham em mente uma conceção e até uma atitude básica em relação a ela.»¹⁴

¹³ CANIÇO, Hernâni Pombas - Os novos tipos de família e novo método de avaliação em saúde de pessoa: APGAR saudável, p. 95-101.

¹⁴ GIMENO, Adelina - *A família – o desafio da diversidade*, p.40.

I.II Enquadramento do mote família – análise global das famílias em Portugal

À semelhança da conjuntura global, Portugal também sofreu inúmeras alterações no contexto familiar. O mundo mudou e as exigências tornaram-se cada vez maiores, o que afetou drasticamente a natalidade sobretudo no nosso país que regista agora «um dos mais baixos níveis de fecundidade da Europa e do mundo.»¹⁵

Após o *baby-boom* no entre guerras, isto é, no fim do séc. XIX e início do século XX, o número de crianças (0-9 anos) e adolescentes (10-19 anos) em Portugal aumentou gradualmente em 1940 e estes dois grupos formavam já metade da sociedade portuguesa. No entanto, com os anos 60 e as transformações sociais a este afetas, o crescimento inverteu-se e estas faixas etárias tornaram-se, desde essa altura e até aos dias de hoje, cada vez mais reduzidas.¹⁶ Segundo os últimos estudos, em 2018, 14% da população eram crianças (0-14 anos) e 22% idosos (+65 anos). Já em 2050 estima-se que o número de crianças será reduzido a 11% e os idosos constituirão 36% da população portuguesa.¹⁷

Antes do 25 de Abril as famílias em Portugal regiam-se pelo modelo patriarcal, já clarificado no subcapítulo anterior, felizmente, após a Revolução dos Cravos, o «Código Civil redefiniu o estatuto dos cônjuges, abolindo a figura do chefe da família e conferiu idênticos deveres e responsabilidades aos dois membros do casal (Guerreiro, 2011)»¹⁸.

A igualdade de género passou então a ser um desígnio do Estado, procurando aproximar a sociedade e, portanto, o seio familiar, de uma dinâmica de indivíduos de igual papel e importância. O alcance da liberdade e da democracia promoveu ainda a contestação dos dogmas religiosos e expôs o «lado negro» das famílias, que violava os direitos humanos individuais, nomeadamente e como exemplo de maior escala, a violência doméstica.¹⁹

¹⁵ FERREIRA, Paulo; ROSA, Maria João Valente - *Nascer em Portugal* [em linha]. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em WWW: <http://nasceremp Portugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>

¹⁶ CORDEIRO, Mário – *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*, p.36.

¹⁷ COSTA, Joana Ferreira da; TEIXEIRA, António José (Coord.) - *Famílias em Portugal num minuto* [em linha]. [Consult. 03 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://fronteirasxxi.pt/videofamilias/>

¹⁸ CANIÇO, Hernâni Pombas – Os novos tipos de família e novo método de avaliação em saúde de pessoa: APGAR saudável, p. 90.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

Infelizmente, esta é, ainda nos dias de hoje, um dos maiores e mais problemáticos fenómenos sociais em Portugal.

A família, enquanto ecossistema vivo, continuará a modificar-se. Aliás, a crise económica que a Europa atravessa, agravada pela atual situação pandémica²⁰, irá certamente provocar novas alterações à família e às suas dinâmicas. Possivelmente filhos dependerão mais de pais por incapacidade económica, como aliás já se tem vindo a notar, e a geração dos avós prestará um maior suporte aos seus descendentes diretos e até a netos. A violência doméstica poderá também agravar-se uma vez que, não havendo possibilidade de sustento individual, os casais em rotura poderão ser obrigados a partilhar o mesmo espaço, o que trará repercussões para toda a família.²¹

Para além disso, já constatado e reportado, o confinamento provocado pela COVID-19 fez crescer as tensões familiares e, por consequência, as manifestações de violência na família. Assim, será necessária uma adaptação constante à atualidade e de tudo o que a regula e preza, zelando pelo caminho, a meu ver, correto de valorização pela liberdade e opinião individual dos seus elementos.

Outra realidade portuguesa, passa pela opção do casal de não ter filhos, realidade esta que tem vindo a crescer de tal forma que hoje os casais sem filhos são «somente menos 400 mil do que os que têm descendência.»²²

Destacam-se ainda as famílias monoparentais, que sofreram um enorme aumento nos últimos anos - em 1992 eram cerca de 203 mil, aumentando em 2011 para mais de 413 mil. Em todo o caso, a guarda da criança é maioritariamente entregue à mãe (85,4% em 1992, 88,2% em 2011 e 87% em 2018).²³

²⁰ No princípio de 2020, o mundo deparou-se com uma nova realidade fomentada pela pandemia COVID-19. Informação sobre o tema disponível em WWW: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>

²¹ CORDEIRO, Mário – *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*, p.31.

²² COSTA, Joana Ferreira da; TEIXEIRA, António José (Coord.) - *Famílias como as nossas* [em linha]. [Consul. 03 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://fronteirasxxi.pt/familias/>

²³ CORDEIRO, Mário – *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*, p.28.

Também a percentagem de filhos nascidos «fora do casamento» atinge hoje 45% da realidade portuguesa. No entanto estes números poderão não corresponder à realidade, uma vez que existem cada vez mais uniões de facto não registadas ou uniões quotidianas.²⁴

No que concerne a divórcios, em 2011 existiam em Portugal 70 divórcios por 100 casamentos, uma taxa que aumentou muito no último século. Felizmente esta tendência começou a inverter-se nos últimos anos – de 2011 até 2018, o número de divórcios por casamentos diminuiu para 59%. Porém, esta percentagem continua a ser bastante elevada, o que não significa que se tenha deixado de acreditar na família ou na sua importância. Esta muitas vezes acaba simplesmente por sofrer uma remodelação, razão pela qual as famílias reconstituídas aumentaram a passos largos - desde 1995 até aos dias de hoje, nasceram mais de 300 mil bebés neste novo seio familiar.²⁵ Analisando outros números, estimava-se em 2011 que a probabilidade de as crianças nascidas nesse ano viverem com ambos os progenitores, quando atingissem os 10 anos de idade, era inferior a 50%, estatística que parece também vir a confirmar-se.²⁶

Por outro lado, talvez impulsionados por esta reorganização familiar, existem cada vez mais famílias em Portugal: 2,4 milhões em 1960, 4 milhões em 2011 e 4,1 milhões em 2018. A dificuldade agora prende-se com o número de elementos por família. Se, na década de 60 do século XX, era habitual existirem agregados de 4 ou 5 elementos, em 2018 esse número reduziu para metade, colocando a normalidade em 2,5 pessoas por família.²⁷

A «família numerosa» mudou, portanto, de significado, «para quem tem menos de 30 anos, ter uma família alargada significa ter pelo menos dois irmãos, enquanto para as gerações mais velhas significa ter três ou mais irmãos.»²⁸ Naturalmente, os que são provenientes de famílias maiores procurarão constituir, também eles, famílias com mais elementos, reduzindo, para o efeito, o tempo de intervalo entre o primeiro e o segundo filho. Ainda

²⁴ CORDEIRO, Mário – *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*, p.46.

²⁵ COSTA, Joana Ferreira da; TEIXEIRA, António José (Coord.) - *Famílias como as nossas* [em linha]. [Consul. 03 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://fronteirasxxi.pt/familias/>

²⁶ CORDEIRO, Mário – *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*, p.29.

²⁷ Dados PORDATA.

²⁸ FERREIRA, Paulo; ROSA, Maria João Valente - *Nascer em Portugal* [em linha]. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em WWW: <http://nasceremportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>

assim, constata-se que a chegada do primeiro filho tem sido adiada, levando a um segundo adiamento ou até à desistência do aparecimento de outros.²⁹ De facto, a idade em que as mulheres têm o seu primeiro filho reduziu,

Em cerca de três décadas, de 23,1 anos para 30,0 anos, ou seja, quase sete anos num espaço de tempo tão curto, pese as variações entre os extremos. Estas idades eram ainda mais baixas quando recuamos algumas décadas. Este dado estará relacionado com toda a transformação do paradigma da vida do casal, com a escolarização mais prolongada e com a situação laboral, de trabalho e de emprego, dos pais, além de uma perspetiva porventura diferente daquilo que um filho representa na vida de duas pessoas, e até de uma só pessoa, quando equacionada como indivíduos, bem como a previsão que um casal faz do nº de filhos que vai ter.³⁰

Na realidade portuguesa, é assim seguro concluir que as mulheres não só reduziram o número de filhos - em 1960 a média era de 3,2 filhos por mulher ao passo que, em 2017 é de 1,4 filhos³¹, - como adiam esse processo.

Mais ainda, este adiamento da parentalidade, tanto nos homens como nas mulheres, é mais recorrente quanto os níveis de escolaridade são superiores, o que não indica que os casais ambicionam menos filhos, muito pelo contrário. Simplesmente, com mais anos de estudo, mais tardiamente se iniciam no mercado de trabalho, conseqüentemente, adiam o alcance da autonomia financeira que lhes permitiria estabilidade para iniciarem a sua vida conjugal e o alargamento da família. Adiamento que é igualmente acompanhado pelas idades do primeiro casamento: se em 1960 os homens se casavam aos 27 anos e as mulheres aos 25 anos, hoje os números passaram para 34 anos e 32 anos, respetivamente. Adicionalmente, a exigência profissional e a difícil conciliação de uma carreira com o ritmo familiar tornam-

²⁹ FERREIRA, Paulo; ROSA, Maria João Valente - *Nascer em Portugal* [em linha]. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em WWW: <http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>

³⁰ CORDEIRO, Mário – *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*, p.43.

³¹ COSTA, Joana Ferreira da; TEIXEIRA, António José (Coord.) - *Famílias como as nossas* [em linha]. [Consul. 03 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://fronteirasxxi.pt/familias/>

se também fatores dominantes na hora da decisão,³² sobretudo quando é agora possível à mulher ter outra profissão que não a de doméstica ou cuidadora da família.

Em suma, é certo afirmar que a família mudou.

Esta não é hoje somente composta por pai, mãe ou filho e pode, em todo o caso, não existir laço matrimonial ou registo oficial que a sustente. As crianças nascem cada vez mais ao abrigo de apenas um dos progenitores, seja por situação de divórcio, de abandono ou de escolha (monoparental) e, nesta nova realidade, os nomes não se esgotam: existem agora padrastos, madrastas, meios-irmãos, enteados e uma série de laços não biológicos que ganham uma nova importância. De tal forma que o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem reconheceu a importância da família afetiva³³, a família que, com toda a sua dinâmica, impulsionará a nossa identidade.

Falta agora à lei portuguesa acompanhar a evolução da sociedade e abandonar o conceito da família que a define como um laço meramente biológico.³⁴

³² FERREIRA, Paulo; ROSA, Maria João Valente - *Nascer em Portugal* [em linha]. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em WWW: <http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>

³³ REIS, Carolina – *Famílias de todas as formas e feitios* [em linha]. [Consult. 03 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2017-03-12-Familias-de-todas-as-formas-e-feitios>

³⁴ DECRETO-Lei n.º 47344. [Consult. 15 out. 2020]. Disponível em WWW: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/147103599/202101300000/73907412/diplomaPagination/diploma/79?did=34509075&filter=Filtrar>

I.III Levantamento dos nomes da família: Reis e Moura; Ferraz Pereira; Nunes da Silva; Nunes de Sá Mourão;

Por concordância de que a família é dos mais importantes pilares da nossa sociedade e que é, também ela, responsável pelas pessoas em que nos tornamos, pela nossa identidade, torna-se claro que não é possível desvincular este trabalho da esfera privada de quem o produz. Trata-se de um exercício de (auto)retrato, uma reflexão sobre si, feita através de outros. Outros que, pela importância que assumem, pelas dinâmicas que vão surgindo e que nos afetam, acabam por nos transformar. Em mim haverá sempre parte deles e neles parte de mim.

Assim, iniciou-se este trabalho de projeto com foque na minha família, inicialmente assente no núcleo familiar que me tem formado, diretamente. No entanto, para chegar a este núcleo e às transformações que tem vindo a sofrer ao longo dos anos, não faria sentido desprender-me das sucessivas ligações que os trouxeram até mim. Ou, por outro lado, que tornaram possível a minha chegada a este seio familiar, pelo que esta análise se estendeu até aos meus bisavós. E é através deles que surgem os quatro grandes grupos de família que viriam a formar o meu núcleo, a saber,

- Família Ferraz Pereira (nome de família da avó materna);
- Família Nunes de Sá Mourão (nome de família do avô materno);
- Família Reis e Moura (nome de família da avó paterna);
- Família Nunes da Silva (nome de família do avô paterno);

Segundo o artigo 1875º, nº 2 do Código Civil, «A escolha do nome próprio e dos apelidos do filho menor pertence aos pais; na falta de acordo decidirá o juiz, de harmonia com o interesse do filho». De facto, das diversas decisões que se terá de fazer, aquando do nascimento de um novo elemento, destaca-se a escolha do nome próprio e do(s) apelido(s) que constituirão o nome completo do recém-chegado.

Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo.

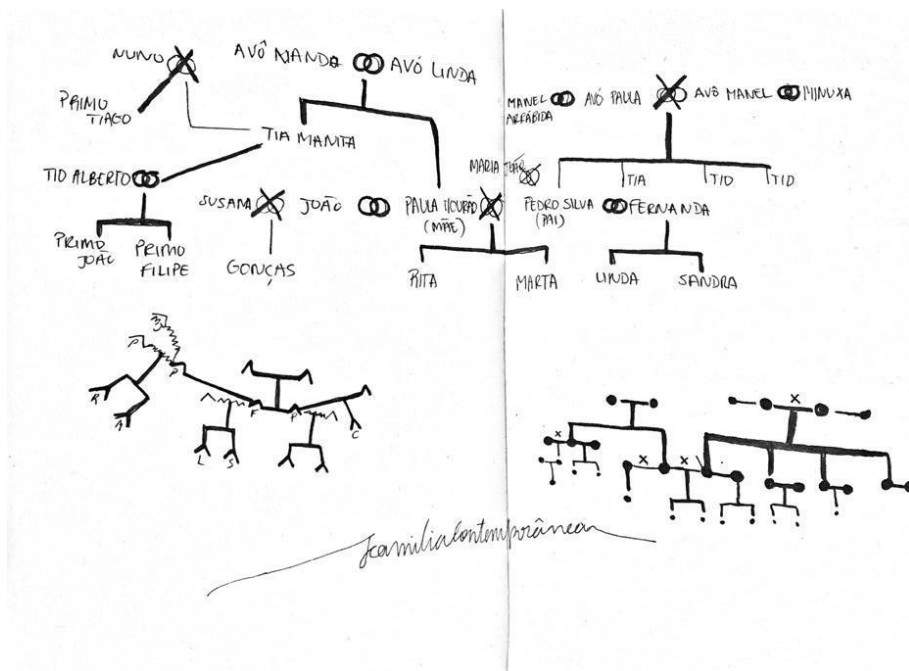


Fig. 1 – Ana Rita Silva. Primeiro esboço do núcleo familiar, estudos de interpretação à árvore genológica, 2017. Caderno de Artista, 28,3 x 21 cm, aneta sobre papel.

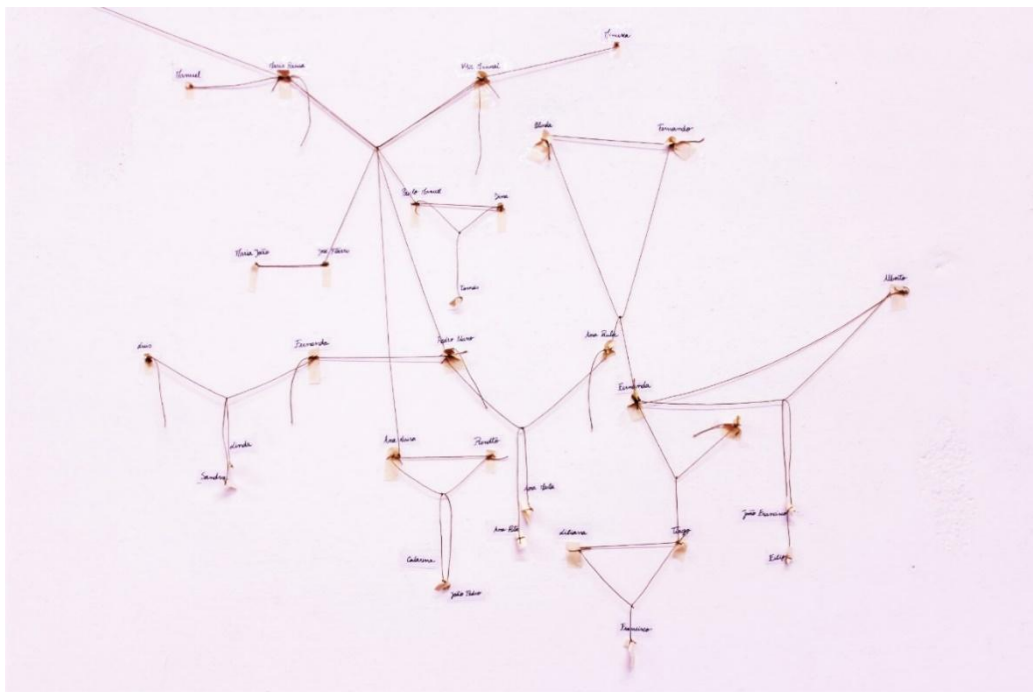


Figura 2 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 76 x 60 cm, cordel de sisal, fita-cola, caneta sob papel e papel cenário.

A formação dos nomes (ou quaisquer normas legais sobre estes) e a adoção do apelido do marido por parte das mulheres vigoram em Portugal há apenas 70 anos (Código do Registo Civil de 10 de abril de 1928).³⁵ No entanto, a sua importância, relacionada com o legado da família e a identidade, vigoram desde sempre.

Na definição do Instituto dos Registos e do notariado, «os apelidos constituem a segunda parte do nome das pessoas e, juntos ao nome próprio, completam a sua designação oficial, permitindo estabelecer a ligação do registando à família a que pertence.»

Acredita-se que o surgimento dos apelidos recue ao Renascimento ou até a períodos anteriores. No entanto, pouco se conhece sobre a sua génese e forma de transmissão.

A partir do séc. XVI, o povo ganhava o direito ao nome e ao apelido, que não tinha o significado que tem atualmente. Note-se que, naquela altura, surgiam os nomes próprios, seguidos de uma referência ao nome da terra e aos elementos da natureza ou ao nome do pai, por forma de distinção entre a comunidade e afirmação da posição social. Em certos casos, esta fazia-se ainda por um terceiro elemento que se poderia tratar de uma alcunha, de uma associação à profissão desempenhada ou até à religião.

Nascem, então, os Silvas, dos campos de silvas, os Ferreiras, de um lugar ferroso, os Costas, devido à localização geográfica. Dos nomes dos pais veem os Henriques, filhos de Henrique, os Fernandes, filhos de Fernando, os Mendonças, filhos de Mendo, os Enes, filhos de João. Às profissões vão buscar o Ferreiro, o Ferrador, ou Tecedeiro.³⁶

³⁵ MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica* [em linha]. [Consult. 15 set. 2020]. Disponível em WWW: <http://journals.openedition.org/etnografica/1599>

³⁶ *Idem, ibidem.*

A forma como se passou desta adoção natural de nomes que iam além do nome próprio, para o seu uso assumido como apelido, é desconhecida. Desde a falta de registos à tardia definição de normas legais, tudo se tornava possível.

Analisando a conjugação dos apelidos até ao século XIX, por exemplo, constata-se que habitualmente se utilizava como primeiro apelido, o apelido do pai e em último o da mãe – o que nos dias de hoje se verifica ao contrário. No entanto, naquela altura, era igualmente possível escolher de entre todos os apelidos utilizados pelos pais ou até escolher qualquer um outro dos utilizados pelos quatro avós, o que gerava dentro da mesma família irmãos com apelidos diferentes.

Esta tendência, mais vincada no século XVII com cerca de 83% dos filhos a utilizarem apelidos distintos entre eles, começou a inverter-se no século XVIII, inversão que se prolongou até ao século XIX no qual a percentagem de irmãos com o mesmo primeiro apelido aumentou para 88%. Uma prova clara da vontade de imposição do nome da família, onde se procura manter uma conjugação de apelidos específicos através das diferentes gerações - uma forma de passagem de testemunho do peso da família, que liga o elemento mais velho ao mais novo e que permite acompanhar a linhagem e os feitos dos elementos que a constituem.

A adoção do apelido do marido, por parte das mulheres, não tinha também norma reguladora, «esta era, pois, uma prática ausente na elite aristocrática portuguesa.»³⁷. Acredita-se que este costume se tenha igualmente iniciado no século XIX, sendo que a primeira referência legislativa que contempla essa possibilidade é a lei republicana da família (25 de dezembro de 1910).

Compreende-se então que as práticas dominantes em Portugal eram, até ao século XIX, bastante similares com as aplicadas no resto da Península Ibérica, nomeadamente, no que diz respeito à ordem dos apelidos herdados pela mãe e pelo pai. Tomemos por exemplo, o nome do próprio António de Oliveira Salazar (1889/1970), filho de António de Oliveira (1839/1932) e de Maria do Resgate Salazar (1845/1926).

³⁷ REIS, Carolina – *No reino dos Silvas, Santos e Pereiras* [em linha]. [Consult. 07 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2015-10-18-No-reino-dos-Silvas-Santos-e-Pereiras>

Só em 1928-1932, se cria uma regra que distingue Portugal do resto da península e que vem reforçar a autoridade paternal, colocando o apelido do pai no fim dos nomes de todos os elementos da família.

Esta construção social não tem, no contexto português, os contornos históricos bem delineados. Aliás, não é possível definir o porquê de determinados apelidos se terem tornado os mais comuns na população portuguesa, da mesma forma que um apelido em Portugal pode, tão rapidamente pertencer a uma família de elevadas posses, de nome e história, como a outra que nada teria. Não obstante, torna-se interessante compreender e acompanhar a evolução do nome e da importância que lhe passou a ser atribuída.

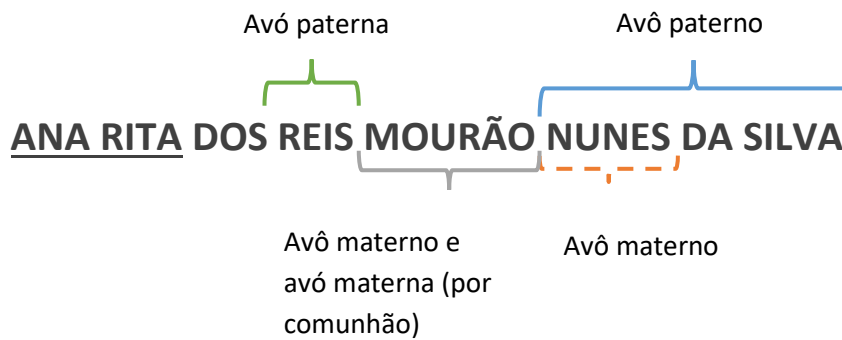
Apelidos como os que aqui se estudam, encontram-se, segundo os registos do primeiro semestre de 2015, entre os 100 mais comuns de Portugal.³⁸ Em primeiro lugar o «Silva», com 1956 registos e que ocupa o lugar cimeiro desde que há memória - destes, parte serão certamente da minha família, da linha do meu avô paterno; em 3º lugar surgem os «Pereira», com 998 registos – linha da minha avó materna; a ocupar o 29º lugar o «Nunes», que chega até mim pelo meu avô paterno e também pelo meu avô materno e que conta com 275 registos; em 38º lugar surgem os «Reis», provenientes da linha familiar da minha avó paterna, com 206 registos; por fim, ainda no *ranking* dos 100 mais comuns, surge «Moura», com 82 registos e no 82º lugar.

Efetivamente, para além da curiosidade que tal possa satisfazer, estes registos pouco ou nada acrescentam sobre os indivíduos que os utilizam até porque, muitas das ligações não se encontram documentadas ou podem, simplesmente, não existir.

Analisando o meu nome completo, rapidamente se nota a ausência de um dos apelidos dos quatro grupos de família (Pereira), facilmente justificado pela minha avó materna ter, por questões matrimoniais, assumido o apelido de família do meu avô, «Mourão» – algo que, como supra mencionado, nem sempre foi regra. Assim, este foi-me transmitido como um apelido comum.

³⁸ *Idem, ibidem.*

Por outro lado, os meus avós paternos, à data do meu nascimento, já se haviam divorciado e por esse motivo, foram-me atribuídos os seus apelidos separadamente.



Não obstante, por mais Silvas, Nunes, Mouras, Reis ou Pereiras que possam surgir, creio ser comum a importância que hoje atribuímos aos nossos apelidos, reconhecendo que não os temos por acaso. É a forma como o mesmo nos chega que o torna tão próprio, que nos liga à nossa família mais longínqua e, por mais que existam outros tantos apelidos iguais, esses não são o nosso, pois as pessoas que os transportam não são as mesmas que constituem a nossa família.

Para além do apelido, a escolha do nome próprio, aquando do nascimento de um novo elemento, pode também ser influenciada pelos restantes elementos da família. Inconsciente ou conscientemente, os pais optam inúmeras vezes por dar aos seus filhos os nomes dos avós, de algum tio, do próprio pai ou de algum membro mais relevante na sua formação. Não é por acaso que, dentro do mesmo seio familiar, os nomes se repetem.

É certo que, também aqui, não existe uma regra pré-estabelecida, porém, e fazendo a análise aos nomes próprios existentes dentro dos quatro grupos de família, é possível identificar a existência desta tendência na seleção.

Para efeitos de estudo, registou-se primeiramente qual a variedade de nomes próprios existentes e número de repetições. Nesta vertente contou-se o primeiro nome, independentemente do nome ser simples ou composto em registo, isto é, ainda que para

efeitos legais o meu nome próprio seja «Ana Rita», nesta contagem apenas se registou o «Ana».

Numa segunda perspetiva, fez-se a contabilização dos elementos que recorreram a nome simples e a nome composto – nome próprio constituído por dois nomes.

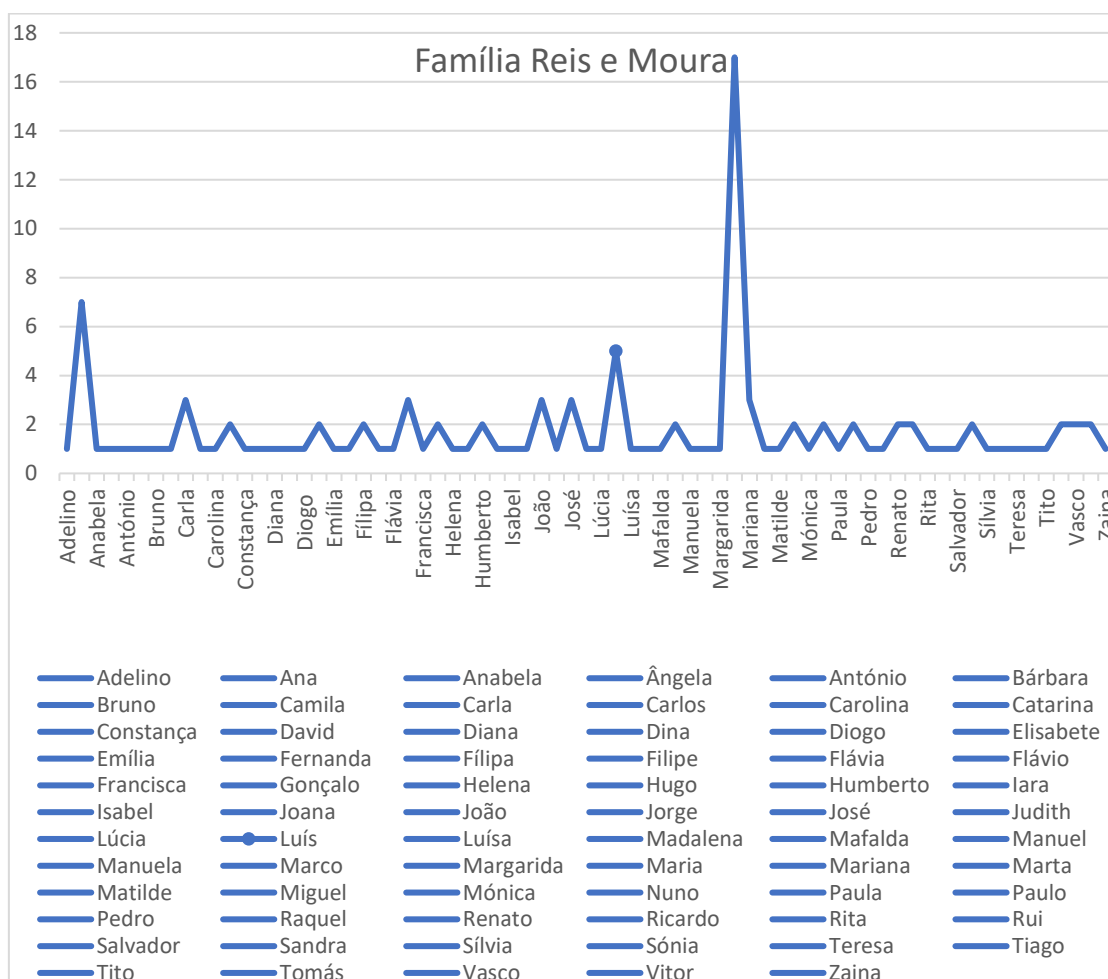


Gráfico 1 – Família Reis e Moura
 Produção própria
 Dados recolhidos: março 2020

Na família Reis e Moura, contabilizaram-se 123 elementos com 71 nomes diferentes. Destes, destaca-se que 12 se chamam «Maria», 7 são «Ana» e 5 são «Luís».

No que aos nomes compostos diz respeito, curiosamente, o facto da família ser maior, acentuou o número de nomes compostos (72 elementos, que corresponde a 58,54%). Aqui, surgem indubitavelmente com o intuito de se acrescentar ou atribuir ao nome do recém-chegado uma referência familiar - a título de exemplo, tanto eu como a minha irmã temos de primeiro nome «Ana», referência à nossa mãe que também se chama «Ana» de primeiro nome, no entanto, e para distinção, às três foi atribuído um segundo nome, nomeadamente, Rita, Marta e Paula.

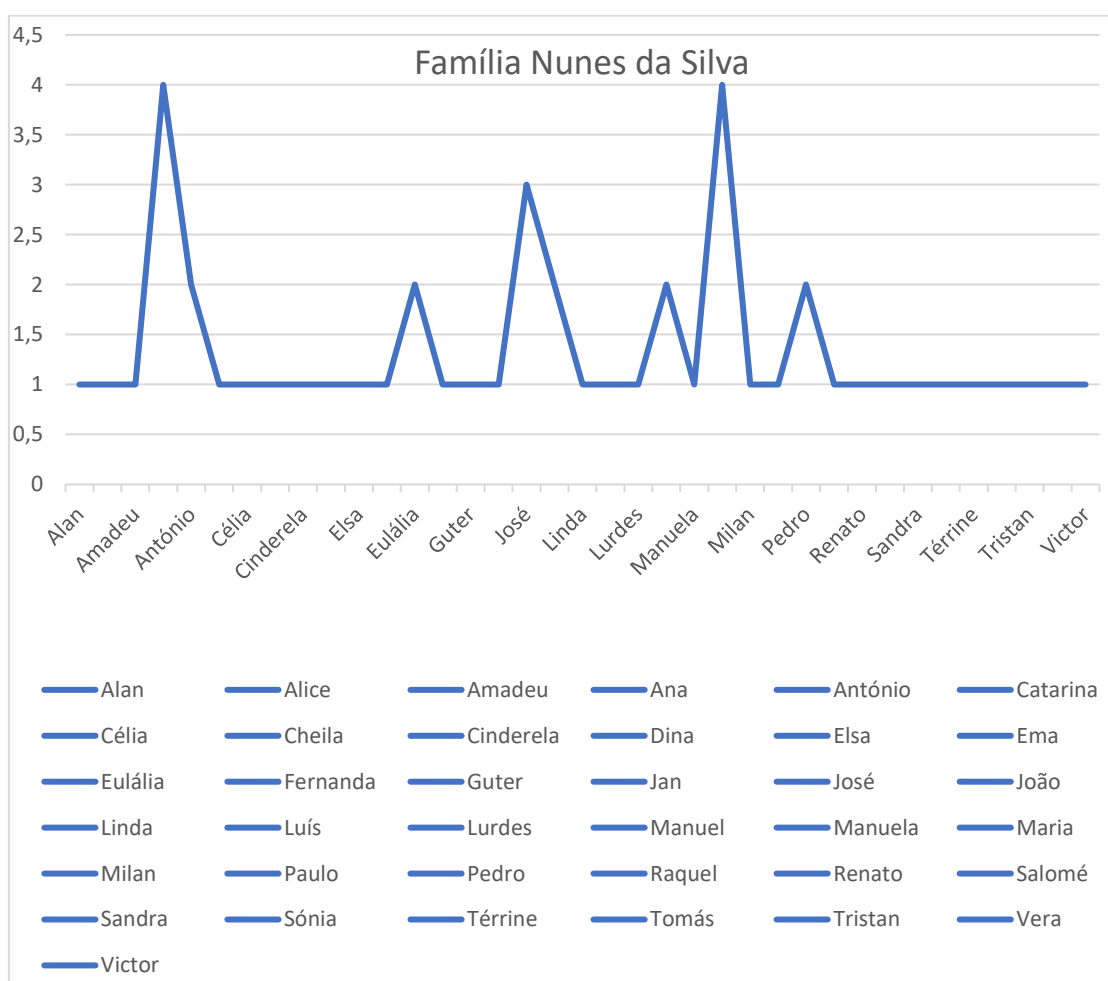


Gráfico 2 – Família Nunes da Silva
 Produção própria
 Dados recolhidos: março 2020

Comparativamente à anterior, na família «Nunes da Silva» existe uma redução para 50 elementos, com 37 nomes distintos, entre os quais 4 «Maria», 4 «Ana» e 3 «José».

Nestes contam-se 19 nomes compostos e 31 nomes simples.

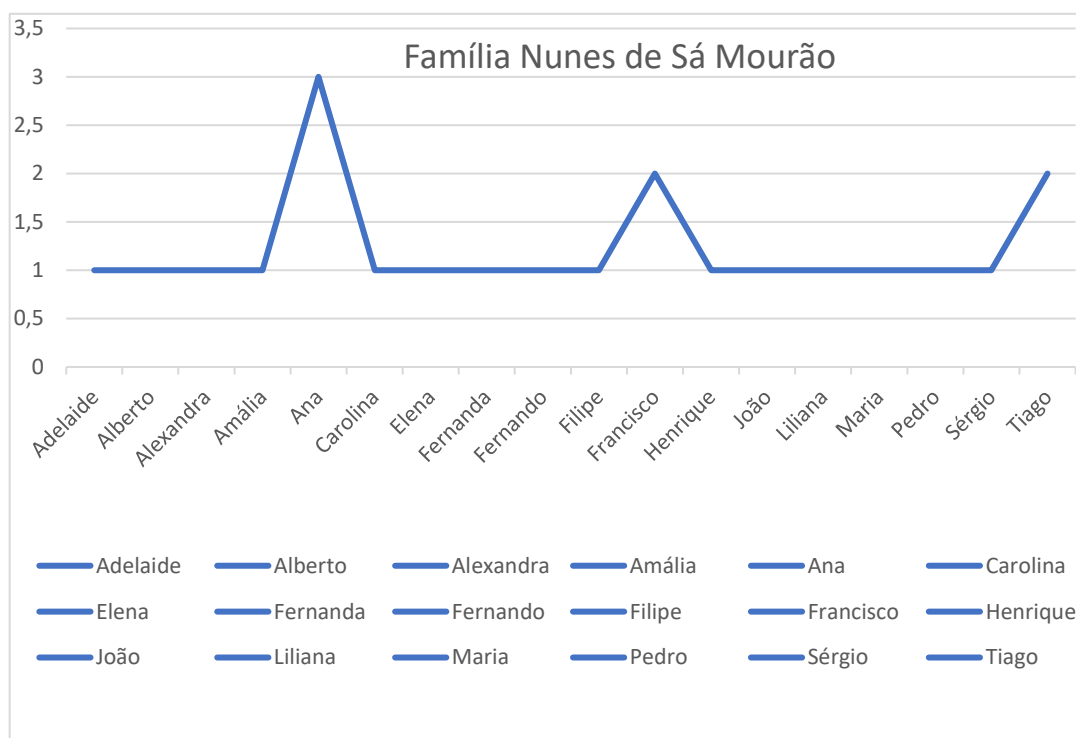


Gráfico 3 – Família Nunes de Sá Mourão
Produção própria
Dados recolhidos: março 2020

A família «Nunes de Sá Mourão» é, de entre os quatro grupos de família, o mais pequeno. Neste existem apenas 22 elementos e não existem, na sua maioria, nomes repetidos (18 nomes distintos), ainda assim, contabilizam-se 3 «Ana», 2 «Tiago» e 2 «Francisco».

Relativamente a nomes compostos *versus* nomes simples, contabilizam-se 6 nomes compostos (28,57%) e 15 nomes simples (71,43%).

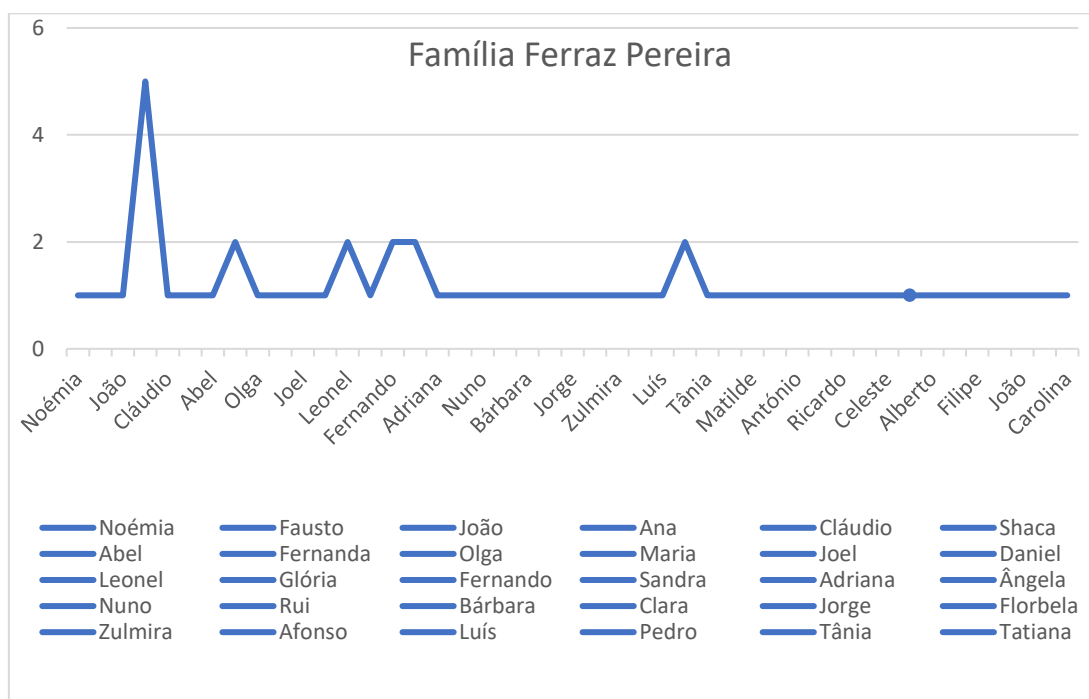


Gráfico 4 – Família Ferraz Pereira

Produção própria

Dados recolhidos: março 2020

Por fim, a família «Ferraz Pereira» contabiliza 54 elementos, com 39 nomes distintos (83,33%) e 6 nomes repetidos – Ana (x5), Leonel (x2), Fernando (x2), Pedro (x2), Sandra (x2) e Fernanda (x2).

Já em nomes compostos VS nomes simples, somam-se 13 nomes compostos (24,53%) e 40 nomes simples (75,47%).

Comparando os quatro grupos de família, é na família Reis e Moura que mais repetições existem. Relacionado ou não, é também esta a família que mais se promove por inteiro, isto é, todos os anos, pelo menos uma vez por ano, é realizado um almoço da família Reis e Moura, com todos os 123 elementos que a constituem. Um almoço de troca de experiências, de apresentação de novos elementos da família, novas organizações familiares que se começam a formar (primeiros namorados, mulheres, segundos casamentos, novo filho, etc.). Acredito que essa proximidade de gerações e núcleos familiares dentro da família, tenha influência na escolha dos nomes que a formam.

Sobre este tema, o antropólogo João de Pina Cabral fez à agência Lusa a seguinte observação: «a certa altura os primos têm todos os mesmos nomes. Depois vão dando alcunhas uns aos outros para se diferenciarem».³⁹

Contrariamente a outros países lusófonos, e como é possível constatar pelos quatro exemplos supra apresentados, as famílias portuguesas arriscam pouco na escolha dos nomes próprios, os que existem são poucos e repetem-se em homenagem aos antepassados. Em suma, pode afirmar-se que,

Toda a gente tem uma história, e o nome é também parte dessa história. O primeiro nome é atribuído como se fosse um exclusivo. Envolto em carinho e ansiedade, é a primeira escolha que os pais fazem para os filhos, e algo que os acompanhará para o resto da vida.

Do lado final do registo está o outro nome, o apelido, que a criança herdará e que também carregará para o resto da vida.⁴⁰

Mas afinal, qual é a importância do nome? Entre o nome que nos é atribuído quando nascemos, sobre o qual não temos decisão, ou os nomes que vamos construir ao longo da vida (nome de casada, alcunha, nome profissional, etc.), qual terá mais peso?

Segundo o Instituto dos Registos e do Notariado, o nome próprio «é o elemento verdadeiramente individual do nome com que as pessoas são diferenciadas, é por ele que as pessoas são chamadas por familiares e amigos.»⁴¹

É, também o nome, uma construção da nossa identidade.

³⁹ LUSA - *Portugueses dão muita importância aos apelidos, mas arriscam pouco ao dar o nome aos filhos* [em linha]. [Consult. 20 ago. 2020]. Disponível em WWW: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/portugueses-dao-muita-importancia-aos-apelidos-mas-arriscam-pouco-ao-dar-o-nome-aos-filhos-livro_n164845

⁴⁰ REIS, Carolina – *No reino dos Silvas, Santos e Pereiras* [em linha]. [Consult. 07 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2015-10-18-No-reino-dos-Silvas-Santos-e-Pereiras>

⁴¹ *Instituto dos Registos e Notariado – Composição do nome* [em linha]. [Consult. 02 set. 2020]. Disponível em WWW: https://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registo-civil/docs-do-civil/dar-o-nome/

I.IV Análise geracional

Ainda na fase inicial deste trabalho de projeto, procurou-se trabalhar os dados da família partindo de uma perspetiva matemática, como que numa alusão à minha mãe que estudou, ensina e respira matemática.

Realizou-se assim uma análise estatística dos quatro grupos de família. Para o efeito, considerou-se necessário contabilizar o número de divórcios, número de casamentos e, ainda, o número de segundos ou mais casamentos. Nesta análise, consideram-se como casamento qualquer tipo de laço afetivo formado e como divórcio qualquer tipo de separação, não restrito a relações matrimoniais. De igual forma, analisou-se o número de elementos de cada sexo.

Por fim, e com base nas dinâmicas analisadas anteriormente, foi possível conferir quais os tipos de família – no que à sua composição diz respeito, conforme anunciado no capítulo I – existentes nos diferentes núcleos familiares.

	<i>Reis e Moura</i>		<i>Nunes da Silva</i>		<i>Nunes de Sá Mourão</i>		<i>Ferraz Pereira</i>	
	H	M	H	M	H	M	H	M
1 casamento	19	15	7	7	4	3	10	10
>2 casamentos	10	1	2	1	0	2	0	2
Totais casamentos p/sexo	29	16	9	8	4	5	10	12
Divórcios p/sexo	14	2	4	1	0	3	1	3
Totais casamentos atualmente p/sexo	15	14	5	7	4	2	9	9

Tabela 1 –Casamentos e divórcios p/sexo

Produção própria

Dados recolhidos: março 2020

Importante ressaltar que uma pessoa pode pertencer a mais do que uma família! Exemplificando, tanto a minha mãe como a sua irmã e os respetivos casamentos, encontram-

se representados nas colunas correspondentes às famílias Nunes de Sá Mourão (enquanto descendentes diretas do meu avô) e Ferraz Pereira (enquanto descendentes diretas da minha avó).

Partindo da *Tabela 1 – Casamentos e divórcios por sexo* é possível constatar que:

- Houve menos segundos casamentos das mulheres Reis e Moura que de homens da mesma família (proporção de 1 para 10);
- Houve mais divórcios por parte dos homens da família Reis e Moura em relação às mulheres da mesma família (proporção de 14 para 2);
- Existe uma baixa taxa de divórcio em relação aos casamentos da parte das mulheres das quatro famílias;
- Na família Ferraz Pereira existe o mesmo número de primeiros casamentos (10) de homens e de mulheres e dos homens apenas 1 se divorciou, não voltando a casar;
- Houve 14 primeiros casamentos na família Nunes da Silva, seguidos de 5 divórcios, dos quais surgiram mais 3 segundos casamentos.

	Reis e Moura	Nunes da Silva	Nunes de Sá Mourão	Ferraz Pereira
Totais casamentos	45	17	9	22
Totais divórcios	16	5	3	4
Totais casamentos não interrompidos por divórcio	29	12	6	18

Tabela 2 – Totais de casamentos e divórcios
Produção própria
Dados recolhidos: março 2020

Segundo a *Tabela 2 – Totais de casamentos e divórcios*, podemos observar que a família Reis e Moura é, dos quatro grupos familiares, a que registou maior número de casamentos e de divórcios. Na família Reis e Moura, Nunes da Silva e Nunes de Sá Mourão, o número de divórcios é cerca de um terço do número total de casamentos, ao contrário da família Ferraz Pereira que é aproximadamente um sexto.

Sexo e nº de elementos por grupo familiar							
<i>Reis e Moura</i>		<i>Nunes da Silva</i>		<i>Nunes de Sá Mourão</i>		<i>Ferraz Pereira</i>	
H	M	H	M	H	M	H	M
72	51	23	27	11	11	25	29
123		50		22		54	

Tabela 3 – Totais de homens e mulheres por grupo familiar

Produção própria

Dados recolhidos: março 2020

No que à igualdade de género diz respeito, conforme se pode observar na *Tabela 3 – Totais de homens e mulheres por grupo familiar*, as famílias Nunes da Silva, Nunes de Sá Mourão e Ferraz Pereira têm sensivelmente o mesmo número de homens e de mulheres, já na família Reis e Moura o número de elementos do sexo masculino supera o número do sexo oposto por 21 elementos.

	Reis e Moura	Nunes da Silva	Nunes de Sá Mourão	Ferraz Pereira
<i>Díade nuclear</i>	X	X		X
<i>Família Grávida</i>	X	X		
<i>Família nuclear</i>	X	X	X	X
<i>Família alargada</i>			X	X
<i>Família com prole extensa</i>	X			
<i>Família reconstituída</i>	X	X	X	X
<i>Família homossexual</i>				
<i>Família monoparental</i>			X	X
<i>Dança a dois</i>				
<i>Família Unitária</i>	X	X		
<i>Família de coabitação</i>				
<i>Família comunitária</i>				X
<i>Família hospedeira</i>			X	

<i>Família adotiva ou de adoção</i>				
<i>Família consanguínea</i>				
<i>Família com dependente</i>	X		X	X
<i>Família com fantasma</i>			X	
<i>Família acordeão</i>			X	X
<i>Família flutuante</i>				
<i>Família descontrolada</i>	X	X	X	X
<i>Família múltipla</i>				
Totais:	8	6	9	9

Tabela 4 – Tipos de família por grupo familiar

Produção própria

Dados recolhidos: março 2020

Por fim, segundo os dados da *Tabela 4 – Tipos de família por grupo familiar*, verificamos que não existem famílias homossexuais, dança a dois, família de coabitação, família adotiva ou de adoção, família consanguínea, família flutuante ou família múltipla em nenhuma das quatro famílias. Por outro lado, em todas elas existem tipos de família nuclear, família reconstituída e família descontrolada.

Cada um dos quatro grupos familiares inclui mais de um terço dos vinte e um «Tipos de Família» descritos no capítulo 1 e identificados na *Tabela 4*.

I.V Desenvolvimento gráfico da informação recolhida

Para produzir o trabalho autêntico, é preciso que haja uma integração da nossa obra na nossa vida ou a integração da nossa vida na nossa obra.⁴²

Na descoberta de identidade, sobre a análise daqueles que são os valores mais importantes para mim, gritantemente, surgiu a família. A família próxima e a longínqua, os dramas e as histórias que passam de geração em geração e o quanto aqueles que nos são mais queridos têm a capacidade de influenciar, de nos fazer sorrir, mas também a inigualável capacidade que têm de nos magoar.

Faço parte de uma família contemporânea, das que se alterou com o tempo e cujas dinâmicas me interessa retratar. Mais, interessa perceber o que existia e não sabíamos, as histórias e semelhanças que, de outra forma, não nos seriam contadas e ficariam guardadas nos recantos mais longínquos da memória.

Como referido anteriormente, iniciou-se a representação da família pelo meu núcleo familiar próximo, isto é: pais, irmãos, tios direitos, primos direitos e avós. Sobre estes anotaram-se os nomes e as relações passadas e presentes.

Por cada pessoa, recortei um pedaço de papel e coleí na parede (figura 3). A cada pedaço atei um fio à volta, dobrando o papel ligeiramente em forma cónica. Comecei pelos meus pais e coloquei, em cada ponta, os nomes «Pedro» e «Ana Paula», de seguida, representando o seu casamento, uni ambos os pedaços de papel com um fio.

Depois de unir o meu pai à minha mãe surge um novo fio entre os dois, que se une e dá um nó, mais em baixo, representando assim um descendente, o primeiro. Com um segundo filho, neste caso, eu, acrescenta-se uma linha que surge do nó anterior e, sendo mais nova, represento-me mais abaixo da minha irmã. (figura 4)

⁴² MOLDER, Maria Filomena - *Rebuçados Venezianos*, p.169.

Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo.

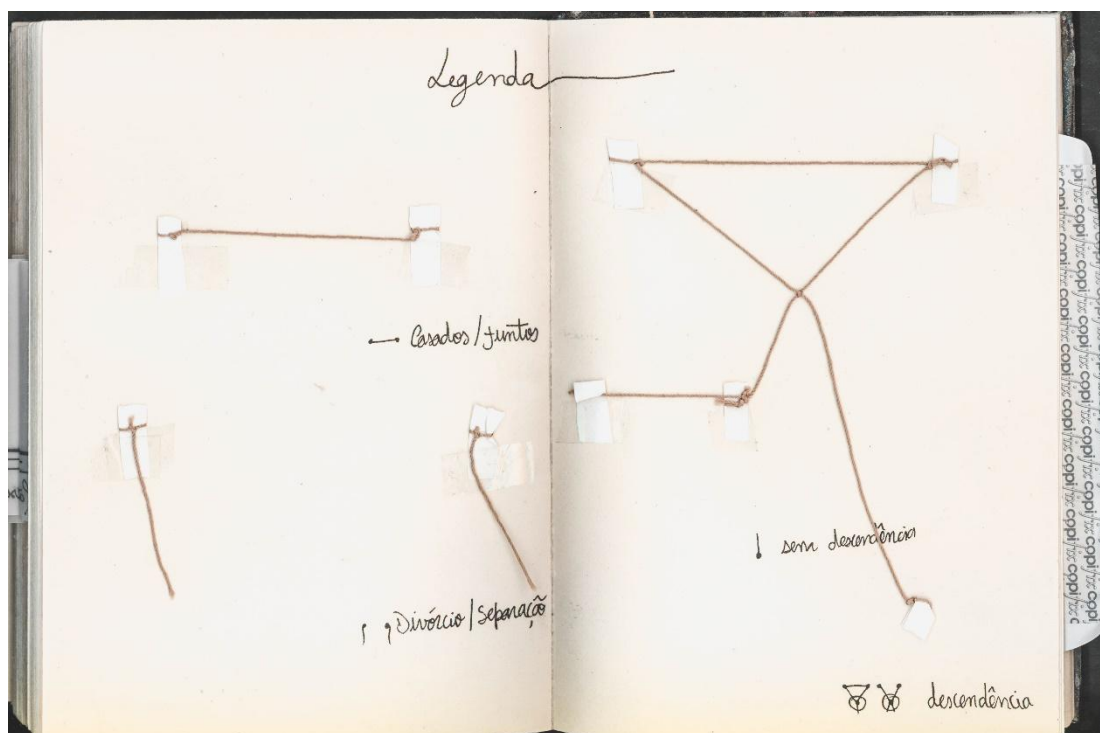


Fig. 3 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, linha, fita cola, caneta e papel de cenário sobre papel.

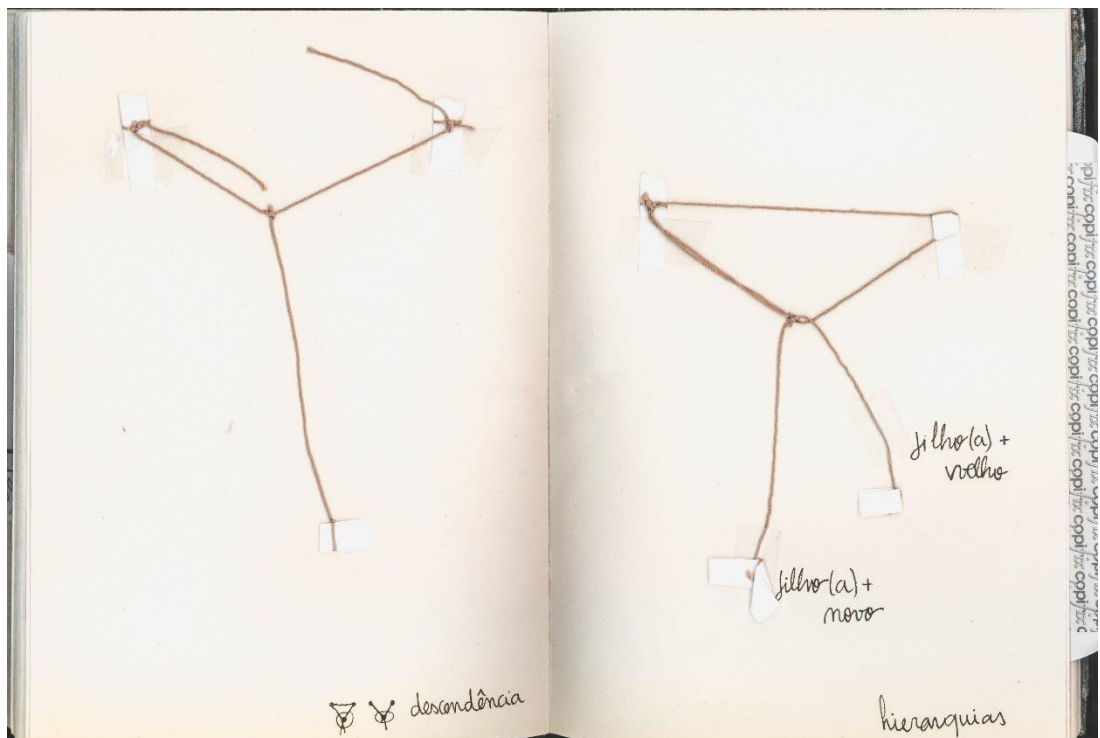


Fig. 4 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, linha, fita cola, caneta e papel de cenário sobre papel.

Uma vez que os meus pais se divorciaram, a linha que os unia, de casados, foi assim cortada. Manteve-se, no entanto, a ligação das filhas entre ambos.

Todo este processo foi contínuo até aos meus avós, paternos e maternos, repetidamente recortando e colando papéis, criando nós e ligações e fazendo as associações aos nomes e respetivas hierarquias.

Chegando aos avós diretos, e concluindo a árvore que dominava, surgiu o processo de reconhecimento e estudo da árvore genealógica completa. Para o efeito, solicitei aos elementos mais velhos do meu núcleo familiar que me apresentassem (figurativamente) as suas famílias, desta vez começando nos meus bisavós e descendo, por aí, do mais velho ao mais novo, dos meus primos. Com base em toda a informação que me foi transmitida pelos meus avós, fui integrando as estórias dos meus tios-avós (seus irmãos), de relacionamentos, nascimentos, divórcios e tudo quanto me reportassem.

Escolhi, para o processo de construção de «*Os meus álbuns de família – Parte I*» material de desgaste rápido e de fácil aplicação: os pedaços de papel são rasgados à medida do nome, a partir de uma folha A4; o fio, é cordel de sisal simples e prático, emprestado das caixas de costura da minha mãe; enquanto que os nomes e os fios estão colados por fita cola transparente. Procura-se, pelo material, representar também a plasticidade de uma família, onde, as construções e desconstruções das relações são recorrentes e na realidade, bastante frágeis. Também, através de um material fácil de se estragar e de se substituir, contrasta-se com a ideia de famílias insubstituíveis.

Posteriormente, a esta obra foi acrescentado o processo descrito no capítulo III.II. completando desta forma a composição de «*Os meus álbuns de família – Parte I.*»

Das informações recolhidas, destaca-se a recolha da morada do mais velho, vivo, de cada núcleo familiar e residência, que me permitiu contactá-los diretamente através do envio de cartas (Figura 5) nas quais coloquei, por um lado, algumas questões sobre realização histórica, estatística familiar e respetiva árvore genealógica e por outro, de uma perspetiva mais sociológica, sobre o entendimento de cada um sobre o que é a família, se tinha percecionado o conceito da mesma de forma diferente ao longo do tempo e quando é que alguém seria considerado ou não parte do núcleo familiar.

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Noémia Azevedo Borges Pereira

Data Nascimento: 1949/27/5 Cidade: Santa Comba Dão

Nome da mãe: Celso Ferreira Borges

Nome do pai: Severino Pereira

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 7

Se sim, nome dos irmãos: Olinda Pereira Mourão - Felicidade Pereira Gonçalves - Abel Pereira - Jorge Pereira - M. glória Borges Pereira - M. do Carmo Pereira - Noémia Pereira

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Abel Borges Pereira faleceu a 2015. deixou descendência sim 4 - filhos - Margarida Pereira - Olga Pereira - Joel P. Severino P. Daniel P.

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Fausto Rosa
M. Fernanda da Costa Pereira
ou
Noémia Azevedo

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : Com quem (primeiro e último nome)? :

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Sim: filhos do mesmo casal - Noémia P. Pereira e Fausto Rosa

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: não Carlos Pereira Rosa faleceu em 2005 deixou descendentes - Ana Beatriz Sousa Pereira

Qual o seu nível de escolaridade? 4ª classe

Fig. 5 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Inquérito feito a familiar e recebido por correspondência, 21,0 x 29,7 cm.

Finalmente, pedia ainda fotografias (Fig. 6), memórias (Fig. 7 e 8) e outros registos (peças de roupa – Fig. 9) para que pudesse assim, criar uma memória coletiva da minha família.



Fig. 6 - Registo fotográfico de álbuns, fotografias e objetos enviadas por familiares. Dimensões variadas.



Fig. 7 - Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [detalhe], 2017. Fotografia enviada por familiares, 15 x 10 cm.

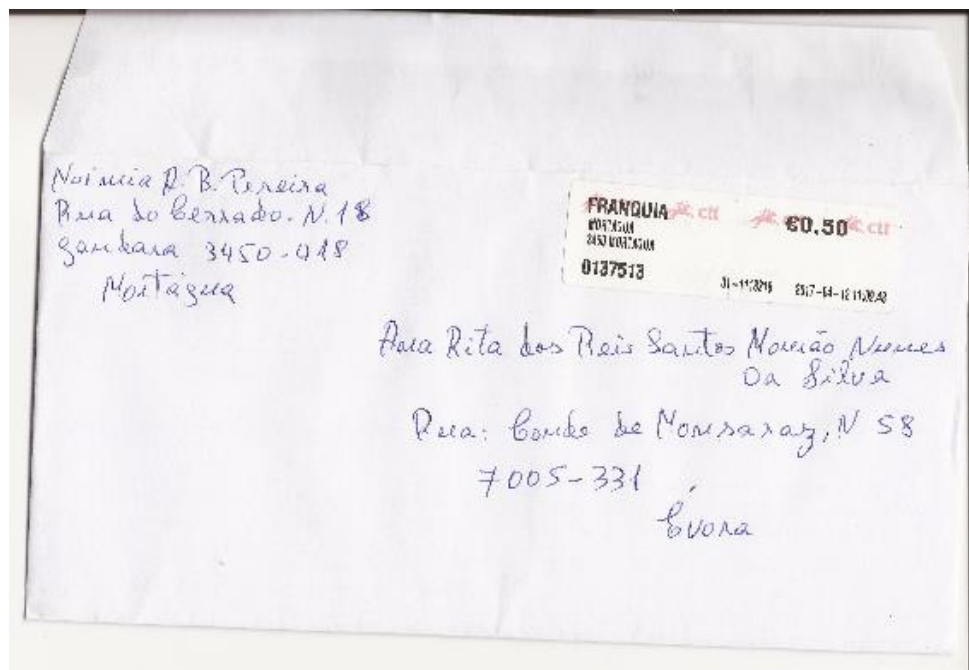


Fig. 8 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Envelope correspondência a familiar, 16,2 x 22,9 cm.



Fig. 9 - Registo fotográfico de álbuns, fotografias e objetos enviadas por familiares. Dimensões variadas.

Quando acabei de construir um primeiro esboço da árvore, com base na informação dos meus avós, criei aquele a que chamei de *caderno de memória da família contemporânea*, onde ia anotando e enumerando os nomes, os géneros, as assimetrias, as modas, os casamentos por género, divórcios por género e o número de nomes compostos e simples. Com toda a informação criei gráficos que facilitassem a leitura destes dados - recorrendo a papel vegetal em algumas situações (Fig. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16).

Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo.



Fig. 10 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china, papel e fita cola.

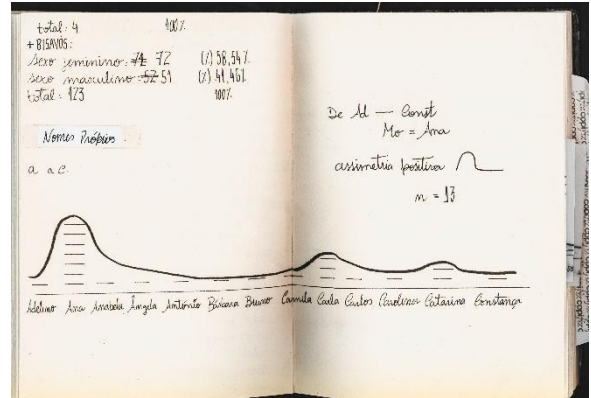


Fig. 11 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china, papel e fita cola.

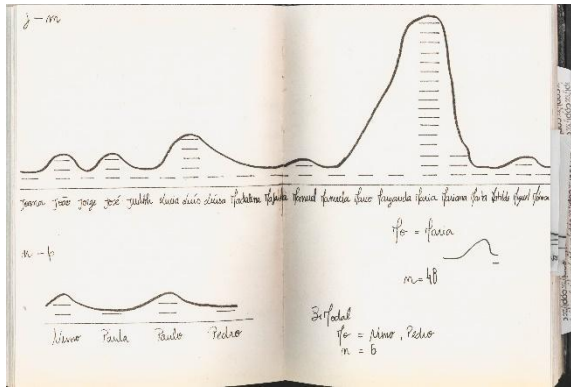


Fig. 12 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china.

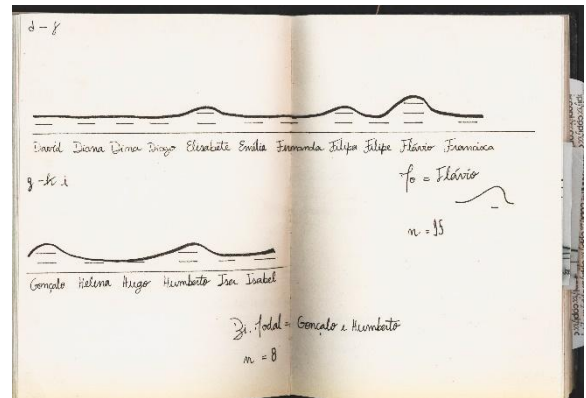


Fig. 13 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china.

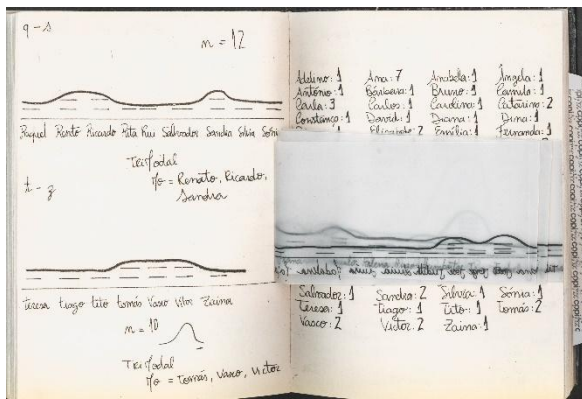


Fig. 14 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china e papel vegetal.

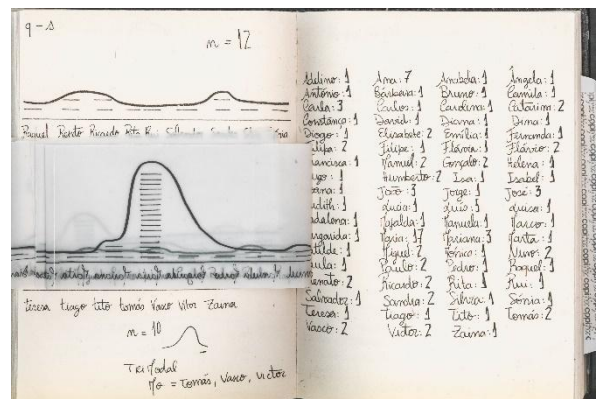


Fig. 15 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china e papel vegetal.

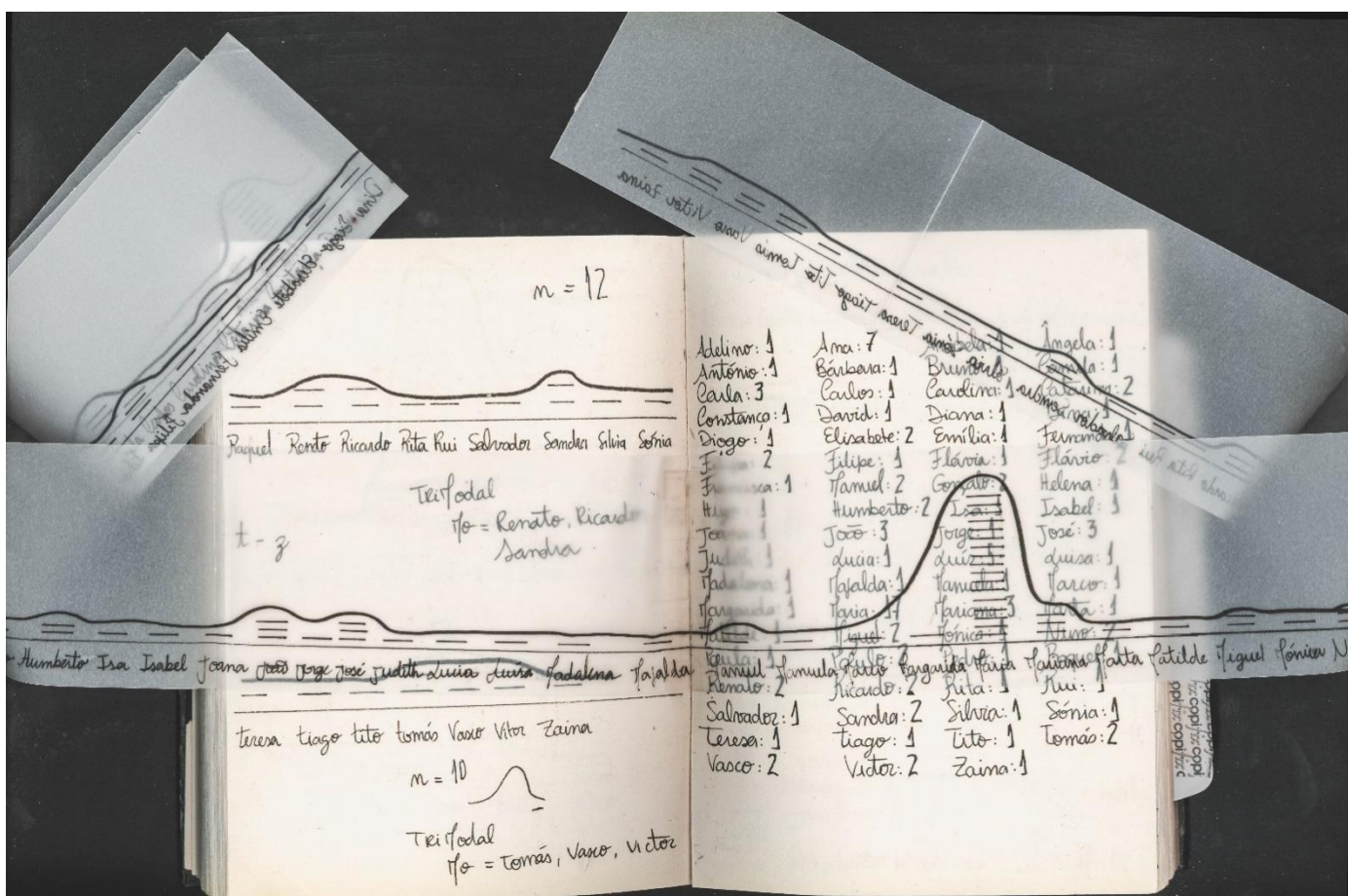


Fig. 16 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china e papel vegetal.

À medida que ia recebendo a informação, alterava ou acrescentava consoante, no caderno e na própria árvore, explanando estes erros na recolha da informação no caderno (Fig. 17).

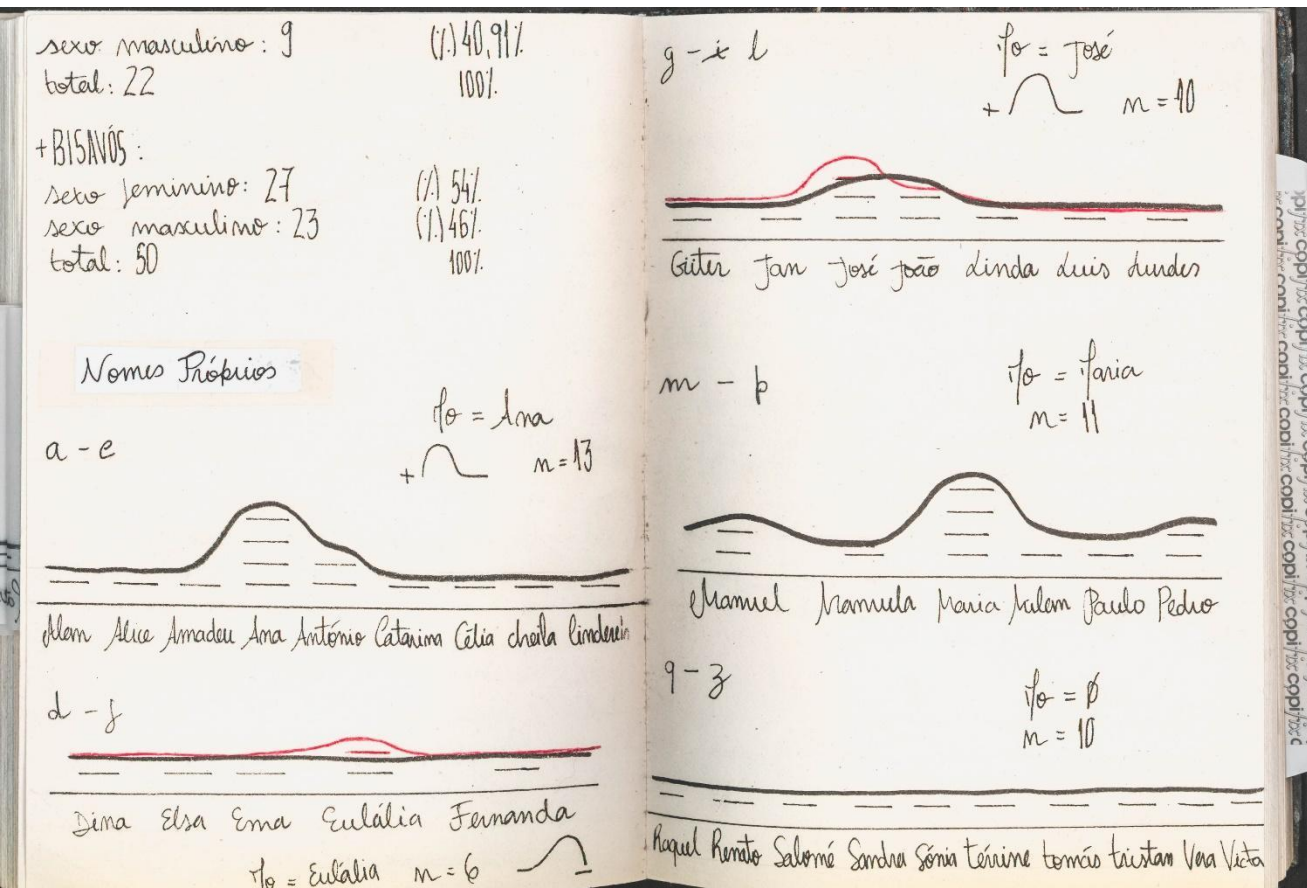


Fig. 17 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Caderno de artista, 28,3 x 21 cm, caneta tinta da china, caneta tinta vermelha, fita cola e papel.

Destas informações gerou-se uma coleção de memórias, ordenadas e guardadas num arquivo, criado para o efeito e dividido por famílias (Fig. 18).

As 4 famílias estudadas foram entregues a três gavetas (posteriormente adaptadas a quatro), distribuídas e organizadas de forma a que qualquer pessoa pudesse aceder às suas histórias e fazer um análise simples. Nessas gavetas encontram-se os registos fotográficos de todos os núcleos de cada grupo familiar (Reis e Moura, Nunes da Silva, Ferraz Pereira e Nunes de Sá Mourão), as respostas às cartas enviadas e alguns dos pertences rececionados. Ao lado do arquivo, encontra-se o caderno de memória da família contemporânea (Figs. 19 e 20). A

este conjunto, do caderno e do arquivo, atribuiu-se o nome «Os meus Álbuns de Família – Parte II».

O arquivo em bloco, massivo e de linhas duras, contrasta tanto com a fragilidade que comporta no seu interior – tornando-se uma proteção dos *documentos* - como com a árvore genealógica que lhe serve de fundo.

Este conjunto documental cumpre assim o propósito do arquivo, de servir à história, fornecendo as informações e/ou documentos necessários para reconstituir ou escrever a história política, social ou econômica de uma nação (neste caso de uma família) e constituindo uma importante fonte de pesquisa de relações.

Muitas destas informações tornaram-se, com o tempo, um arquivo morto - documentos guardados e raramente consultados - na casa de cada um, como acontece com a grande maioria dos álbuns de família. No entanto, esta ação de os ordenar e arquivar, reavivou-os ao lhes facilitar acesso e os transformar artisticamente em algo mais do que registos de memória.



Fig. 18 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Arquivo de 3 gavetas, 34 x 25,2 x 23,2 cm, cartão branco.



Fig. 19 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Arquivo de 3 gavetas cartão branco com 34 x 25,2 x 23,2 cm, caderno 28,3 x 21 cm e base madeira mdf pintada de branco, 101 x 36,5 cm.



Fig. 20 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Arquivo de 3 gavetas cartão branco com 34 x 25,2 x 23,2 cm, caderno 28,3 x 21 cm e base madeira mdf pintada de branco, 101 x 36,5 cm.

I.VI Casos de Estudo

Iniciando o estudo de alguns artistas de referência, que influenciaram a minha prática pela forma como nos seus processos artísticos exploram e documentam a família e sua transformação, destaco Jana Romanova e Matías Costa

Partindo da ideia de álbum de família e de árvore genealógica, estes artistas criam livros de memória com contributos dos seus familiares, as histórias que os transformaram e tornaram naquilo que são hoje. Numa busca pela identidade das famílias que procuram retratar, as suas famílias, e em certa parte, eles próprios.

I.VI.I Jana Romanova

Jana Romanova explora a fotografia, o vídeo e a instalação nos seus projetos pessoais e profissionais. Formada em jornalismo e fotografia, vive hoje entre a Rússia e a Holanda.

Na sua produção artística, Jana Romanova recorre a diversos métodos de arte participativa e *performance*, convidando o espectador a tornar-se colaborador na sua obra. As narrativas que constrói centram-se em conceitos como identidade, família, laços sociais e exclusão.⁴³

Os projetos da artista são experiências que procuram a verdade, profundamente relacionados com a ideia de intimidade, comunidade e construção de conhecimento. Neste contexto, interessa salientar a obra *Shvilishvili* (que significa filha da filha) na qual a artista questiona o valor da fotografia de família e dos laços familiares na atualidade.

Todos nós temos familiares. Os nossos pais e os nossos avós, os nossos tios e tias, os familiares próximos e os distantes, aqueles que amamos e os que tentamos evitar. Estamos ligados por sangue, com todos eles. Mas, honestamente, eu não sei o que isso significa.

⁴³ ROMANOVA, Jana – *Jana Romanova* [em linha]. [Consult. 28 out. 2020]. Disponível em WWW: <https://janaromanova.com>

Devia significar alguma coisa.⁴⁴ (tradução livre da autora)

É desta forma que Jana Romanova inicia e termina o vídeo de apresentação da obra *Shvilishvili*.

O livro-objeto conecta, através de 51 fotografias, todos os elementos representados – elementos de duas famílias, separadas geograficamente (Rússia e Georgia), que se alteraram devido à instabilidade política do pós-guerra e a uma trágica história de assassinato cometido dentro da família – os avós da artista, Keto e Pieter foram assassinados pelo neto que morava com eles.

O formato escolhido para este livro foge ao tradicional, revelando uma interrogação da artista relativamente à necessidade dos álbuns de família na sociedade moderna, tornando-o um «álbum anti família». ⁴⁵

⁴⁴ ROMANOVA, Jana - *Shvilishvili, hand-made book object and “anti-family album”* [em linha]. [Consult. 14 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://vimeo.com/70689798>. Original: We all have relatives. Our parents and grandparents, our uncles and aunts, our far and close relatives. The ones we love and the ones we are trying to avoid. We are connected by blood with all of them. But honestly, I have no idea of what those it mean, it should really mean something.

⁴⁵ *Jana Romanova* [em linha]. [Consult. 12 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://europeanprospects.org/programme/jana-romanova>



Fig. 21 - Jana Romanova. *Shvilishvili*, 1967. Edição de colecionadores feita à mão, 15 × 32 cm, capa dura (tela), 106 páginas, cor, 4 sacos plásticos, uma corda de 1 metro de comprimento, Impressão 15 × 20 cm e uma caixa. Disponível em: <https://janaromanova.com/shvilishvili-book>

Este projeto artístico está organizado em duas partes, primeiramente, as sucessivas viagens realizadas pela artista até junto dos seus familiares resultando nas fotografias dos mesmos e, numa segunda parte, as fotografias da avó da artista que lhe foram apresentadas pelos familiares que foi visitando.

Relativamente ao primeiro ponto, as fotografias surgem como uma visita de um familiar em que, casualmente surge uma câmara e alguém tira uma fotografia - algo não propositado. O percorrer das fotografias cria também a sensação de que tudo se passou numa mesma casa e que nós, observadores, vamos espreitando as diferentes salas sendo que, em momento algum, existe uma fotografia de apenas um elemento, tornando o diálogo fluído.⁴⁶

⁴⁶ GORBUNOV, Alexander; ROMANOVA, Jana; YUSHKEVICH, Ekaterina – *Expert Photobook Review - Jana Romanova – Shvilishvili* [em linha]. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.youtube.com/watch?v=DvzSkHHndfo>



Fig. 22 - Jana Romanova. *Shvilishvili*, 1967. Edição de colecionadores feita à mão, 15 × 32 cm, capa dura (tela), 106 páginas, cor, 4 sacos plásticos, uma corda de 1 metro de comprimento, Impressão 15 × 20 cm e uma caixa. Disponível em: <https://janaromanova.com/shvilishvili-book>

Os representantes da família de Romanova pousam para retratos de grupo para formar uma cadeia de imagens onde cada parente aparece sempre em duas fotos: a anterior e a seguinte. A cadeia de fotos começa na Geórgia, passa por várias vilas e cidades e termina na Rússia.⁴⁷

No que concerne à segunda parte do projeto, à semelhança dos meus cadernos, também neste álbum é possível procurar nas pequenas bolsas, retirar objetos e imagens e ler as notas deixadas de outros tempos. Romanova, por não conseguir entender e decifrar a biografia da sua avó Keto através das fotografias e objetos que lhe foram entregues, coloca-as dentro de pequenos sacos de plástico, dando a sensação de aqueles objetos são provas de um qualquer processo, parte de uma investigação e na qual o observador não deve mexer.

⁴⁷ ROMANOVA, Jana - *Jana Romanova – Shvilishvili* [em linha]. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <http://www.mamm-mdf.ru/en/exhibitions/shvilishvili/>

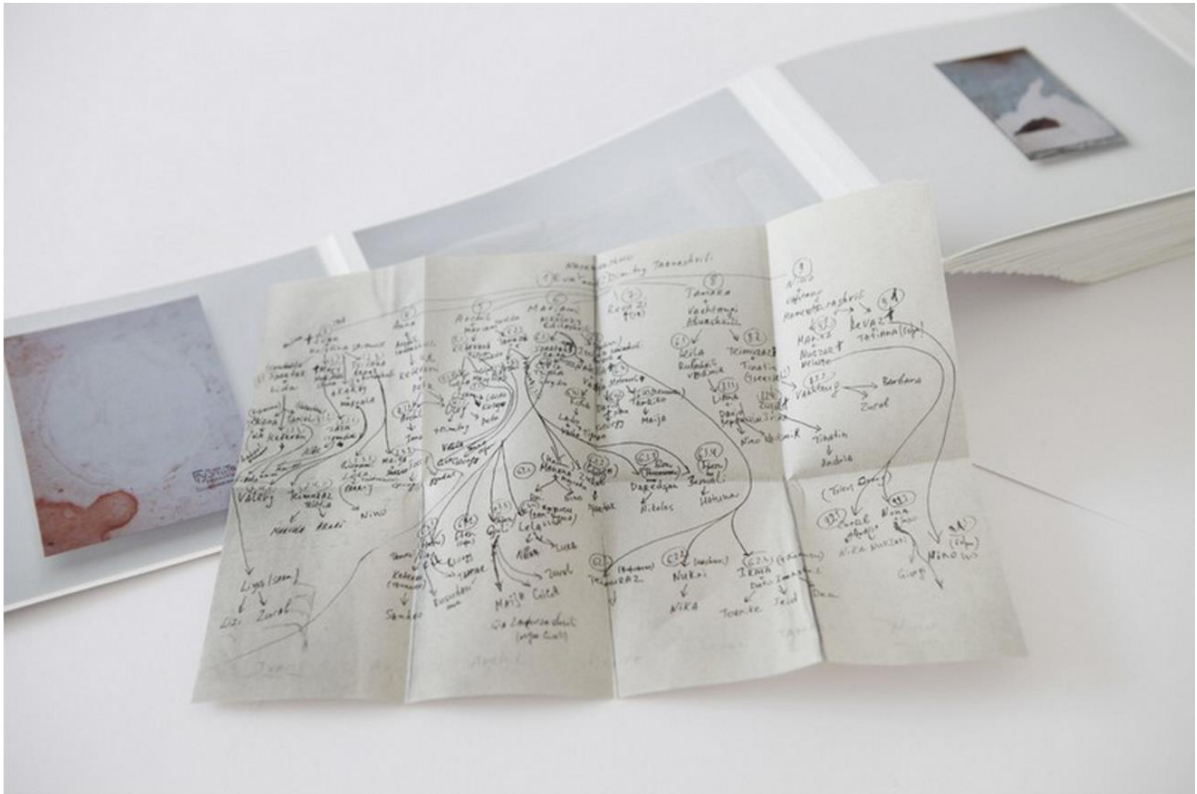


Fig. 23 - Jana Romanova. *Shvilishvili*, 1967. Edição de colecionadores feita à mão, 15 × 32 cm, capa dura (tela), 106 páginas, cor, 4 sacos plásticos, uma corda de 1 metro de comprimento, Impressão 15 × 20 cm e uma caixa. Disponível em: <https://janaromanova.com/shvilishvili-book>

Toda a obra da artista é um trabalho sem término, em constante construção. A forma como desenvolve a sua maturidade artística e as suas preocupações com a identidade, é a forma da artista questionar e interrogar o seu próprio senso de identidade. Esta ideia é, para mim e para o meu processo artístico, um ponto fulcral.

I.VI.II Matías Costa

Solitária, sombria, luminosa, mas sempre com um tom de fragilidade ou de fragmento, de quem não se define numa única imagem, que acaba de acontecer ou que ainda está a acontecer - assim se pode explicar a linguagem fotográfica do artista Matías Costa.

Jornalista e fotógrafo prestigiado, explora temas de migração, identidade e memória partindo de uma perspetiva muito íntima e direta, priorizando o lado sentimental da arte sob o racional.⁴⁸

Do seu trabalho, destaca-se o trabalho artístico *The Family Project*, através do qual o artista explora a sua própria memória familiar e os laços de memória e esquecimento, conjugando imagens dos seus avós com acontecimentos de relevo do séc. XX, nomeadamente, da migração europeia para a América e das duas Guerras Mundiais até à ditadura vivida na Alemanha, Rússia e América Latina. Simultaneamente, este projeto evoca também a evolução histórica da fotografia, partindo das típicas imagens monocromáticas até às cores saturadas dos anos 80.⁴⁹



Fig.24 – Matias Costa. *The Family Project – El Chupadero*, 2009. Fotografia, documentos, lápis de cera, fita-cola e acrílico sobre cartão. Montagem em meatacrlato de 10mm, 60x80cm. Disponível em: <http://www.ajggallery.com/files/gimings/ficha%20tecnica.pdf>

⁴⁸ PALACIO, Marina – *Matías Costa Entrevista* [em linha]. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://vimeo.com/91497713>

⁴⁹ *Bokeh: Matías Costa y The Family Project en La 2 de RTVE* [em linha]. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://vimeo.com/52085599>

Este livro fotográfico parte de uma busca pessoal pela história da sua família, que migrou durante mais de cem anos de lugar para lugar.

Compilei milhares de fotografias e documentos de arquivos institucionais e familiares, e em cada lugar tentei fotografar um clima que capta o que ali aconteceu. Este é um processo de conexões infinitas, que se abrem como bonecas russas. Cada camada da história repousa delicadamente sobre a anterior: revelar as suas camadas para narrá-las é, em certo sentido, mudar a história.⁵⁰ (tradução livre da autora)

Há uma relação entre as fotografias, de uma página para outra, que geram a sequência e acentuam a narrativa. Narrativa esta que se inicia com uma árvore genealógica ramificada, uma representação clássica da herança familiar. Ao incluir fotografias, memórias e medalhas da família, Matias Costa torna a leitura mais rica e a linhagem mais composta.

⁵⁰ COSTA, Matias - *The Family Project*. [em linha]. [Consult. 14 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.ivorypress.com/en/libreria/shop/the-family-project-2/>. Original: I compiled thousands of photographs and documents from institutional and family archives, and in each place I tried to photograph a mood that captures what happened there. This is a process of infinite connections, which opens up like Russian dolls. Each layer of history rests delicately on the previous one: to disclose its layers in order to narrate them is, in a sense, to change history.

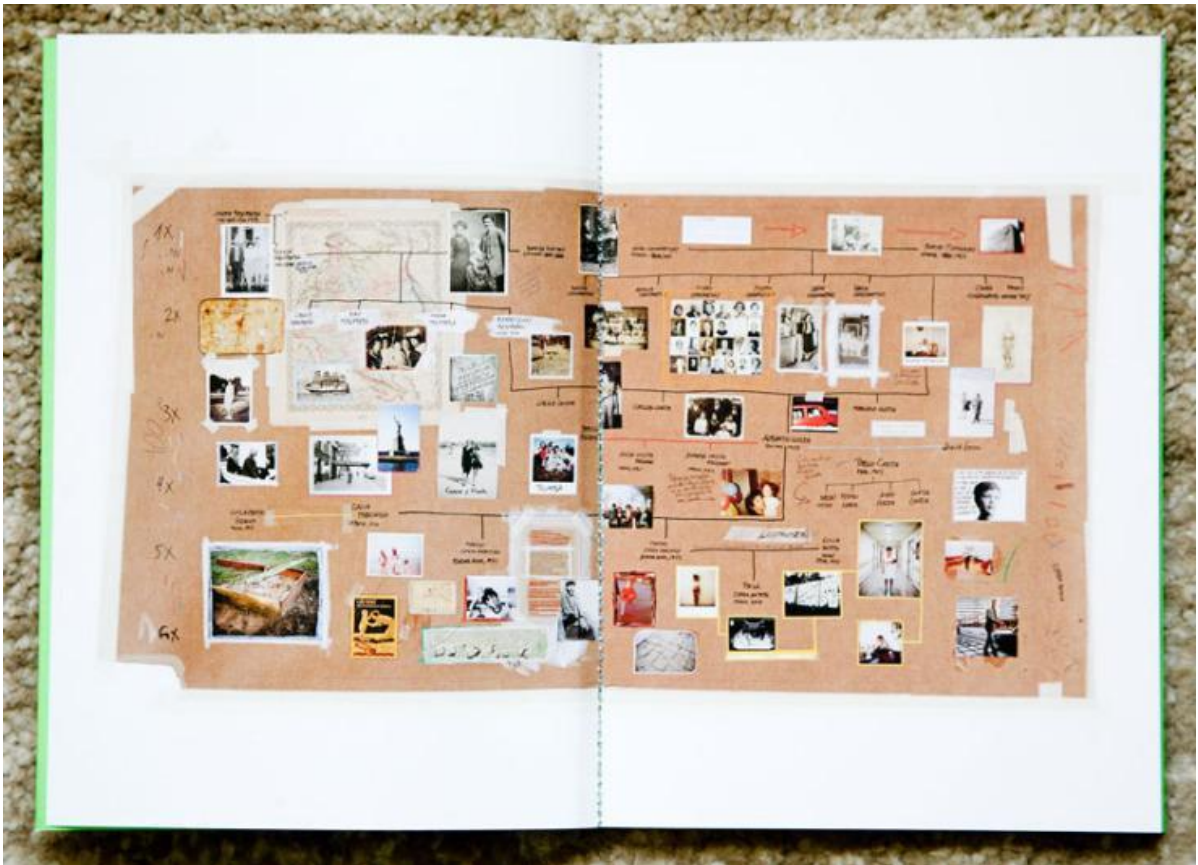


Fig. 25 – Matias Costa. *The Family Project*, 2010. Fotografia, documentos, lápis de cera, fita fisiculturista e acrílico em papelão. Montagem em metacrilato de 10 mm. 130x230 cm. Disponível em: <https://photobookjournal.com/2013/06/25/matias-costa-the-family-project/>

As páginas seguintes percorrem a árvore até à copa, revelando uma floresta de árvore e o céu – duas metáforas, uma representativa de uma herança familiar complexa e outra dos antepassados que não se encontram mais entre nós. Também uma fotografia de pássaros migratórios em formação, suspensos entre duas estruturas urbanas, poderá ser uma metáfora adequada para o outro subtema de Costa, a imigração.

Ao longo de todo o livro, são apresentadas algumas fotografias fragmentadas, remetendo para a ideia da perda da memória, memórias incompletas que vão sendo modificadas ao longo do tempo, propositadamente ou não.

Nesta obra, as fotografias são todas documentais pois retratam a realidade e a realidade do que nos rodeia, é um tema profundamente introspetivo, o artista explora o nosso lugar neste

mundo e documenta-o. Simultaneamente, tudo é ficção no sentido em que estas fotografias são jornalísticas, remetem-nos para um determinado ponto de vista, filtram e interpretam, dão-nos um enquadramento específico, acabando por criar uma narração que é uma ficção da realidade.

À semelhança da minha produção artística, também para Matías Costa a memória, as perdas e a forma como as pessoas reconstroem a vida após acontecimentos menos felizes, são temas que importam retratar.

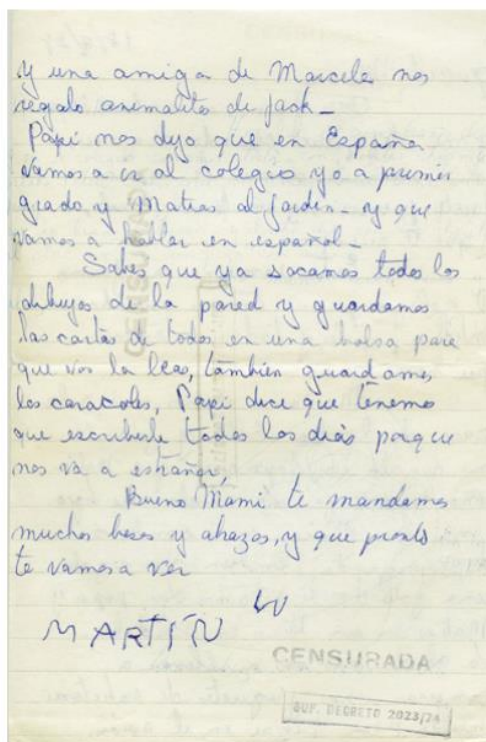


Fig. 26 – Matias Costa. *The Family Project*, 2010. Impressão a jato de tinta. Tintas pigmentadas Epson Ultrachrome K3 em papel baritizado. Montagem em metacrilato de 10 mm. Disponível em: www.ajggallery.com/files/gimngs/ficha%20tecnica.pdf

CAPÍTULO II – CONTEMPORANEIDADE E MEMÓRIA

II.1 Arte contemporânea – enquadramento histórico de uma rutura na arte na era do vale tudo

A questão «o que é a arte?» surge ainda no tempo de Platão, ressurgindo essencialmente na passagem da arte moderna para a arte contemporânea. Esta última remete não para o que fazer, mas para questões do domínio ontológico.

Anteriormente sabia-se o que era a obra - tanto em forma como em conteúdo – no entanto, nos primórdios do Modernismo, por exemplo com Picasso – com as suas colagens na pintura, elementos tridimensionais associados ao espaço bidimensional, - as disciplinas deixam de ser isoladas.

Também o uso do espaço como método de apropriação de Tatlin, no qual o espaço passa a ser um elemento da composição da obra, dá início às primeiras sedimentações daquilo que passa a ser instaurado na arte contemporânea, na qual, as questões da interdisciplinaridade (e da multimédia) deixam de ser uma questão (exemplo: *1 Minute Sculpture*, da autoria de Erwin Wurm). A partir do momento em que entra a arte contemporânea, e com esta, a arte conceptual, o que define a obra não é o seu suporte ou material, mas sim a ideia.

Já nos anos 60 do século XX, o Movimento Fluxos⁵¹ veio também acentuar a proposta sobre intermedia – confluência entre os media, – reforçando a necessidade de não existir separação entre as disciplinas.

Na sua distinção entre arte moderna e contemporânea, variadas são as definições dos teóricos que a tentam justificar. Hans Belting relaciona a arte contemporânea a «um novo

⁵¹ Movimento FLUXOS - Cria-se designação de tendência para os intermedias que não têm ainda um lugar, isto é, que não se podem ainda sedimentar no conceito anterior. Confluências e dinamização – Interessa mais o fazer do que o motivo, aposta nas vias mais experimentais e mais imprevisíveis. Valorização da improvisação. O fazer é muito importante, valoriza o experimental. Este movimento rejeita o mundo elitista da «alta arte» e procura levar a arte às massas, destruindo qualquer fronteira entre arte e vida uma vez que a arte pode ser produzida por todos e a qualquer momento. Lança as primeiras propostas/elementos para a arte contemporânea.

paradigma de quebra de visualidade e arrefecimento da importância da imagem»⁵², Rosalind Krauss indica-nos a expansão das disciplinas que levaram à sua total diluição e Peter Bürger define a arte contemporânea «como uma reativação de questões suscitadas nas primeiras vanguardas do séc. XX.»⁵³

Giulio Carlo Argan define que a arte moderna subentende um período

durante o qual se pensou que arte, para ser arte, deveria ser moderna, ou seja, refletir os caracteres e as exigências de uma cultura conscientemente preocupada com o seu próprio progresso, desejosa de se distanciar de todas as tradições, voltada à superação contínua dos seus resultados.⁵⁴

A arte contemporânea seria, por aversão, a arte que não atende às expectativas de ser «moderna por programa e, portanto, ciente da necessidade de se desenvolver em direções novas e amiúdes contraditórias em relação às anteriores.»⁵⁵

Mas o que é afinal a arte contemporânea? Segundo Julieta Aranda, Brian Kuan Wood e Anton Vidokle, em *What is contemporary art? Issue two*:

O uso generalizado do termo «contemporâneo» parece tão evidente que exigir mais uma definição de «arte contemporânea» pode ser considerado um exercício anacrônico de catalogação ou autodefinição⁵⁶ (tradução livre da autora)

⁵² SARDO, Delfim – *Arte contemporânea* [em linha]. [Consult. 17 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://arquivo.pt/wayback/20110701215606/http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemArte&Slide=94&Filtro=94&Menu2=OrigensDaArte>

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴ ARGAN, Giulio Carlo – *A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. Trad. de Lorenzo Mammi, p. 426.

⁵⁵ Idem, *ibidem*.

⁵⁶ ARANDA, Julieta; WOOD, Brian Kuan; VIDOKLE, Anton – *What is Contemporary Arte? Issue Two* [em linha]. [Consult. 20 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.e-flux.com/journal/12/61332/what-is-contemporary-art-issue-two/> Original: Widespread usage of the term «contemporary» seems so self-evident that to further demand a definition of “contemporary art may be taken as an anachronistic exercise in cataloguing or self-definition.

Se arte contemporânea é abrangente e aberta⁵⁷, despida de movimentos, com uma enorme diversidade de desdobramentos e que não cessa ao se reinventar, tentar catalogá-la pode tornar-se contraditório. Porém, é nesta sua aparente auto evidência que a arte contemporânea constitui uma condição própria: um lugar específico de produção artística.

Com as vanguardas há uma afirmação coletiva de termos estéticos e ideológicos que pretendem mudar a sociedade. Nas Segundas Vanguardas (anos 70), as tendências eram de não haver movimento programático, isto é, deixam de existir «os vários movimentos ou correntes», e passam a existir múltiplas tendências que se opõem em simultâneo até ao próprio criador. Os artistas passaram então a assumir ainda mais o cruzamento entre linguagens.

Tomemos por exemplo os anos de 1960 e 1970, onde o minimalismo vem impulsionar uma nova forma de ver a arte, as expectativas deixam de se centrar no espaço plástico visualizado 'na' obra, passando a procurar a experimentação do espaço 'em relação' à obra. O espaço envolvente abandona a neutralidade e propõe a interatividade. Potencia-se assim, a relação minimalista entre corpo, obra e espaço – ao utilizar tubos de lâmpadas fluorescentes coloridas para compor os seus trabalhos Dan Flavin envolve o ambiente expositivo como parte da obra, relação definida de teatral por Michael Fried.⁵⁸

Após esta meta minimalista – que busca a essência expressiva das formas, do espaço, da cor e dos materiais enquanto elementos fundadores da obra de arte, defende-se que menos é mais. Linguagem pura da arte; Estropia (para dentro) da arte, absolutista, minimalista em termos formais, mas não totalista. Uma arte despojada e simples, objetiva e anónima - surge então o movimento Fluxos. Este movimento, precursor da Performance arte e da Arte Conceptual, recai sobre três «fios condutores», nomeadamente: a apropriação e desmaterialização; a não ligação física do artista à obra; e a noção de Projetos – «eu (artista) concebo, mas não tenho de executar».

⁵⁷ Obra aberta – está terminada, mas não está fechada, é flexível.

⁵⁸ FRIED, Michael – Arte e objetividade in *Arte et ensaios*, p.136.

A Arte Conceptual, assim como a performance e posteriormente o uso dos media eletrónicos, vêm diversificar as categorias artísticas no final de 1960 e início da década de 70. Junto à Pop Arte e ao Minimalismo, cria-se a base para a formação das novas gerações de artistas contemporâneos.

Percebemos assim que o eixo de divisão da Arte Moderna para a Arte Contemporânea está essencialmente assente na ausência de fronteiras entre as várias disciplinas e no cruzamento de linguagens. Por um lado, na arte moderna existe uma ligação física entre o artista e a obra pois é ele quem a produz mas, por outro lado, na arte contemporânea há uma dinâmica de apropriação. Os artistas permitem-se usar todo o tipo de disciplinas e as obras vão sendo adaptadas às ideias que mais se resolvem com as disciplinas. Para além disso, passam a cruzar movimentos que se opuseram na sua criação (exemplo: minimalismo e conceptualismo) já não há compartimentação de disciplinas, mas sim uma sinestesia.

II.II Contemporaneidade e memória – «uma saída da arte para fora de si mesma pela adoção de metodologias oriundas das ciências humanas»

Sendo-nos antecipadamente oferecida a informação de que a arte se tem vindo a alterar, que deixou de ter barreiras ou definições, somos empurrados para um mundo em que todas as áreas de estudo se transformam. Aliás, está nas mãos do artista escolher o que explorar - desde questões filosóficas a sociológicas, matemáticas a antropológicas, etc., - e depois transformar os dados em arte. Assim, podemos afirmar que houve na arte contemporânea uma:

redefinição do que pode ser entendido como arte, (...) uma saída da arte para fora de si mesma pela adoção de metodologias oriundas das ciências humanas, sobretudo da sociologia e da antropologia, como inquéritos, observação participada, etc.)⁵⁹

Vivemos cada vez mais uma aparente «cultura de memória», em que vigoram as modas do retro e do vintage; em que todos os dias restauramos centros históricos e monumentos para preservar a história que lhes é intrínseca; em que os documentários e as biografias são cada vez mais recorrentes e as homenagens a quem «vai e já não volta» ganham cada vez mais peso. No entanto, nunca a capacidade de retenção da memória foi tão fraca. A facilidade de acesso à informação, a dependência dos telemóveis e da tecnologia, contribuem para que não seja necessário memorizar a informação, uma vez que se encontra à distância de um clique. Deverá então dizer-se que a «cultura de memória» atualmente vivida se cinge essencialmente à *memorabilia* – aos objetos que são colecionados ou guardados por se associarem a pessoas, a grandes eventos ou a certas áreas de interesse. De realçar que é sobre esta *memorabilia*, estes instantes de memória visual e de objeto, que se desenvolve este trabalho de projeto e não na memória num sentido mais lato.

⁵⁹ SARDO, Delfim – *Arte contemporânea* [em linha]. [Consult. 17 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://arquivo.pt/wayback/20110701215606/http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemArte&Slide=94&Filtro=94&Menu2=OrigensDaArte>

Pegando na questão das ciências sociais e humanas e no trabalho que estas fazem com a memória e com o seu registo⁶⁰, de que forma podemos transportar a memória para as artes «desligando-a» da sua função social? A arte contemporânea é abrangente ao ponto de podermos agarrar em fotografias produzidas inicialmente sem nenhuma pretensão artística, no âmbito da «casa» e da «família», e de as podermos transportar para uma galeria ou museu, transformando-as em arte? Serão os artistas contemporâneos capazes de recontextualizar as memórias-objecto do quotidiano dando-lhes novos significados?

Na arte contemporânea, um objeto artístico pode apresentar-se ao público de uma forma completamente diferente da proposta pelo seu autor; pode apresentar-se para o próprio autor de formas diferentes, em momentos diferentes da vida; pode ser vista pelo público como arte, ou apenas como vários objetos justapostos, ou até mesmo como algo com o qual nos identificamos à primeira vista; ou pode, ainda, ser algo que nos causa total aversão. Como refere, Hans Belting:

Num olhar retrospectivo, permanecem em aberto os mecanismos pelos quais os modelos estranhos se transmutam num instante em arte, e também pelos quais os artistas modernos são estimulados à recriação.⁶¹

No campo da arte contemporânea, a obra não está apenas no objeto, mas também, e principalmente, no sujeito que se relaciona com ela. Por esse motivo, um objeto que remete à infância ou às memórias do quotidiano ao ser transportado para uma obra de arte, torna-se facilmente relacionável com o público, pois é isso que procura: uma identificação imediata com o público que a observa.

⁶⁰ As ciências sociais consideram a memória como uma “narrativa” que serve essencialmente a função social de comunicar a outrem uma informação. É por estas atribuído às memórias, conotações de ideias, valores e normas de convivência, estabelecendo o elo memória-linguagem. Segundo estas ciências, o registo da memória permite o partilhar de narrativas caras à sociedade que o constitui. Através dos registos, os indivíduos normalizam o convívio social e, de certo modo, perpetuam a tradição. A memória registada é uma exigência coletiva nas sociedades históricas. Não nasce da individualidade.

⁶¹ BELTING, Hans - *A exposição de culturas* [em linha]. [Consult. 09 nov. 2017]. trad. A.Morão, p.6. Disponível em WWW: <https://proymago.pt/belting-txt-4>

Pela sua versatilidade e relação, é possível identificar uma série de artistas que colocam a questão da memória em primeiro plano. Artistas como Christian Boltanski, Annette Messenger e Joseph Cornell trabalham a memória numa produção autobiográfica baseada em recolha e factos reais e manipulando-a - citando Florence Thurmes, sobre o trabalho de Annette Messenger (e estendendo o seu comentário a Boltanski e Cornell):

Annette Messenger trabalha com fragmentos de realidade, que ela combina para produzir uma verdade nova e alternativa.⁶² (tradução livre da autora)

Percebemos assim que as obras destes artistas, para além de um trabalho de memória, são também um trabalho de ficção. Mas, na realidade, a memória é ela própria uma ficção, isto é,

tanto o teatro como o museu estão ao serviço da memória e da recordação e dirigem-se a espectadores e contempladores. E, tanto num caso como no outro, as ações representadas e as coisas expostas contraditam, através da sua própria evidência, a finalidade que supostamente serviriam (nem as ações representadas permanecem ações no sentido primário, nem as coisas expostas se sujeitam à sua materialidade e à sua proveniência).⁶³

A memória e a imaginação unificam-se de tal forma que não podemos diferenciá-las. Ao expormos fotografias, objetos ou documentos numa galeria/museu, o que lá está exposto não é nunca o objeto original – no sentido em que o contexto e a carga que lhe estava inerente foi alterado. É uma nova imagem pelo observador criada que, juntamente com a imaginação, re-contextualiza o objeto e lhe atribui uma nova memória, desta vez fictícia, mas baseada em memórias reais. Assim, através da conservação, provocamos uma constante musealização das culturas, transformando o mundo num teatro da memória. Podemos ainda

⁶² Annette Messenger. *Exhibition/Exposition.Kunstsammlung*, p.78. Original: Annette Messenger works with fragments of reality, which she combines to produce a new, alternative truth.

⁶³ BELTING, Hans - *A exposição de culturas* [em linha]. trad. A. Morão, p.2. [Consult. 09 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://proymago.pt/belting-txt-4>

dizer que, a fotografia (por exemplo) e a memória são enganosas, porém não são enganadoras, o que importa não é a fidelidade da imagem (mental ou fotográfica) com o facto passado, mas a conexão afetiva e imaginária entre os mesmos. As imagens fotográficas geram imagens verbais que geram imagens mentais. Memória e imaginação - processos mentais semelhantes - são acionadas ao mesmo tempo, colocando em questão onde começa uma e onde termina a outra.

Retornando aos artistas supramencionados, todos eles têm em comum o facto de, ao recolherem «memórias», não o fazerem de forma aleatória: cada «lebrança» é selecionada, coletada, catalogada, organizada e reorganizada de forma que sejam minuciosamente pensadas em como, em que ordem e de que maneira devem ser apresentadas ao público.

A cultura, tal como a arte (...) «colecciona», a fim de a preservar para a forma estética ou para a forma científica da memória e a salvar antes do acaso final. (...) Cada coleção de coisas e de informações é seletiva e estratégica, porque só ela decide sobre o que é importante e o que é irrelevante, importante para o olhar que, de fora, se lança a uma cultura, importante também para a nossa respetiva definição de cultura.⁶⁴

Assim, podemos afirmar que, trabalhar memória é de certa forma trabalhar a exposição e a própria arte, pois é preciso refletir sobre o passado para viver o presente e isso só pode ser feito com a preservação da memória. As exposições e a sua montagem, acabam por ser também elas o produto de uma atividade de recolha e reunião, uma vez que, para se montar uma exposição, há um trabalho prévio de pesquisa e seleção.

Laborar a memória na arte contemporânea é falar, de uma forma geral, no ser humano. Como refere Annette Messager, «A arte nada tem a ver com a verdade, mas estou

⁶⁴ BELTING, Hans - *A exposição de culturas* [em linha]. trad. A. Morão, p.4. [Consult. 09 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://proymago.pt/belting-txt-4>

convencida de que quanto mais uma pessoa trazer a sua personalidade para a arte, mais universal ela se torna.»⁶⁵ (tradução livre da autora)

Quando o artista traz para o mundo da arte as suas vivências, as suas coleções de lembranças, facilmente reconhecíveis e facilmente identificáveis, consegue dialogar com público de uma forma muito mais abrangente, uma vez que o espectador percebe que não precisa de ter um conhecimento anterior de história da arte para conseguir analisar o que vê. Pelo contrário, é possível apreender o objeto artístico partindo apenas das suas próprias experiências. São obras sem um período determinado na história de arte, o que faz com que o observador lhes possa aplicar o tempo das suas próprias memórias, relacionando-se com as obras de uma forma muito mais pessoal.

Em suma, uma obra de arte, mesmo que assente num universo particular, pode representar um coletivo. Recorrendo às inúmeras referências pessoais, torna-se um conjunto inacabável de ideias que buscam reforçar a sua principal característica: a inovação.

A possível apropriação das nossas memórias por outros torna-se evidente na arte contemporânea pois, ainda que se trate de experiências muito próprias, sobre o olhar atento do observador, a obra rapidamente se transforma num diálogo de multidões, neste caso, tomando a parte pelo todo. Esta correlação de memórias entre diferentes indivíduos ativa a imaginação singular, permitindo estabelecer ligações culturais e geográficas e, sobretudo, a ligação do espectador com o pensamento do artista que, querendo ou não, se coloca na obra aquando do momento da sua criação. Assim, cada indivíduo é surpreendido por uma imersão profunda na sua perspectiva de pensamento, relacionando-se com o que observa, como se de uma memória sua se tratasse.⁶⁶

Se o poder que uma obra tem em nos “tocar”, isto é, em nos tornar mais humanos, poderá constituir a sua validade estética e antropológica, um enquadramento

⁶⁵ Annette Messager. *Exhibition/Exposition. Kunstsammlung*, p.74. Original: Art has nothing to do with truth, but I'm convinced that the more you bring your personality into art, the more universal it is.

⁶⁶ OLIVEIRA, S. M. de – Memória, Imagem e Arte contemporânea: Possibilidades de leitura fenomenológica in *PÓLEMOS – Revista De Estudantes De Filosofia Da Universidade De Brasília*. p.65-80.

contextual de carácter histórico, biográfico ou simbólico poderá beneficiar a sua compreensão.⁶⁷

É sobre esta premissa de parte da arte contemporânea, de uma possível apropriação das memórias que aproximam o observador do artista e consequentemente validam a sua obra, que irei executar o meu trabalho de projeto. Colocando a arte no seu contexto social, reforçando a sua ligação humana e o compromisso entre o artista que, contando a sua história dá à comunidade as respostas que esta desconhecia procurar, sobre uma realidade tão própria quanto plural.

⁶⁷ PEREIRA, José Carlos – *O valor da arte*, p.26-27.

II.III Casos de Estudo

A minha prática artística, e a forma como abordei a memória e a família na arte contemporânea foi imensamente influenciada por artistas como Rirkrit Tiravanija, Christian Boltanski e Mary Kelly. As suas obras são referências essenciais que me formam enquanto artista e pensadora e que, de uma forma única, representam e esclarecem a prática da arte contemporânea. Assim, neste capítulo apresenta-se uma breve análise e reflexão sobre a prática destes artistas, bem como, sobre a relação com o meu trabalho de projeto.

II.III.I Rirkrit Tiravanija, a arte relacional

Rirkrit Tiravanija, nascido em Buenos Aires em 1961, é criado na Tailândia, Etiópia e no Canadá. Artista de muitos movimentos, auto intitula-se de artista «relacional»⁶⁸ : focando o seu trabalho na troca de experiências em tempo real, nos corpos e ações que formam as suas obras, rompendo com as barreiras entre o objeto e o observador, num permanente questionamento do objeto de arte e a sacralidade da galeria e do museu.⁶⁹

Vive atualmente entre Nova Iorque, Berlim e Chiang Mai, diversidade geográfica que fomentou uma abordagem intercultural e interdisciplinar na sua prática artística, transportando para o seu trabalho as tensões de uma vida nómada que funde e recombina os diferentes contextos culturais.

Em resposta ao «o que é obra de arte?», Tiravanija propõe que, ao invés de se centrar no objeto ou em resolvê-lo, se ofereçam situações potenciais. Ao invés de convidar o observador a ver, ele torna-o participante, propondo uma intersecção social. Nas palavras do artista,

⁶⁸ Em 1990 Nicolas Bourriaud cunhou o termo estética relacional (relational aesthetic) para descrever as práticas artísticas que utilizam a capacidade da arte de produzir e mediar relações como um modo pelo qual se consegue desafiar a alienação capitalista. Ainda que este estilo artístico se pudesse associar à cultura de evento, as obras de Tiravanija não se limitavam a essa desconfortável descrição dado o seu envolvimento artístico, durante os anos 90, com a crítica institucional— crítica o espaço do próprio museu.

⁶⁹ *Rirkrit Tiravanija: (Who's afraid of red, yellow, and green)* [em linha]. [Consult. 10 mai. 2020]. Disponível em WWW: <https://hirshhorn.si.edu/exhibitions/rirkrit-tiravanija-whos-afraid-of-red-yellow-and-green/>

O meu sentimento sempre foi de que todo o mundo tem e faz o seu trabalho – incluindo as pessoas que o usam para depois o reutilizar. Quando digo reusem, quero dizer apenas usem.⁷⁰ (tradução livre da autora)

Assim, o seu trabalho procura (sem se focar numa verdade ou realidade específica) criar contextos abertos à participação e ao questionamento do observador que deixa de o ser, passando a integrar uma obra em constante desenvolvimento.



Fig. 27 – Rirkrit Tiravanija. *untitled 1990 (pad thai)*, 1990. Instalação, Paula Allen Gallery, Nova Iorque. Disponível em: www.artspace.com/magazine/art_101/book_report/what-is-relational-aesthetics-54164

Existe uma espécie de relacionamento com o público que se deve explorar. O exemplo repete-se em 1990 com a comida tailandesa, algo que seria comum nos dias de hoje, mas que seria estranho e exótico nos tempos de então. Rirkrit Tiravanija recriou *Pad Thai*, prato tailandês inventado no pós-guerra, aquando a sua transformação em democracia.

⁷⁰ YAO, Pauline J. - *The Lives of Objects: Rirkrit Tiravanija in Conversation* [em linha]. [Consult. 18 jun. 2020]. Disponível em WWW: <https://stories.mplus.org.hk/en/podium/issue-2-objects/the-lives-of-objects-rirkrit-tiravanija-in-conversation/> Original: My feeling has always been that everyone makes a work – including the people who take it to re-use it. When I say re-use it, I mean just use it.

Segundo a história dessa refeição, um proeminente general queria criar este prato que seria identificado como tailandês, mas os pratos de *noodle* são geralmente chineses. Assim, a identidade em torno do *Pad Thai* teve de ser formada a partir de elementos tailandeses, chegando-se ao *noodle* de arroz frito com amendoim, tamarindo e pimenta - tudo associado à identidade tailandesa. *Pad Thai* tornou-se um tipo de símbolo que mostra uma ideia de identidade nacionalista.

Nas obras de Tiravanija, é comum existir um elemento que relaciona com as tensões vividas de outros tempos, no entanto, o centro da sua obra não estaria no objeto, no *Pad Thai*, mas sim na interação do espectador ao provar a refeição, ao percorrer o espaço, ao se servir dele.

A obra *Untitled 1990 (pad thai)*, é tanto composta pela experiência e pelos espectadores que a formaram como pelos restos propositadamente deixados no espaço para recriar o momento vivido.

Ao invés de reproduzir a mesma ideia durante toda a exposição, o artista recriou a obra, complementando-a. Nesta recriação, Rirkrit Tiravanija queria efetivamente que as pessoas entendessem que algo tinha acontecido naquele espaço, queria ao mesmo tempo deixar vestígios para trás, servindo-se do «lixo» resultante, para que durante o tempo da exposição as pessoas pudessem ver alguns vestígios da experiência social que ali acontecera.

A ideia era permitir que houvesse um tipo de evidência de atividade, de forma quase arqueológica e colocada num sentido. Tiravanija estava interessado em perceber como o público sentia a exposição e a situação que tinha acontecido. Com que estranheza seria encarado o espaço sagrado, então propositadamente desarrumado, da galeria? Queria, principalmente, que conseguissem ressuscitar nas suas próprias mentes, uma imagem próxima do real.

Esta forma de exposição enquadrava-se nas estruturas de exibição museológica de Joseph Beuys que também realizava alguns rituais e, num momento final de apresentação, tudo o que usava terminava exposto em vitrines de aço e vidro.

Há limites para uma obra de arte? Para o artista, o mais importante está em viver a experiência e não em compreendê-la, pelo que, se existem limites para a obra de arte, continuaremos a carecer da experiência, quebrando o limite imposto.⁷¹

neste contexto, a arte não é apenas concebida como jogo, mas como modo de produção de intersubjetividade, fora de qualquer pressuposto teleológico, como acontecera, segundo a opinião de Bourriaud, no modelo artístico iluminista, que culminaria na arte moderna. Aqui, assistimos à efetiva «desmaterialização» do objeto em que a arte produz uma intersubjetividade «desnaturalizada», isto é, constitui-se a «fabricação» de interações humanas, em contexto social, sendo este o seu verdadeiro objetivo.⁷²

Ainda que não diretamente relacionado - uma vez que nem todo o meu trabalho implica a presença física dos intervenientes para a sua concretização nem se constrói na presença dos retratados, como sucede na arte relacional – é maioritariamente sobre a presença noutros tempos de história e vivência de outros seres que se executou. Para além disso, também através da captação das memórias e sua «mistura» me é possível «fabricar» interações humanas, algumas irreais outras da memória individual, mas que, ao serem exibidas à família, provocaram reações reais, num contexto social familiar, pela surpresa do que ouvem e observam.

Esta «desmaterialização» do objeto em prol de uma arte assente nas interações humanas fabricadas num contexto social também ele fabricado, é o que me fascina no trabalho de Rirkrit Tiravanija e é precisamente na condição da vida social que permite a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos entre sujeitos. É nesta relação com o entendimento da resolução das diferenças humanas, na forma como ultrapassamos os nossos pensamentos pessoais e partilhamos as nossas subjetividades com os outros, que se encontra o elo de aproximação (ou assim o espero) entre a arte de Rirkrit Tiravanija e o meu trabalho de projeto: a intersubjetividade que também eu pretendo alcançar e testar, aquando da visita dos meus familiares à exposição, para mais um típico «almoço de família».

⁷¹ YAO, Pauline J. - *The Lives of Objects: Rirkrit Tiravanija in Conversation* [em linha]. [Consult. 18 jun. 2020]. Disponível em WWW: <https://stories.mplus.org.hk/en/podium/issue-2-objects/the-lives-of-objects-rirkrit-tiravanija-in-conversation/>

⁷² PEREIRA, José Carlos – *O valor da arte*, p.23-24.

II.III.II Christian Boltanski, a memória

Artista conceptual de ascendência judaica, Boltanski (1944) explora a vida, a memória e a morte, carregando geralmente na sua obra o peso do holocausto, numa clara mudança de consciência entre o agora e o depois. Sobre a influência de outros artistas conceptuais das décadas de 1960 e 1970, combina variadas técnicas, entre elas a pintura, o vídeo, a performance, a fotografia e a instalação.

A obra «*Christian Boltanski: Lessons of Darkness*» colocou o New Museum às escuras. Naquela que seria a primeira grande exposição da arte de Christian Boltanski na América, o espaço transformou-se, iluminado unicamente pela serie primorosa que refletia o horror do holocausto e a dolorosa herança do artista.⁷³



Fig. 28 – Christian Boltanski. *Monument: Les Enfants de Dijon*, 1988. Instalação «Christian Boltanski: Lessons of Darkness,» New Museum, Nova Iorque. Disponível em: www.influx.themissive.com/post/12571651981/christian-boltanski

⁷³ *Christian Boltanski: Lessons of Darkness* [em linha]. [Consult. 13 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://archive.newmuseum.org/exhibitions/174>

De que nos valeria se pudéssemos alterar o passado? O mapeamento da memória, permite uma reinvenção da história ainda assim, ao reinventarmos expomos os vazios inescrutáveis⁷⁴. Segundo Huysson⁷⁵, todas as representações são baseadas na memória, seja na linguagem, narrativa, imagem ou som gravado e ao questionarmos constantemente a memória, a sua verdadeira apresentação dilui-se, tornamo-nos no meio-termo, nem alcançamos uma verdadeira apresentação do passado, nem uma reinvenção contemporânea. O que vemos, ainda que baseado numa realidade passada, não é nem a poderá ser novamente e a sua interpretação, a forma como será reescrita, dependerá daquele que a observa.

Na coleção «Lessons in Darkness», o artista serve-se da fotografia de imprensa para criticar a constituição da memória moderna, sobrepondo vítimas e assassinos, fazendo o observador interrogar-se sobre como é possível existir em cada um de nós tamanha escuridão? Tanto a vítima como o assassino teriam também o seu lado familiar, perfeitamente retratado na obra abaixo que demonstra as fotografias de família de oficiais da SS alemães, oficiais estes que ora brincavam com os seus filhos, ora assassinavam os filhos de outros.

⁷⁴ CAINES, Rebecca - Christian Boltanski: representation and the performance of memory in *AFTERIMAGE*, p.4.

⁷⁵ Idem, *ibidem*.



Fig. 29 – Christian Boltanski. *Album de photos de la famille D., 1939-1964, 1988.* Instalação «Christian Boltanski: Lessons of Darkness,» New Museum, Nova Iorque. Disponível em: www.archive.newmuseum.org/images/3435

Aqui Boltanski questiona a autorrepresentação e a identidade, abrindo a possibilidade de horror, para que nem sempre corresponda à imagem ou à memória do «eu».

À semelhança do que acontece no trabalho de Boltanski, também no meu trabalho de projeto o teatro da memória é incorporado na sua exibição e conteúdo. Fazendo recurso de instalações artísticas, objetos do quotidiano e fotografias, teatralizamos a memória e o «eu».

Colocado no que Pakasaar chama de «uma nova construção poética ...», a linguagem pública dos documentos sociais «é articulada por um excesso subjetivo ... Estes contam com a provocação de uma segunda visão - o familiar é familiarizado e o que já é conhecido pode tornar-se novamente atraente.»⁷⁶ (tradução livre da autora)

⁷⁶ CAINES, Rebecca - Christian Boltanski: representation and the performance of memory in *AFTERIMAGE*, p.5. Original: Placed un what Pakasaar calls «a new poetic construct...», the public language of social documents “is articulated by subjective excess...They rely on provoking a second sight-the familiar is defamiliarized and what is already known can become compelling again.

Também na segunda parte do seu trabalho intitulado «Inventory of objects belonging to a Young Woman of Charleston», Boltanski questiona a autorrepresentação e a identidade, que associa ao complexo e elevado significado dado pelo presente aos objetos do passado.

Ao apropriar-se dos restos da vida humana, transforma-os num *memento mori*. Recorrendo à memória, evoca o sentimento de perda e assim transporta a experiência individual para uma memória coletiva, adotando metodologias oriundas das ciências humanas na sua prática contemporânea.

Artistas como Boltanski tornaram-se referência não só para a compreensão de como as memórias pessoais e culturais se relacionam com a história, a identidade e a memória, mas também para novas formas de explorar o mapeamento performativo desta. As lembranças do passado, tomam forma através das obras que as recriam, não as desconectando do seu valor, mas atribuindo-lhes uma nova leitura - memórias passadas compreendidas através do presente.

Como refere Mary Jane Jacobs (que tão bem o resume),

O trabalho de Christian Boltanski é sobre a vida; ele carrega o seu trabalho com imagens de pessoas ... O seu objetivo mais alto é que sua arte seja confundida com a própria vida. Para Boltanski, unir arte e vida é essencial para realizar um trabalho eficaz e significativo.⁷⁷
(tradução livre da autora)

⁷⁷ *Christian Boltanski: Lessons of Darkness* [em linha]. [Consult. 13 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://archive.newmuseum.org/exhibitions/174>. Original: Christian Boltanski's work is about life; he loads his work with images of people...His highest goal is for his art to be mistaken for life itself. To Boltanski, uniting art and life is essential in order to make effective and meaningful work.

II.III.III Mary Kelly, entre o afetivo e o analítico.

Nascida nos E.U.A em 1941, Mary Kelly viveu em Londres e em Nova Iorque, residindo atualmente na Califórnia. Mulher de inúmeros interesses, trabalhou como professora, curadora, artista e como teórica (com especial foco em psicanálise e feminismo). Fortemente enformada pelo movimento feminista, no qual se envolveu na década de 70, teve uma profunda influência no desenvolvimento e na crítica da arte concetual. Trabalhos de projeto, questões sobre sexualidade, identidade e memória histórica completam as narrativas que formam as suas enormes instalações,

Ao percorrer as suas instalações de grande escala e em torno das mesmas, a narrativa é tanto sobre a experiência do espaço, quanto sobre a história que se desenrola entre palavras e objetos.⁷⁸ (tradução livre da autora)

No entanto, foi através da sua obra «Post-Partum Document», que Mary Kelly captou a atenção do público, em 1976. Do seu universo privado e assente numa das mais íntimas fases da mulher (a maternidade), a artista documentou a relação que criava com o filho, partilhando as observações que daí advinham. Uma instalação a seis partes que quebrou o tabu da maternidade na crítica e prática de arte contemporânea. Mais do que uma obra, propunha-se um momento formativo, movido entre as vozes da mãe, da criança e do observador analítico.

Em «Post-Partum Document: Introduction», primeira obra desta série e à qual se refere a fig. 30, Mary Kelly estabelece, de forma contrastante, uma ligação entre a roupa infantil desgastada e o diagrama nela inscrito. A roupa, por um lado, desperta a memória afetiva e a necessidade de arquivo dos objetos para manter viva uma memória querida, por outro lado, o diagrama lacaniano que friamente transforma a perceção deste objeto para uma

⁷⁸ HEYSE-MOORE, Dominique— *Artist Biography* [em linha]. [Consult. 23 abr. 2020]. Disponível em WWW: <http://www.marykellyartist.com/projects.html> Original: When walking through and around her large-scale installations, narrative is as much about the experience of space as it is about the story that unfolds between words and objects.

perspetiva analítica, distanciando-o do lado afetivo do observador, mas não se despiando dele,

Ao desfazer as distinções duras e rápidas entre intelecto e emoção, teoria e sentimento, Kelly aponta para os sistemas múltiplos e inter-relacionados através dos quais o conceito de maternidade toma forma.⁷⁹ (tradução livre da autora)



Fig. 30 – Mary Kelly. *Post Partum Document: Introduction [detalhe]*, 1973. Instalação, Unidades perpsex, cartão branco, coletes de lã, lápis, tinta 1 de 4 unidades, 20 x 25,5 cm cada. ICA, Londres. Disponível em: www.artsy.net/artwork/mary-kelly-post-partum-document-introduction

Creio que também no meu trabalho de projeto é possível notar esta dualidade entre o afetivo e o analítico, o primeiro, entre outras coisas, pelos objetos recolhidos e as histórias contadas; o segundo pelos cadernos de registo, nos quais se converte uma família a números

⁷⁹ MORINIS, Leora - *Mary Kelly* [em linha]. [Consult. 30 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://hammer.ucla.edu/take-it-or-leave-it/artists/mary-kelly> Original: By grafting together theory and sentiment, Kelly points to the multiple and interrelated systems through which the concept of motherhood takes shape. Historically the work has been a touchstone for artists concerned with identity as a discursive site.

e gráficos. Outros pontos comuns e possíveis de identificar prendem-se com as questões de género e o controverso tópico do fetichismo feminino, tão centrais na obra de Mary Kelly.

Nas seguintes secções do «Post-Partum Document» acompanha-se a evolução da criança até aos seus cinco anos de idade, a reciprocidade para com a sua mãe e a dinâmica social criada entre ambos. Recorrendo a fraldas sujas, vestígios de marcações e textos, impressões das mãos e espécimes de insetos, invoca-se a memória maternal, religiosamente preservada. Importa notar que, apesar de as obras evocarem uma criança, a mesma nunca é retratada na obra, torna-se quase que omnipresente. Também Mary Kelly se serve de diários para, quase que cientificamente, anotar dados e notas associados aos objetos expostos. Reforçando, uma vez mais, a dualidade entre uma efetividade e análise científica, «de modo que as referências subjetivas sejam justapostas às abordagens mais distantes ou teóricas representadas pelos diagramas»⁸⁰ (tradução livre da autora). E é precisamente desta documentação exaustiva, de um mundo pessoal, que se forma a obra.

Nas palavras de Dominique Heyse-Moore (2011),

O trabalho de Mary Kelly interroga a linguagem como um sistema de significado, refletindo-se para nós sobre a forma como lembramos e descrevemos as nossas vidas. Fundamentada nas lutas diárias, mas enquadrada por uma visão mais ampla dos acontecimentos históricos, os seus temas prescientes dão ao «político pessoal» uma ressonância complexa e evocativa. As perguntas desafiadoras que Kelly coloca são específicas do seu discurso, - as palavras costumam ser o material dela. Mary trata as vozes como objetos encontrados, que coleciona e depois esculpe ou modela em forma visual.⁸¹ (tradução livre da autora)

⁸⁰ *Mary Kelly Post-Partum Document. The Complete Work (1973-79)* [em linha]. [Consult. 30 abr. 2020]. Disponível em WWW: <http://foundation.general.at/en/info/archive/2000-1998/exhibitions/mary-kelly-post-partum-document.html> Original: so that subjective references are juxtaposed with the more distanced or theoretical approaches represented by the diagrams.

⁸¹ HEYSE-MOORE, Dominique— *Artist Biography* [em linha]. Mary Kelly Artist [Consult. 23 abr. 2020]. Disponível em <http://www.marykellyartist.com/projects.html> Original: Mary Kelly's work interrogates language as a system of meaning, reflecting back to us how we remember and describe our lives. Grounded in daily struggles, yet framed by a wider view of historical events, her prescient themes give «the personal is political» a complex and evocative resonance. The challenging questions Kelly poses are discourse specific— words are most often her material. She treats voices as found objects that she collects, then carves or models into visual form.

*São contos contando contos
Que vivemos que sonhamos
A que se acrescentam Pontos
De cada vez que os contamos*

*Tantas terras, tantas gentes
Tantas sortes, tantas vidas
Que parecem tão diferentes
E que afinal são parecidas*

*Sejam de hoje ou de ontem
Inventadas ou vividas
Por mais vidas que se contem
Sobram sempre tantas vidas*

*E se os contos são cantados
Se a rima for bem escolhida
Já não contos são fados
E se são fados são vidas.*

Contos de Fados, a partir do poema Nada Fica de Nada,
de Ricardo Reis, letra de Manuela de Freitas, cantado
pela fadista Aldina Duarte.

CAPÍTULO III – MEMÓRIA E ARQUIVO: MANIPULAÇÃO DE HISTÓRIAS

III.1 Recolha e inventariação de fotografias e registos de família

Artistas como Daniel Blaufuks, cuja obra artística abordarei posteriormente, defende que a apropriação de objetos para criação de arquivos/coleções é mais do que uma parte do processo de trabalho, acarreta por si só um carácter de projeto artístico.

Neste contexto, importa abordar o ato de arquivar memórias de família, que assume, de forma mais recorrente, a forma de álbum de família. Esse desejo de produzir e preservar as fotografias de família é um fenómeno comparativamente recente. No entanto, parece que intrínseco à existência recoletora do ser humano.

Arquivar pode ser entendido como o ato de guardar, qualquer documento ou informação em arquivo (seguindo uma determinada metodologia e sem se impor uma relação sentimental). No sentido figurado, corresponde tanto ao ato de conservar na memória como de esquecer.⁸²

Poderíamos chamar ao álbum um arquivo de fotografias de família, porém ele é mais do que um conjunto destas, é um contador de histórias. Quando criado, surge o propósito de contar uma história, moldada por quem o forma e que dependerá de quem o olha – o observador. A sua interpretação é um espaço aberto aos olhares e a sua leitura dependerá de pontos de vista geracionais distintos. No entanto, a interpretação do observador é já condicionada pelo criador do álbum que colocou neste apenas as memórias que lhe são queridas, os momentos felizes, as festas, os nascimentos, ..., e que ordeiramente as dispõe, procurando guiar a narrativa, conduzindo o observador. Nos álbuns de família encontramos o que as famílias nos querem mostrar.

Com a evolução da tecnologia associada à fotografia, nomeadamente, à forma de guardar os registos fotográficos, arquivar fotos de família deixou de ser o ato de as colocar num álbum de capa dura. Ao invés, as fotografias são agora guardadas em álbuns sem capa

⁸² *Dicionário infopédia de língua Portuguesa – Arquivar* [em linha]. [Consult. 25 out. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arquivar>

(digitais), discos, cartões de memória, entre outros.⁸³ Possibilitando, por um lado, uma partilha mais rápida e alargada dos elementos a toda a família, não salvaguarda, no entanto, a sua preservação (uma vez que também estes elementos tecnológicos se deterioram ou, com as sucessivas evoluções tecnológicas, deixam de ser legíveis, atirando as memórias familiares para o esquecimento). Assim, os álbuns de família tornam-se agora um novo objeto de culto, opondo-se à tecnologia - uma vez que estes não disponibilizam a fotografia para todos, - e acentuado o valor sentimental que procurar recuperar as memórias.⁸⁴

Richard Billingham não precisou de viajar para encontrar a fama - ele encontrou-a na casa enquanto captava a sua mãe e o seu pai no apartamento deles em Cradley Heath (...).⁸⁵

É igualmente dentro da minha «casa» que surge o objetivo da minha prática artística. A articulação entre as fotografias, objetos e registos dos vários elementos da minha família, inclusive daqueles que desconheço presencialmente, e a sua transformação em objeto artístico tornaram-se um dos pontos de partida das obras focadas neste trabalho de projeto.

Como referido no Capítulo I.V, contactei diretamente os meus familiares, através do envio de cartas, questionando-os em duas perspetivas diferentes, uma de apuramento de registos e outra, de perspetiva sociológica.

Complementando a abordagem já realizada, trata-se agora a segunda perspetiva que, através das respostas dadas, transporta para as cartas um valor pós-documental. Acrescenta-lhes identidade, transformando-as em objetos de valor e sentimento. São agora um diálogo familiar, entre mim e pessoas que conheço e não conheço, mas que têm comigo em comum a família na qual estão inseridas. (fig. 31)

⁸³ HEWITT, Michael – *The rise and rise of family photographs* [em linha]. [Consult. 5 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2011/mar/05/family-photographshistory#comments>

⁸⁴ ANDRADE, Sérgio C. – *Os álbuns de família são agora um novo objeto de culto* [em linha]. Paula Figueiredo. [Consult. 06 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2013/09/29/jornal/os-albuns-de-familia-sao-agora-um-novo-objeto-de-culto-27166544>

⁸⁵ LACK, Jessica – *Animal magic. Richard Billingham Q&A* [em linha]. [Consult. 5 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.creativetourist.com/articles/art/uk/animal-magic-richard-billingham-qa/>

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Designa-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar.

2. Amigo; por vezes é mais que família, é uma empatia consentida, uma cumplicidade além dos lados, senão que não, é uma escolha feliz de alguém que colocamos ao nosso lado partilhando a vida. Porque a família não nasce pronta constrói-se aos poucos.

Porquê? Pode-se aprender a amar, ter respeito, fé, solidariedade, companheirismo e outros sentimentos.

3. O conceito da família altera sempre de criança para adulto, porque é em adulto que se constrói família. Porque o papel da família no desenvolvimento é fundamental, porque é no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais, bem como as tradições e os costumes que são feitos através das gerações.

Fig. 31 - Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte II* [detalhe], 2017. Inquérito feito a familiar e recebido por correspondência, 21 X 29,7 cm.

Tornou-se igualmente importante criar uma memória coletiva visual da família, o que a meu ver, apenas teria sentido se originado de um trabalho colaborativo, isto é, da disponibilidade da família me facultar as suas memórias, as histórias que quisessem contar e objetos que de alguma forma tivessem também a sua razão de guardar. Para o efeito, nas cartas enviadas, solicitei essa dispensa e partilha de intimidade.

Consegui assim recolher um vasto conjunto de elementos, de origem e naturezas diversas – fotografias, documentação como cédulas pessoais e de escola, certidões de nascimento, carimbos ou cartas, livros, peças de roupa, entre outros.

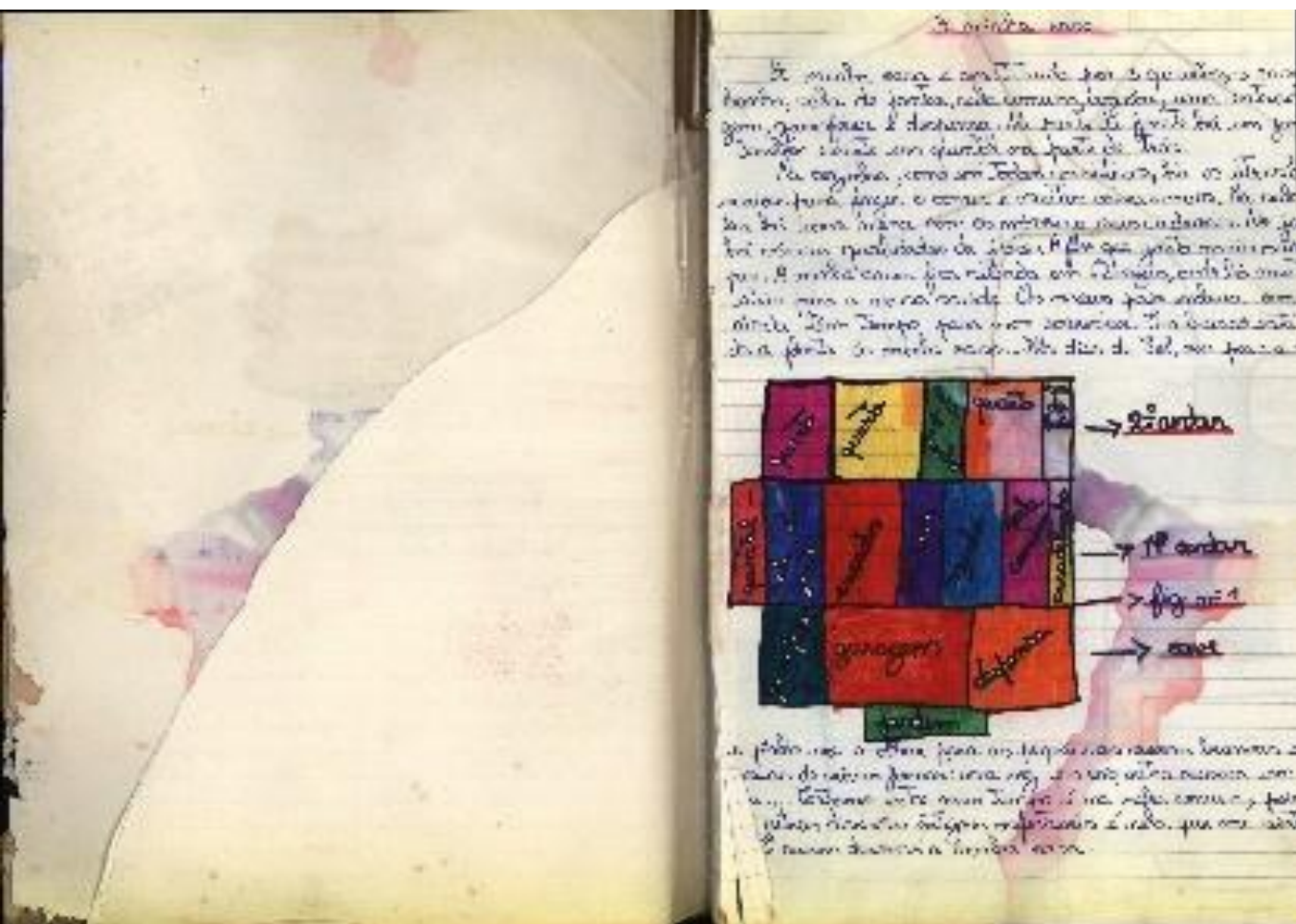


Fig. 32 – Páginas do diário da minha mãe quando era criança, Caderno 21,5 x 32 cm. Arquivo pessoal.



Fig. 33 – Páginas do diário da minha mãe quando era criança, Caderno 21,5 x 32 cm. Arquivo pessoal.



Fig. 34 – Páginas do diário da minha mãe quando era criança, Caderno 21,5 x 32 cm. Arquivo pessoal.

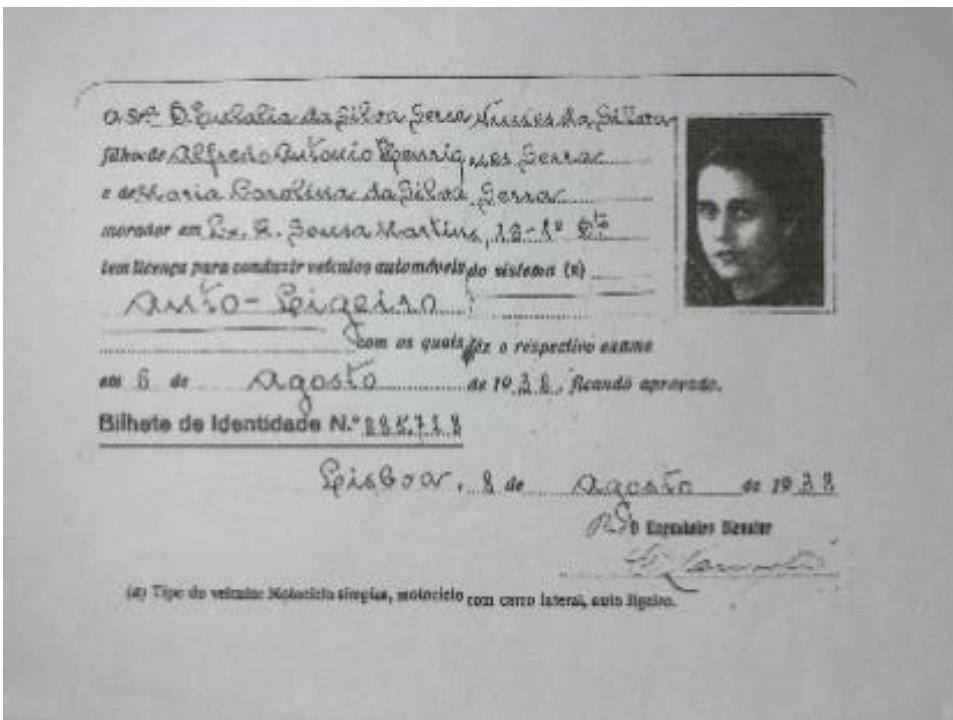


Fig. 35 – Fotocópia da Licença de condução Bisavó Eulália, Arquivo pessoal.

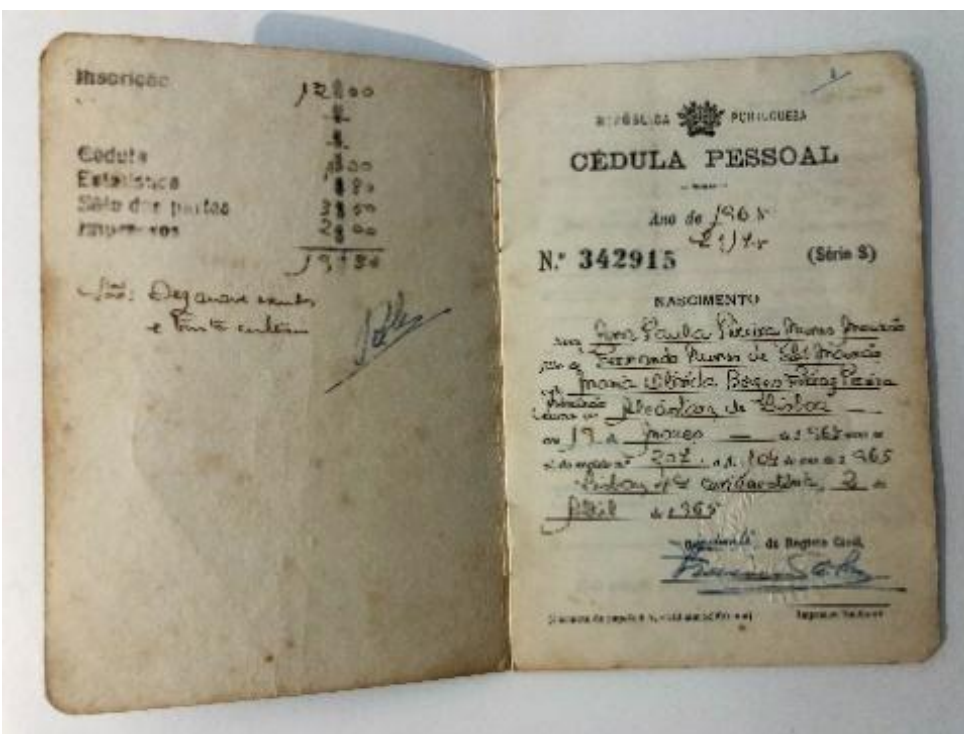


Fig. 36 – Cédula Pessoal, 10 x 14,6 cm. Arquivo pessoal.

Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo.

Hospital de S. Bernardo

Declaração de Nascimento

1.º - Nado vivo

N.º.....

Ass. 09 dias do mês de maio de mil novecentos e setenta e um e em horas 17 e 42 minutos nasceu neste Hospital uma criança do sexo FEMINEO filha de Paula Paula Pereira Nunes residente Setúbal

como consta do livro respectivo.

Secretaria do Hospital de S. Bernardo aos 12 de fev de 1971

Pl. Chefe da Secretaria

Paula da Silva

Mec. 104

C. R. S. S. SETÚBAL
Esta conforme o original

Fig. 37 – Declaração de Nascimento, 21 x 29,7 cm. Arquivo pessoal.

Mais do que a sua obtenção, recolhi as histórias que lhes vieram associadas, algumas acompanhadas inclusive de descritivos com o respetivo enquadramento histórico, por forma a revelar o seu real sentido (fig.38).⁸⁶



Fig. 38 – Autor desconhecido. Registos fotográficos impressos sobre papel, 21 x 29,7 cm. Arquivo pessoal.

Das fotografias recolhidas, selecionei as que esteticamente mais me interessavam, pelos elementos que as constituíam, pela sua disposição, pelas cores ou pela narrativa apresentada. Em parte delas, conseguia identificar as personagens, noutra parte, a imaginação formava os diálogos. Esta seleção foi o princípio para a elaboração da segunda parte da obra *Os meus álbuns de Família – Parte I*, que abordarei mais detalhadamente no capítulo seguinte.

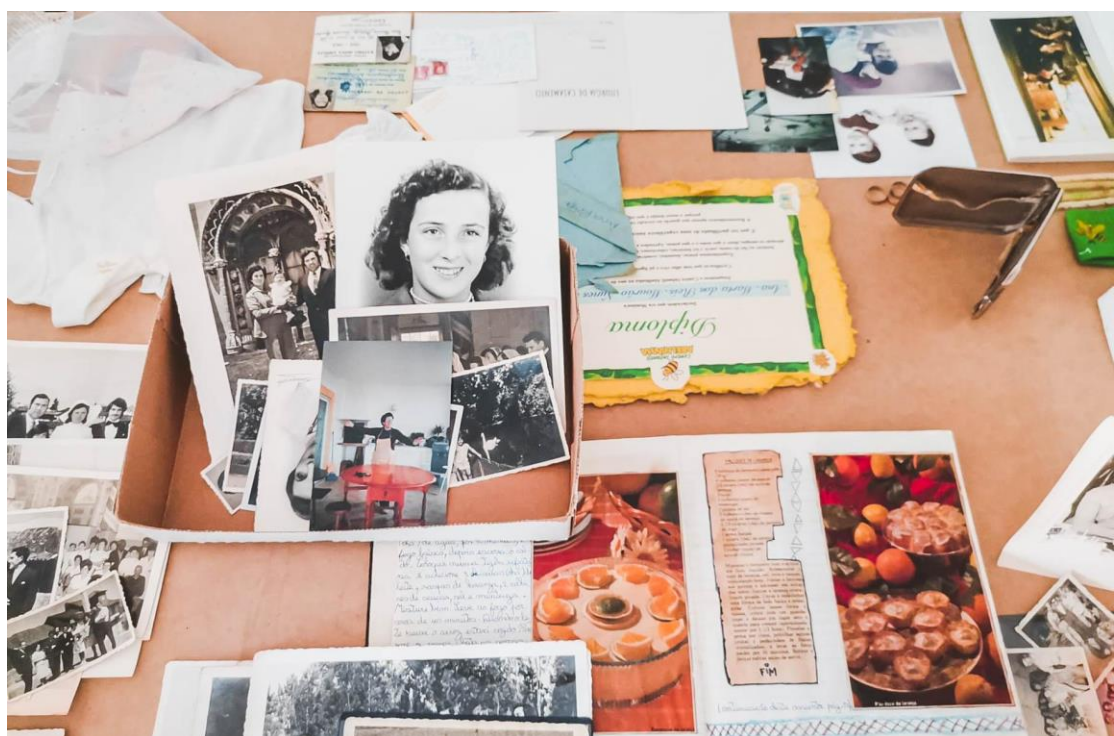
⁸⁶ HEWITT, Michael – *The rise and rise of family photographs* [em linha]. [Consult. 5 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2011/mar/05/family-photographshistory#comments>

De resto, todos os elementos rececionados foram analisados, organizados e expostos por tipo - seja álbuns de família, recortes de jornal, peças de roupa ou livros - em cima de uma mesa corrida.

Acredito que, assim como os álbuns, todos os elementos que me chegaram foram pré-selecionados pelos seus proprietários. De facto, nem todas as fotografias merecem ser colecionadas, nem todos os objetos são merecedores de arquivo, pois é necessário existir um sentimento de desejo para com o item em questão, pela memória a que ele nos transporta. Afinal, «o álbum corresponde a um desejo de família: ao desejo de sobreviver à morte como espécie, sobrenome, categoria, enfim, como imagem.»⁸⁷

Aqui, misturaram-se as origens dos objetos com a intenção de evocar histórias pessoais e identificação por parte do observador, ao tornar anónimo quem os disponibilizou. Assim, formam-se novos diálogos que permitem ao observador potenciar as histórias e narrativas presentes nos objetos e imagens.

Fig. 39 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [detalhe], 2017. Objetos enviados por familiares, dimensões variadas.



⁸⁷ SILVA, Armando - *Álbum de família: a Imagem de Nós Mesmos*, p.36.



Fig. 40 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [detalhe], 2017. Objetos enviados por familiares, dimensões variadas.

O meu gesto não é de captação, como na fotografia, mas sim de reapresentação.

Parte dos elementos mantive-os dentro de caixas e algumas fotografias dentro dos respetivos álbuns, convidando o observador a mexer nas caixas, a percorrer os álbuns e a procurar por si, como se das suas memórias se tratasse.

Deste modo, as fotografias são também utilizadas pela sua *objetualidade*, interessa a imagem frontal que as constitui, tanto quanto as notas que estejam no verso, os recortes que lhes possam ter sido feitos ou qualquer outra característica que as personalize, que permitam criar uma narrativa.



Fig. 41 – Autor desconhecido. Arquivo pessoal, 13,5 x 8,8 cm, Registo fotográfico Casamento Tia-Avó Noémia

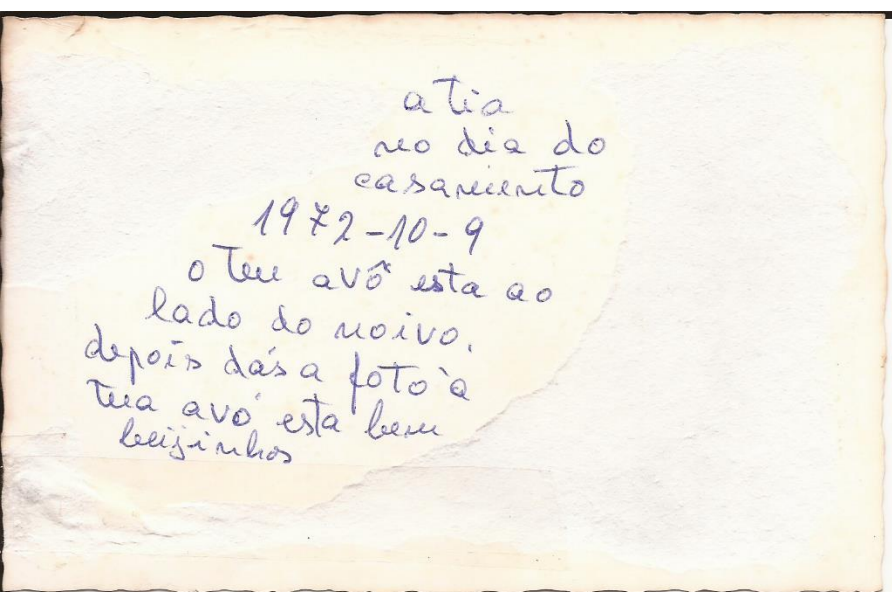


Fig. 42 – Autor desconhecido. Arquivo pessoal, 13,5 x 8,8 cm, verso de registo fotográfico Casamento Tia-Avó Noémia,

Esta mesa de objetos será tão grande e composta quanto a disponibilidade familiar, como em todo o meu trabalho, não se findará no tempo enquanto a família continuar a crescer.

O olhar que percorre a mesa de objetos e de histórias, segue o diálogo até à parede, perpendicular a esta, culminando com a exposição de quatro peças de roupa de criança, peças estas que me pertenciam (fig. 43 a 46).



Fig. 43 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [pormenor], 2017. Instalação, 50 x 50 cm, , 1 de 4 peças de roupa em moldura de acrílico.



Fig. 44 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [pormenor], 2017. Instalação, 50 x 50 cm, , 1 de 4 peças de roupa em moldura de acrílico.



Fig. 45 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [pormenor], 2017. Instalação, 50 x 50 cm, , 1 de 4 peças de roupa em moldura de acrílico



Fig. 46 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [pormenor], 2017. Instalação, 50 x 50 cm, , 1 de 4 peças de roupa em moldura de acrílico.

Estas peças de roupa são, uma a uma, colocadas dentro de dois acrílicos, de forma quadrangular, e fixas à parede por quatro pontos. Por trás de cada um destes quadros transparentes e sem moldura, encontra-se um pequeno recorte de papel, com as sucessivas e evolutivas ecografias da minha mãe, aquando da sua gravidez (fig. 47 a 50).



Fig. 47 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos [pormenor]*, 2017. Instalação, 1 de 4 ecografias com 11,5 x 9 cm cada.

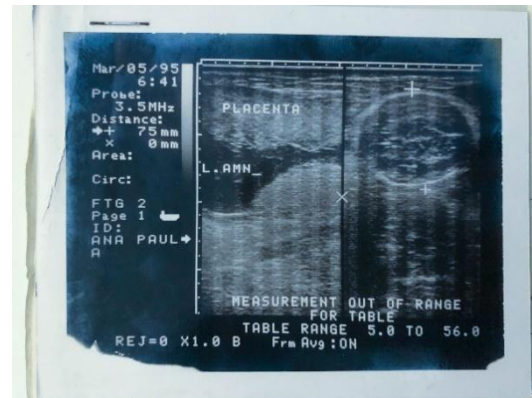


Fig. 48 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos [pormenor]*, 2017. Instalação, 1 de 4 ecografias com 11,5 x 9 cm cada.

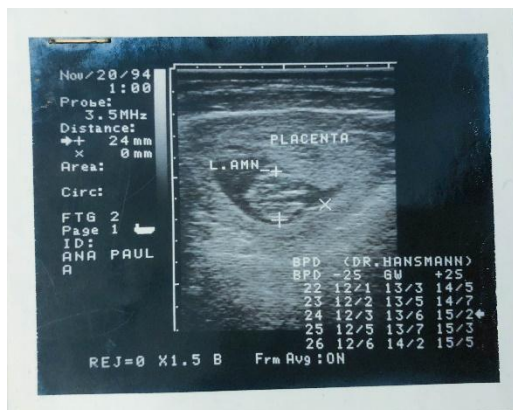


Fig. 49 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos [pormenor]*, 2017. Instalação, 1 de 4 ecografias com 11,5 x 9 cm cada.



Fig. 50 – Ana Rita Silva. *Contos que contam contos [pormenor]*, 2017. Instalação, Impressão sobre papel fotográfico

É da junção destes dois elementos (mesa de objetos e conjunto de quatro peças de roupa) que se forma a obra intitulada *Contos que contam contos*. Replicando a metodologia artística de Délio Jasse, também nesta obra se procura,

em primeiro lugar, convocar uma prática «arqueológica» de interrogação do vestígio ou fragmento de um outro espaço de tempo (...) e, em segundo, exprimir «o propósito de fundar um novo arquivo, através do agenciamento, sentido relacional, interpretação e concatenação de materiais visuais abrindo a possibilidade de refletir acerca dos sentidos de identidade, história, memória, perda ou pós-memória. Em suma, explora a dupla dimensão diagnóstica e prognóstica de arquivo».⁸⁸



Fig. 51 - Ana Rita Silva. *Contos que contam contos [pormenor]*, 2017. Instalação, Roupa, 4 peças acrílico 50 x 50 cm, 4 ecografias 11,5 x 9 cm. (Foto: Ana Rita Silva/2021)

⁸⁸ PEREIRA, Teresa Matos – Délio Jasse: Ensaios sobre memória e o esquecimento in *CROMA*, p.160.



Fig. 52 - Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [pormenor], 2017. Instalação, Roupas; 4 peças de acrílico 50 x 50 cm; 4 ecografias 11,5 x 9 cm; Álbuns e objetos diversos sobre mesa (Foto: Ana Rita Silva/2021).



Fig. 53 - Ana Rita Silva. *Contos que contam contos* [pormenor], 2017. Instalação, Roupas; 4 peças de acrílico 50 x 50 cm; 4 ecografias 11,5 x 9 cm; Álbuns e objetos diversos sobre mesa (Foto: Ana Rita Silva/2021).

III.II Manipulação de memórias - a fotografia ao serviço da memória

Cada família constrói, através da fotografia, uma crónica de si mesma, uma série portátil de imagens que testemunha a sua coesão. Sejam quais forem as atividades fotografadas o que importa é que as fotografias sejam tiradas e conservadas com carinho. [...] À medida que o núcleo familiar, unidade claustrofóbica, afastava-se de um agregado familiar, muito mais vasto, a fotografia surgia para recordar e restabelecer simbolicamente a precária continuidade e o progressivo desaparecimento da vida familiar. As fotografias são marcas fantasmáticas que permitem a presença simbólica dos parentes dispersos. Um álbum de família refere-se geralmente à família no seu sentido mais amplo e, com frequência, é tudo o que dela resta.⁸⁹

Ao olharmos uma fotografia, acreditamos que o que nela vemos representado é real, uma prova da realidade impressa. Esta conceção da fotografia é nos inculcada pelos media que, pelo seu trabalho, defendem a câmara como criador imparcial de imagens e, por conseguinte, a fotografia como a cópia da realidade, despida de vontades políticas ou pessoais.

Muita da importância atribuída à fotografia deriva da capacidade de imaginação do observador, isto é, o observador quando olha a superfície de papel fotográfico, transporta-se para dentro da imagem tornando-se parte daquele momento e narrativa. Tal só acontece pelo poder imaginativo que a fotografia desperta nos seus espectadores.

A relação entre realidade, fotografia e imaginação é desde há muito questionada. Segundo Talbot, não é o artista que faz a imagem, mas sim a imagem que se faz a si própria⁹⁰ (tradução livre da autora) - a câmara, através de um pequeno gesto humano, apenas gera imagens que, pela sua origem, poderiam ser apreciadas como neutras e objetivas. No entanto, a imagem fotográfica, ainda que potencie a criação de novas histórias e narrativas,

⁸⁹ SILVA, Armando, *Álbum de família: a Imagem de Nós Mesmos*, p. 39.

⁹⁰ EDWARDS, Steve - *Photography: A Very Short Introduction*, p. 69. Original: it is not the artist who makes the picture, but the picture which makes itself.

não se desvincula do seu papel fundamental – preservar algo, aproximar-nos de algo que já partiu e ao qual não voltaremos.

A chegada do Instamatic da Kodak, em 1963, veio revolucionar a fotografia. Se antigamente esta só era possível a famílias de maiores posses, com a Kodak deu-se a democratização da prática no seio familiar, tornando possível a captação de imagens fotográficas a um elevado número de famílias.

Partindo da ideia de que quanto mais fotografias as pessoas tivessem no álbum de família, maior seria o seu *status*, torna-se então fácil de compreender como este *boom* fotográfico tornou a fotografia de família uma das mais populares distrações familiares.⁹¹ Para além disso, numa altura em que a taxa de mortalidade infantil era imensamente elevada, a fotografia preservava, à cautela do pior cenário, a memória dos mais novos – sendo por isso essencial para registo.

A fotografia ficou assim também associada à construção da identidade familiar.

Cada uma se fotografava agora de acordo com aquilo que gostaria de ser: da memória fotográfica constam, sobretudo, os momentos felizes e de celebração. No entanto, a fotografia não se constitui como substituto da memória pois, para que a memória se associe à imagem, o seu leitor necessita de uma chave capaz de decodificar o que está a ver. Esta chave proporciona um entendimento das histórias congeladas na imagem. A fotografia auxilia a construção da memória, estabelecendo a possibilidade de diversos movimentos de recordação.⁹²

⁹¹ HEWITT, Michael – *The rise and rise of family photographs* [em linha]. [Consult. 5 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2011/mar/05/family-photographshistory#comments>

⁹² Idem. *Ibidem*.



Fig. 54 – Autor desconhecido. Arquivo pessoal, 15 x 10 cm, registo fotográfico – eu.



Fig. 55 – Autor desconhecido. Arquivo pessoal, 15x 10 cm, registo fotográfico – eu e a minha irmã.



Fig. 56 – Autor desconhecido. Arquivo pessoal, 15 x 10 cm, registo fotográfico – Eu e a minha prima Catarina.

Geoffrey Batchen partilha da ideia de que estas fotografias acarretam em si as nossas noções de identidade, acrescentando a noção de relação com o outro, igualmente espelhada no registo fotográfico⁹³ - motivo pelo qual choramos por fotografias sem qualidade estética, mas que, por outro lado, retratam o nosso avô, pai, mãe, etc.

Torna-se por isso necessário analisar as fotografias familiares de estranhos para entendermos a nossa história, as relações criadas e os elos emocionais com pessoas e lugares que guardamos inconscientemente, mas que, indubitavelmente, nos definem.

Mais ainda, perceber a forma como uma pessoa se apresenta numa fotografia – o que é revelado é uma representação daquilo que a família nos quer dar a conhecer, deixando a

⁹³ *Geoffrey Batchen acha que o seu álbum de família devia ser público.* Kathleen Gomes. Lisboa: P2, (2008).

total realidade na privacidade do seio familiar – permitir-nos-á ainda aprender algo mais sobre essa pessoa.

Assim, partindo deste pressuposto, na segunda parte da obra *Os meus álbuns de Família – Parte I*, trabalhei sobre as fotografias que me foram enviadas pelos meus familiares, selecionando as que esteticamente me apelavam pelas cores, composições ou personagens presentes.

Partindo das imagens selecionadas, criaram-se novas narrativas e composições. Para o efeito, as fotografias selecionadas foram previamente digitalizadas e impressas de seguida numa impressora de jato de tinta. Recorrendo a Salicilato de metilo, os elementos de interesse foram transferidos para outro papel. Neste, sobrepunham-se imagens, rostos, elementos escritos ou apenas tonalidades da fotografia, misturando-se diferentes realidades (figuras 57, 58 e 59).

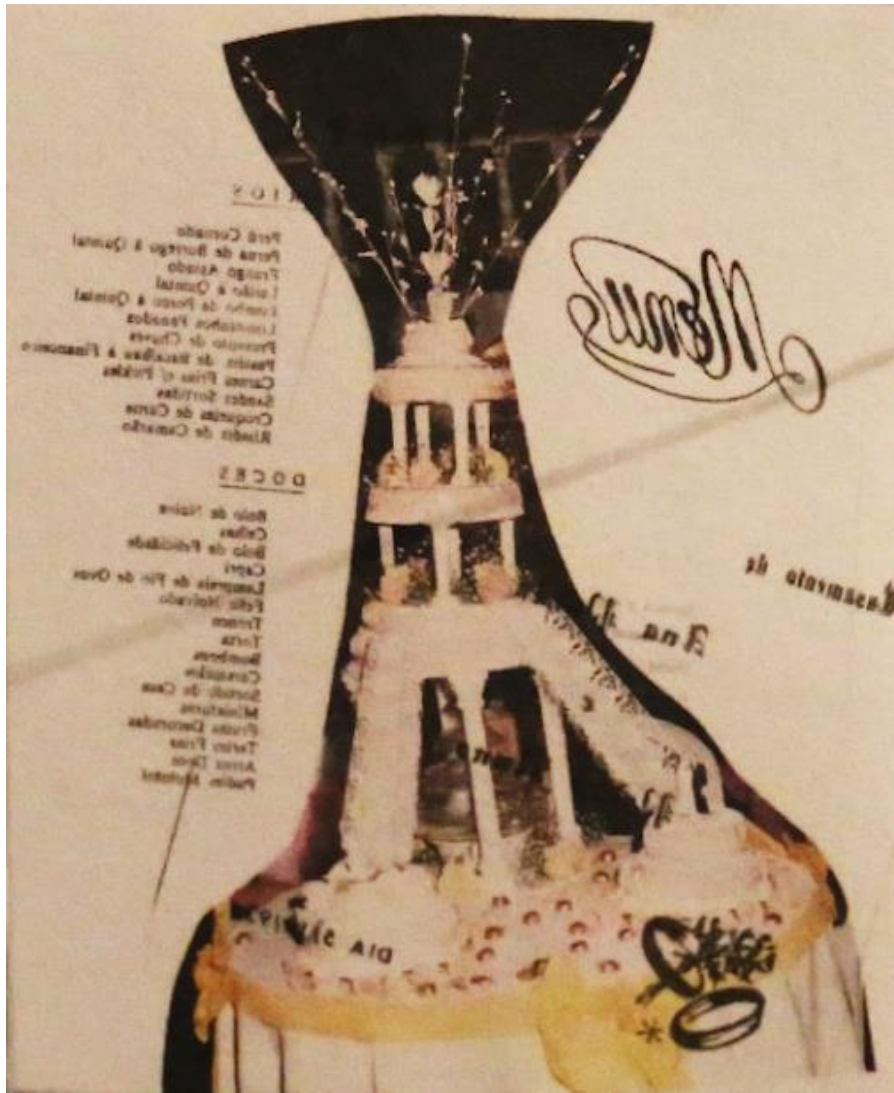


Fig. 57 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 10 x 12 cm, Salicilato de metilo e tinta sobre papel. Sobreposição Bolo casamento dos meus pais e menu do casamento.

Esta «não realidade» da imagem final é assumida por forma a destacar o seu processo de criação: sobreposição ou manipulação de imagens para a criação de uma nova imagem, uma nova memória retirada do passado e do presente e que mistura em si memórias diversas de diferentes elementos da mesma família. Uma demonstração clara de que o que o espectador observa parte do real para o imaginário, para uma memória longínqua e difusa.



Fig. 58 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 12 x 10 cm, Salicilato de metilo e tinta sobre papel. Meu pai a utilizar uma camisola minha, de criança.

A sobreposição de imagens em camadas sucessivas procura indicar ainda a (re)construção da memória que, pela sobreposição e transparência, evoca um passado nostálgico ao qual não poderemos regressar, mas o qual poderemos recordar como um novo ciclo de vida da memória, uma nova narrativa a partir de várias camadas de sentido.

Assim como a memória, também a fotografia nos oferece a possibilidade de voltarmos ao que poderia ter sido, ao abrir uma outra possibilidade para a vida. Essa outra possibilidade, para outras vidas, faz das histórias que as imagens nos contam uma janela aberta à imaginação.

Lourdes Castro, ao criar álbuns de família, ilustra na perfeição esta ideia de que pela fotografia nunca conseguiremos aceder à realidade –nas respetivas fotografias dos pais, tios, das celebrações, etc., acrescenta-lhes a sua família eleita, as sombras. Uma alusão ao imaginário presente nas fotografias de família e à distância que estas podem ter da realidade.⁹⁴

⁹⁴ PEREIRA, Mariana – *Todos os álbuns da família que Lourdes Castro escolheu* [em linha]. [Consult. 06 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.dn.pt/artes/interior/todos-os-albuns-da-familia-que-lourdes-castroescolheu-5474901.html>

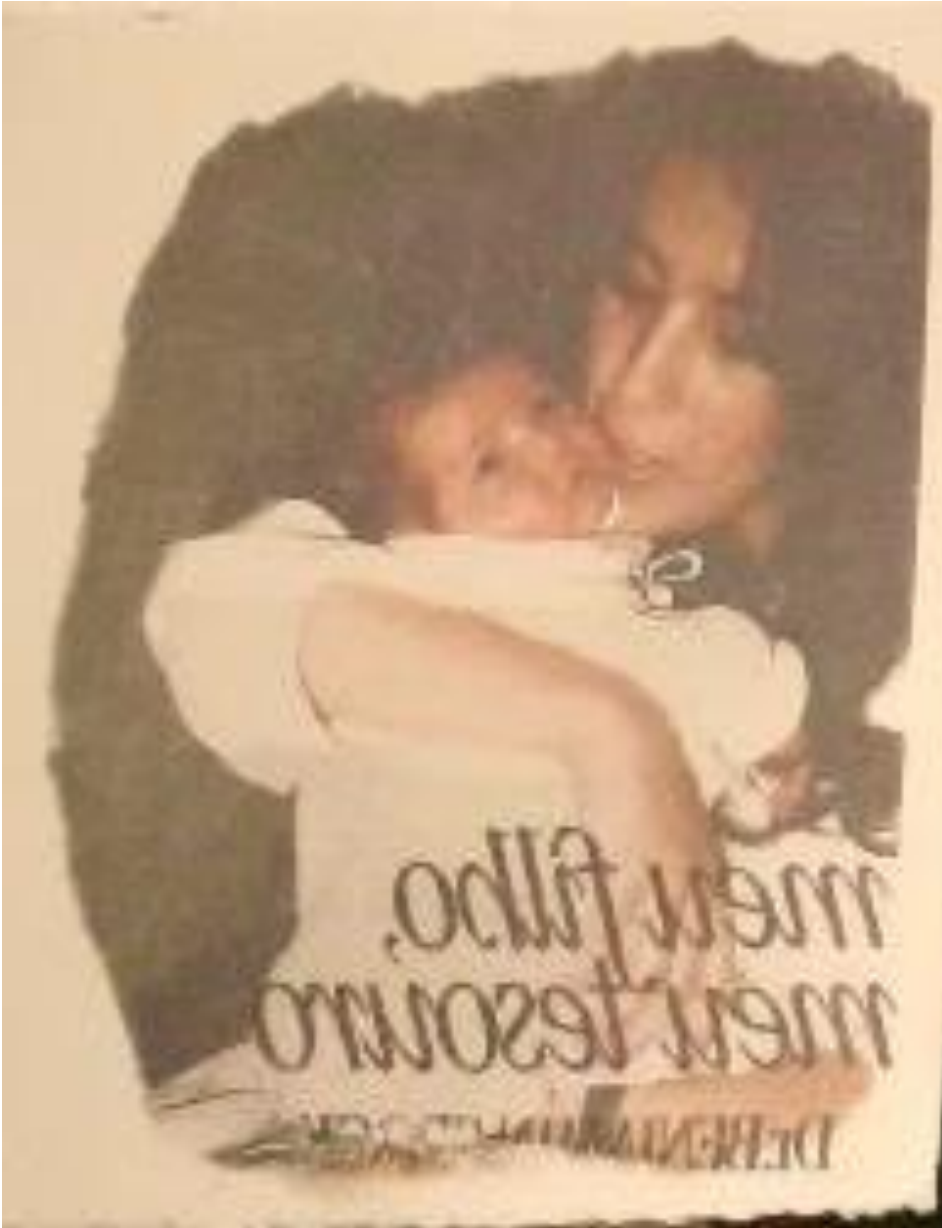


Fig. 59 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 10 x 12 cm, Salicilato de metilo e tinta sobre papel. Minha mãe com a minha irmã ao colo, sobreposição do livro “Meu livro, meu tesouro”.

Da árvore genealógica criada na parede, de papel e linha, saem os fios para estas narrativas, ilustrando os nomes a que estão associadas. Estas novas composições, são também elas um fio que nos leva do passado ao presente e que acompanha o presente nessa viagem. Mostramos o que foi, mas acrescenta-lhe novos dados, novas pistas – rememorando.

Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo.



Fig. 60 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 117 composições de 12 x 10 cm cada, salicilato de metilo e tinta sobre papel.



Fig. 61 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 117 composições de 12 x 10 cm cada, salicilato de metilo e tinta sobre papel.

Os meus álbuns de família: a memória ao serviço da identidade nas dinâmicas sociais do mundo contemporâneo.



Fig. 62 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I [detalhe]*, 2017. Instalação, 117 composições de 12 x 10 cm cada, salicilato de metilo e tinta sobre papel.

Este recordar é um regressar a algo, ao qual se acrescenta algo mais de cada vez que se regressa. É um resgate da história, a fim de evitar o sentimento de perda ou de passagem no tempo, uma promessa de futuro que transporta o passado para o presente.

Na minha prática, rememoro inventando, memórias minhas e de outros, criando uma imagem que se traduz na obra completa *Os meus álbuns de família – Parte I* (fig. 63).

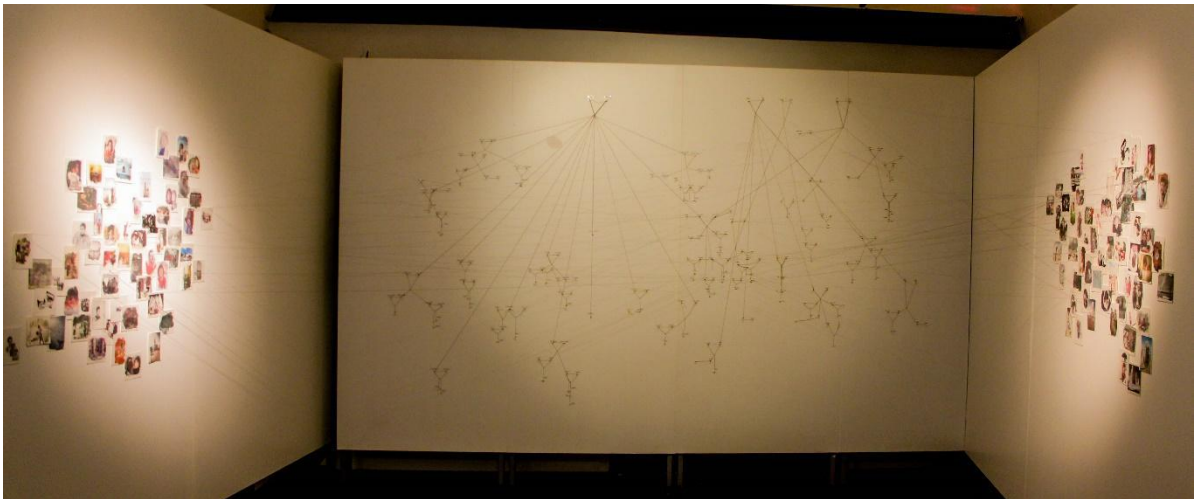


Fig. 63 – Ana Rita Silva. *Os meus álbuns de família – Parte I*, 2017. Instalação, dimensões variáveis, Salicilato de metilo e tinta sobre papel, linha, fita-cola, papel e papel de cenário.

Ainda assim, a fotografia, mesmo aliada à memória, não chega para determinar significados ou obter respostas. A realidade do sujeito, neste permanece.

Citando Geoffrey Batchen, a fotografia por si só não permite «*recordar as pessoas [...] o modo como se moviam, o seu modo de falar, o som da sua voz, esse levantar de sobrelanceira quando faziam uma brincadeira, o seu cheiro, o toque da sua pele sobre a vossa, as emoções que provocaram*»⁹⁵ - razão que me levou à obra seguinte.

⁹⁵ BATCHEN, Geoffrey, Forget me not: Photography and Remembrance apud BALTAZAR, Maria João - A Síndrome de Barthleby e a Fotografia de Família in *Fotografia(s), Revista de Comunicação e Linguagens*, p.59.

III. III Entrevista: vídeo e áudio-histórias de uma geração

Ao longo do meu processo, e de cada vez que falava com um familiar sobre o tema deste trabalho de projeto, constatei que tinham sempre uma história para me contar, algo que poderiam acrescentar sobre determinado acontecimento familiar e o quanto me interessava capturar essas partilhas.

Mais ainda, comecei a perceber que as memórias, inclusive daqueles que partilharam grande parte do seu percurso no mesmo espaço, se registavam com diferentes pesos e medidas e, por resultante, impactando a sua formação pessoal enquanto indivíduos.

Assim, procurei recorrer ao vídeo e áudio, para uma representação mais real das memórias, dando voz aos meus familiares e, contrariamente ao que acontece com as restantes obras do meu trabalho de projeto, não as confundindo com as de outros. Os intervenientes e as histórias que partilham são deles, eles que disponibilizam a sua narrativa da qual o observador retirará as suas relações. É desta premissa que surgem as obras *Casa do Adro* e *Na casa dos avós*.

Partindo da ideia de entrevista, mas adaptando o modelo, foi entregue aos entrevistados um papel, com os tópicos pelos quais se deveriam guiar (fig.64) ao longo do seu discurso com o objetivo de não existir interferência do «entrevistador» na conversa – tornando-o quase como que uma segunda câmara no espaço. Assim, em qualquer uma das obras o entrevistado conta a sua história para quem o estiver a ouvir, auxiliando-se nos tópicos descritos para construir a narrativa e criando a perceção de que tudo o que está a contar é propositadamente direcionado para o observador, quando este decidir assistir.

Aqui, interessaram-me as memórias dos elementos mais velhos da família, por um lado dos irmãos da minha avó paterna, pelo elevado número de elementos e pelas faixas etárias que abrangem, por outro as referências mais distantes do meu núcleo familiar, os meus avós paternos e maternos.

INFÂNCIA

1. Data de nascimento
2. Nome dos pais
3. Cidade
4. Irmãos
5. Mortes (caso haja)
6. Quotidiano
7. Violência

Momento que tenha marcado pela positiva
Momento que tenha marcado pela negativa

FASE ADULTA

1. Namoro
2. Casamento
3. Filhos
4. Mortes (caso haja)
5. Separações
6. Como ~~afecta~~
substitua
7. Motivos das separações
8. Violência

Momento que tenha marcado pela positiva
Momento que tenha marcado pela negativa

1. O que é família?
2. Quando se considera que faz parte da família?
3. Conceito de família antes e agora – se mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu uma “família”?

Fig. 64 – Guião entregue aos entrevistados, 21 x 29,7 cm.

No que concerne às entrevistas dos meus tios-avós, as mesmas realizaram-se no decorrer de um encontro de família. Anualmente, a família Reis e Moura reúne os seus diferentes elementos num almoço que ora é organizado por uns, ora por outros, e cujo local do evento varia de ano para ano.

No almoço ocorrido em 2017, no qual eu não estive presente, foram criadas as filmagens deste trabalho. Para o efeito, a meu pedido, a minha irmã e o meu pai, sem qualquer indicação à exceção do guião que deviam apresentar às pessoas e do material de filmagem,

abordaram os irmãos da minha avó que estiveram presentes no encontro. Nos casos onde o irmão já teria falecido, entrevistou-se o(a) filho(a) mais velho.

O objetivo foi captar as pessoas em contexto familiar, sem que lhes fosse dada a oportunidade de refletirem sobre o tema e de alguma maneira, que fossem apanhados de surpresa, na tentativa de que assim não filtrassem as memórias que lhes iam surgindo no decorrer da narrativa.

Importava igualmente que estes vídeos fossem vídeos amadores, sem grandes recursos, como aqueles que produzimos no contexto das nossas casas e nos quais se capta também o ambiente envolvente. Nestes conseguem ouvir-se alguns barulhos de fundo - inclusive, um dos vídeos torna-se de difícil perceção pelo barulho de crianças a brincar, - e há a variação clara dos cenários onde foram gravados - alguns dentro do restaurante, outros em conversa de café, outros no ambiente do hotel onde a família estava hospedada.

Como já referido anteriormente, este trabalho assenta sobretudo na participação ativa da família para a sua construção. Sem eles, sem os seus contributos, as obras não se formariam. É também nesse sentido que o registo vídeo foi elaborado por outros, tornando o meu pai e a minha irmã os agentes condutores desta obra - pessoas mais reservadas e introvertidas que acabaram por se envolver e entusiasmar com as histórias. Estes nomes e estas memórias serão assim não apenas um trabalho de artista mas, essencialmente, um trabalho da família sobre a qual incide.

Estas entrevistas permitiram mostrar uma parte mais vulnerável dos entrevistados, de memórias e reflexões consideradas de mágoas. De situações proibidas e escondidas, como a situação profissional do tio-avô José Carlos ou do efeito da doença nas relações, nomeadamente no caso da Tia-avó Maria da Graça que no seu testemunho partilha a mágoa que sente pelo facto de a doença de Parkinson a tornar dependente da sua família e o quanto a mesma desejaria que assim não fosse.

O nome que esta obra adota surge de uma partilha da minha avó comigo. A Casa do Adro era o nome que, informalmente, esta e os seus irmãos chamavam à casa de família onde cresceram.

A casa situava-se no largo da igreja matriz, dos bombeiros e do asilo (atual Santa Casa da Misericórdia) da Sertã. Tinha um adro muito grande onde toda a gente se juntava aos domingos, a igreja era à frente, nas costas do adro era a nossa casa.⁹⁶

É curioso ver como, dentro da mesma casa e partilhando a mesma infância, cada um tem uma diferente perceção da realidade e de como expor as memórias. Curioso também que, tanto os homens como as mulheres, a dado ponto do discurso, focam a guerra e ida para a tropa - eles porque foram e elas porque os viram ir.

Acredito que o ambiente em que as filmagens ocorreram permitiram aos entrevistados um à vontade diferente do habitual, que não sendo abordados previamente conseguiram partilhar algumas histórias desconhecidas pela maioria. Histórias que tiveram um impacto na sua vida e nas suas relações e que, muito provavelmente, os próprios irmãos não se aperceberam da importância. Destaca-se, o testemunho da minha Tia-avó Didinha (Fig. 65), a mais nova dos Reis e Moura, que passou pela experiência de, por um amor que não era aprovado pelos irmãos, viver o dia do seu casamento sem aqueles que lhe são mais queridos – na memória dos irmãos, o desagrado da altura não terá causado tanto impacto.



Fig 65 - Registo fotográfico, entrevista Tia-avó Maria Olinda (Didinha), 2017.

⁹⁶ Transcrição da explicação dada pela minha avó Paula Reis e Moura, relativamente à casa de família onde cresceu e ao nome que lhe atribuíram.



Fig. 66 - Registo fotográfico, entrevista Tio-avô José Carlos, 2017



Fig. 67 - Registo fotográfico, entrevista Primo David, no lugar da Tia-avô Judite (falecida em 2008), 2017



Fig 68 - Registo fotográfico, entrevista Tio-avô João, 2017.



Fig. 69 - Registo fotográfico, entrevista Primo Luís Miguel no lugar do Tio-avô Miguel Ângelo (falecido em 2003), 2017



Fig. 70 - Registo fotográfico, entrevista Tio-avô Adelino, 2017.



Fig. 71 - Registo fotográfico, entrevista Tio-avô Jorge, o mais novo dos irmãos, 2017



Fig. 72 - Registo fotográfico, entrevista Tia-avó Maria da Graça, 2017.



Fig 73 - Registo fotográfico, entrevista Tia-avó Maria Ângela (Lita), 2017.

Mais do que um trabalho de vídeo, esta obra assenta numa instalação artística que procura envolver o observador.

Utilizando grandes panos pretos, criou-se uma sala escura com apenas uma abertura, que convida à entrada. No seu interior encontra-se uma poltrona e uma mesa de apoio com chá e bolo, sendo que, o cheiro que destes emana, cria um envolvente acolhedor, convidando o observador a sentar-se na poltrona e a ali ficar.

Numa das paredes, projetam-se então os vídeos, em *loop*, transformando-os numa conversa sem fim, na qual se partilham histórias de família. O ambiente relaxado, a relação com o chá e bolo, permitem esquecer tudo em volta e ouvir a história, uma história privada que está a ser contada ao observador e que só poderia ser partilhada num espaço de confiança. Esta sala torna-se então numa caixa de segredos, para o qual o observador é convidado a entrar e deixar-se envolver pela narrativa contada e por toda a sua experiência (fig.74)

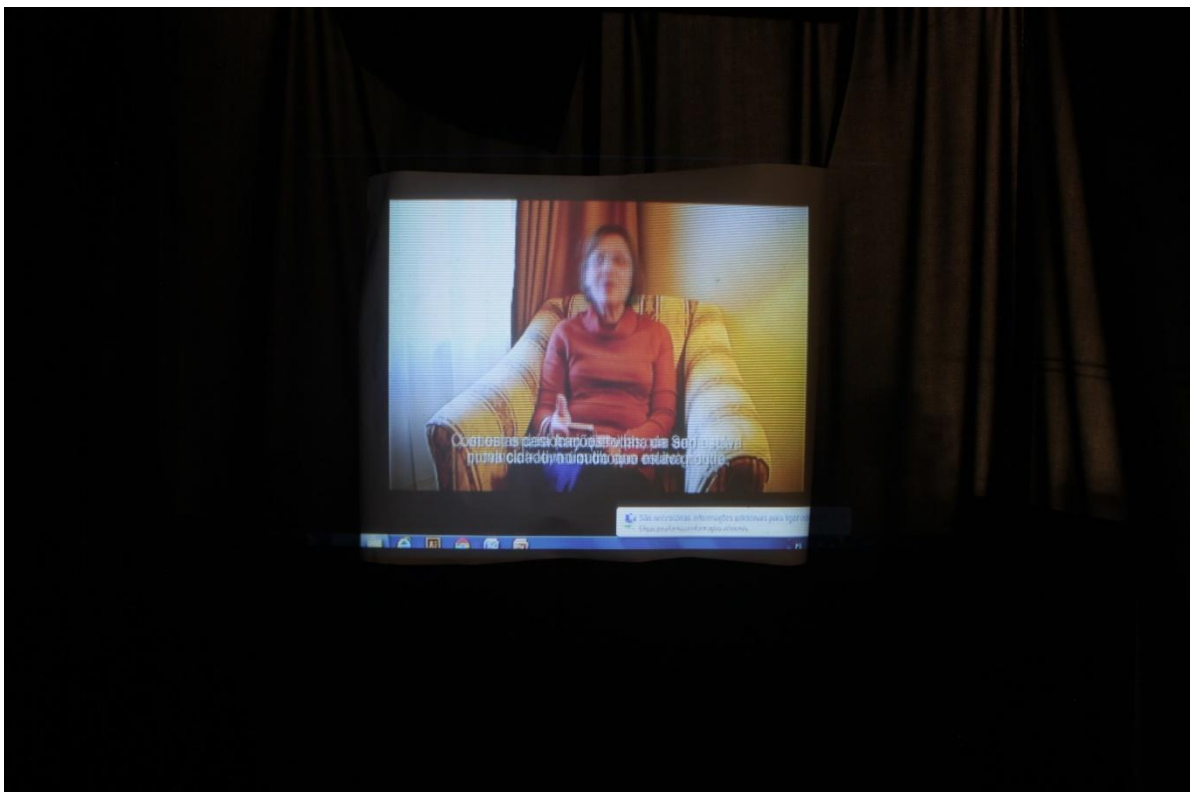


Fig. 74 – Ana Rita Silva. *Casa do Adro [detalhe]*, 2017. Instalação, projeção em pano preto. Conjunto de 10 vídeos.

Na casa dos avós retrata, por um lado e mais diretamente, os meus quatro avós, por outro, os elementos da família a quem estes fazem referência. Das relações destes quatro elementos, recordo que a minha avó Paula e avô Manuel (avós paternos) se divorciaram e que a minha avó Olinda e avô Fernando (avós maternos) mantêm o laço matrimonial. Questão que se consegue destacar nos seus relatos.

Para a elaboração desta obra visitei, cada um deles, nas suas casas - sem grande aviso prévio, apenas relatando que precisava da sua ajuda para um trabalho. Novamente, na perspectiva de que não refletissem sobre as suas vivências antes da minha chegada.

Contrariamente à obra *Casa do Adro*, aqui não interessou ter o vídeo associado ao áudio, ao invés, foram criados 4 cadernos, pretos, sem nome (fig. 75) e em cada um deles, colocado um mp3 no interior. Estes cadernos encontram-se suspensos, deixando cair os fios dos fones para quem quiser ouvir.

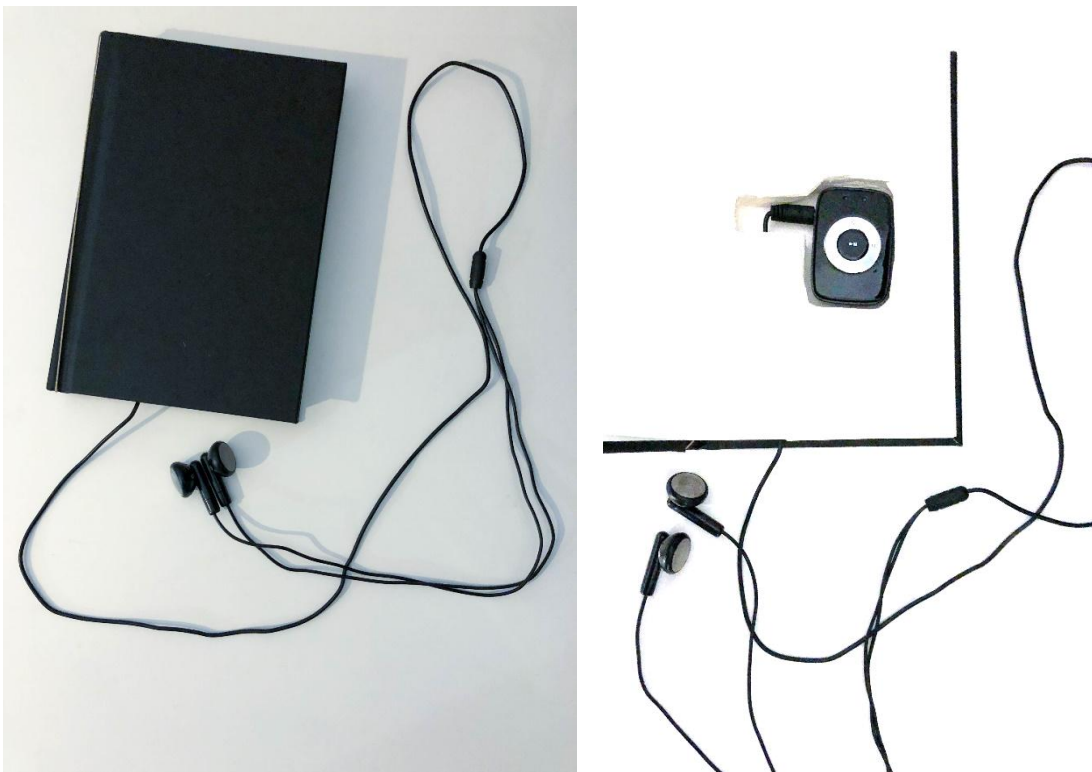


Fig. 75 – Ana Rita Silva. *Na casa dos avós [pormenor]*, 2017. Instalação, 1 de 4 cadernos pretos, 10,5 x 14,8 cm cada.

Uma vez que a conversa dos meus avós era a mim direcionada, o discurso utilizado é muito informal e pessoal. Assim, quem o ouve, pensa que a mensagem é dirigida a si. O guião utilizado é o mesmo que o utilizado na obra *Casa do Adro*, dirigindo o discurso, mas não implicando a participação do «entrevistador».

Estas gravações foram, posteriormente, manipuladas com o intuito de provocar a sensação de que se trata de uma conversa distante, de uma mensagem que nos chega de um sonho.

A voz dos entrevistados, ainda que mais distante, não é modificada e assim, é possível perceber quem discursa em cada um dos cadernos, de quem é a história dentro daquelas páginas. A esta instalação acrescentam-se ainda fotografias tiradas no momento das entrevistas, pequenos *frames* desse único momento, captando o movimento dos meus avós, relaxados nos sofás das suas casas, a contar uma história à neta.

Curioso notar que nos quatro casos, a narrativa criada deixa de se centrar nos entrevistados. Estes, por sinal, fazem referência a outros elementos da família, às suas personalidades e às preocupações que têm para com determinados elementos – a minha avó paterna destaca dos seus netos a sua neta Marta, minha irmã, e o quanto ela a faz recordar do meu pai pela forma como se fecha nos problemas.

A reação que obtive da minha irmã ao ouvir a mensagem da minha avó, é o que valida esta experiência.



Fig. 76 – Ana Rita Silva. *Na casa dos avós [pormenor]*, 2017. Instalação, 4 cadernos pretos 10,5 x 14,8 cm cada, 4 mp3 e cordel de sisal. (Foto: Ana Rita Silva/2021)

III.IV Disparidades e analogias

É no contexto anteriormente apresentado que a fotografia entra ao serviço do arquivo – pois estas são naturalmente catalogadas, são o registo de um determinado acontecimento – e em justaposição com a memória pois ambas são enganosas, porém não são enganadoras, o que importa não é a fidelidade da imagem (mental ou fotográfica) com o facto passado, mas a conexão afetiva e imaginária entre si.

Desde a 2ª metade do século XX que a história e a memória são centro de debate. De que forma pode a criação artística ou, mais concretamente, as artes visuais incluir a vertente memorialista na sua identidade?

Entre outras coisas, a era moderna é caracterizada pelo crescente significado atribuído ao arquivo. Entenda-se por arquivo o meio pelo qual se acumulam, armazenam e recuperam conhecimentos históricos e lembranças.⁹⁷

Na minha prática artística, o arquivo refere-se não apenas aos materiais visuais e documentais recolhidos, como também às estratégias para essa recolha e acumulação. Mais ainda, é pelo arquivo formado que a minha prática se relaciona com a memória, uma vez que os elementos arquivados nos remeterão a diferentes tempos e espaços, a diferentes memórias – históricas, individuais e coletivas – prontas a serem trabalhadas. Assim, as fotografias servem o arquivo que, por sua vez, servirá a memória.

Para Henri Bergson, a memória, tal como o discurso artístico, materializa configurações de reconhecimento, reconfigurando esses conhecimentos de forma a serem comunicados e partilhados.⁹⁸

Nas palavras de Siegfried Kracauer,

A memória não abrange nem toda a aparência espacial do estado das coisas, nem todo o seu curso temporal. Em comparação com a fotografia, os registos da memória estão cheios de falhas. (...) A memória não presta muita atenção a datas - salta anos e aumenta a

⁹⁷ MEREWETHER, Charles – *The archive*, p. 10.

⁹⁸ PEREIRA, Teresa Matos – Délio Jasse: Ensaio sobre memória e o esquecimento in *CROMA*, p.157.

distância temporal. (...) Não importa quais cenários que um indivíduo se lembra, todas elas têm um significado relevante para essa pessoa, possa ela não saber necessariamente o que seja. Um indivíduo retém memórias porque lhe são significativas.⁹⁹ (tradução livre da autora)

É este significado e estas falhas no registo da memória que demais interessa representar - o espaço criado entre o que é memória e o que é imaginação, entre o que na realidade aconteceu e as memórias, de entre todas as que naturalmente registamos, que escolhemos representar, reapresentar e contra apresentar.¹⁰⁰

Poderá então concluir-se que a memória e a fantasia também não se podem desassociar. Segundo Freud,

A maneira como a memória se comporta nos sonhos é, sem dúvida, da maior importância de qualquer teoria da memória em geral. (...) mesmo a impressão sensorial mais insignificante deixa um traço inalterável, sempre disponível para ressurreição.¹⁰¹

Desta forma, ressuscitam-se as imagens e os objetos recolhidos, dando-lhes novos ciclos de vida. Ciclos estes que se renovam constantemente, tantas vezes quanto a sua passagem pelo espaço do arquivo, no qual voltam a ser recolhidos e reinterpretados pelo artista.

⁹⁹ MEREWETHER, Charles – *The archive*, p. 45. Original: Memory encompasses neither the entire spatial appearance of a state of affairs nor its entire temporal course. Compared to photography, memory's records are full of gaps. (...) Memory does not pay much attention to dates – it skips years or stretches temporal distance. (...) No matter which scenes an individual remembers, they all mean something relevant to that person, though he or she might not necessarily know what they mean. An individual retains memories because they are personally significant.

¹⁰⁰ FARR, Ian – *Memory*, p. 177.

¹⁰¹ Idem. *Ibidem*, p. 176.

III.V Casos de Estudo

Neste capítulo apresenta-se uma contextualização e descrição de obras e abordagens de três artistas plásticos, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que contribuíram para este estudo.

Recorrendo ao documentário em vídeo e à fotografia, artistas como Catarina Mourão, Daniel Blaufuks e Délio Jasse exploram nas suas obras a questão da memória e de arquivo relacionada com uma identidade individual e coletiva. Artistas que se tornaram uma referência para a minha produção artística.

III.V.I. Catarina Mourão

Catarina Mourão, artista portuguesa, nascida em Lisboa (1970), afirma-se com um dos olhares mais delicados do cinema português. Licenciada em Direito, enverga mais tarde no mundo do Cinema e Televisão. No seu trabalho investiga diferentes áreas, nomeadamente: documentário, memória, sonho, arquivo e autobiografia.¹⁰²

De entre as suas obras, destaca-se o documentário «A Toca do Lobo», que incide sobre o percurso das relações familiares da realizadora, «sobre a passagem das coisas de geração em geração»¹⁰³. A narrativa gera-se em torno do seu avô, Tomaz de Figueiredo (reconhecido escritor português), e das difíceis relações que este teve com os filhos.

Catarina Mourão procura a verdade escondida na sua antiga casa e a exposição da forma como cristalizamos as memórias e como as podemos rever. Apresenta-nos, por um lado, a universalidade da sua família que se assemelha a tantas outras e destaca, por outro, a sua particularidade, o que a torna tão única.¹⁰⁴

¹⁰² *Realizador: Catarina Mourão* [em linha]. [Consult. 20 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://indielisboa.com/movie-director/catarina-mourao/>

¹⁰³ CANELAS, Lucinda – *Segredos de família* [em linha]. [Consult. 20 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2016/11/02/culturaipilon/noticia/segredos-de-familia-1749588>

¹⁰⁴ MOURÃO, Catarina - *A Toca do Lobo* [Filme Documentário]. Lisboa: Laranja Azul, 2015.

Na generalidade, todas as famílias se assemelham, todas elas têm histórias difíceis de relações familiares ou algum caso «mal resolvido». No entanto, é também por cada uma dessas pequenas histórias que se tornam únicas, pelos elementos que as compõe e as linhas de ação e reação que se vão formando.

A artista, para além da realização, torna-se também parte ativa desta obra, dando voz à narração. Uma abordagem que nos aproxima de Catarina Mourão e das suas reflexões, que enfatiza neste documentário uma busca pela sua identidade e pela identidade da sua família que se viu separada pela morte do seu avô e marcada pelo dia-a-dia de um país em ditadura.



ESTREIA NACIONAL 3 DE NOVEMBRO

Fig. 77 – Catarina Mourão. *A toca do Lobo* [Cartaz de apresentação], 2016. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/agenda/toca-do-lobo-de-catarina-mourao/>



Fig. 78 – Catarina Mourão, *A toca do Lobo [Frame]*, 2016. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/agenda/toca-do-lobo-de-catarina-mourao/>

À semelhança de Catarina Mourão, também no meu trabalho se parte do individual, da minha família, para falar no coletivo. Também a minha obra se inicia a partir de imagens de arquivo.

Na sua prática artística, a realizadora cria no observador uma relação de empatia, que o faz apropriar da narrativa do documentário como sua e com as quais relaciona também a sua família e memórias.

III.V.II. Daniel Blaufuks

Daniel Blaufuks, artista português, nascido em Lisboa, centra o seu trabalho nas questões da memória individual e coletiva e na passagem do tempo. Recorre maioritariamente à fotografia e ao vídeo na produção das suas obras, que resultam em livros, instalações e filmes.



Fig. 79 – Daniel Blaufuks, *The archive, Album*, 2008. Livro de artista, 100x80 cm, impressão sobre papel. Disponível em: https://www.danielblaufuks.com/webmac/photographs/album/pages/foto_sala.htm

A beleza plástica com que o artista trabalha a memória e o esquecimento é o que torna o seu trabalho tão fascinante. Um trabalho onde nada acontece por acaso.

Tendencialmente, associamos as fotografias a registos que queremos para a posteridade. Daniel Blaufuks, percorre o caminho ao contrário, apropriando-se de documentos de

peças do passado, reconstrói as memórias, recriando um percurso - uma viagem de sucessivas imagens imaginariamente relacionadas entre si.¹⁰⁵ Estas imagens são imagens do quotidiano, de pessoas e lugares comuns.

Para Blaufuks, a memória está diretamente relacionada com a identidade de cada um, uma vez que determina a nossa personalidade e as nossas ações. É, por memórias anteriores que tomamos decisões no presente, que inevitavelmente nos levará a algum lugar no futuro,

Interessa-me antes a memória, a ideia de arquivo, de base de dados. A noção de que há uma coisa para trás. A memória é o que faz sermos quem somos. Como pergunta o [Fernando] Pessoa, «porque hei de ir à Muralha da China, se tudo o que lá vou ver, sou eu próprio?» Nunca deixamos de nos transportar.¹⁰⁶

Tal como nas minhas obras, as narrativas criadas por Daniel Blaufuks, surgem de acontecimentos reais, das histórias vividas, incitando o observador a construir a sua própria narrativa a partir das frações e indícios que o artista oferece.

III.V.III. Délio Jasse

Délio Jasse, nascido em Luanda - Angola (1980), trabalha com fotografia, ultrapassando-a, no entanto, na sua forma mais pura - a fotografia é o ponto de partida para as suas obras, através das quais estabelece relações entre fotografia, memória e lugar.

Através do seu arquivo de fotografias – algumas tiradas pelo próprio, outras colecionadas das mais variadas origens (normalmente arquivos familiares) – Jasse cruza as imagens encontradas de vestígios de vidas passadas com a memória.

¹⁰⁵ VALENTINA, Barbara – Daniel Blaufuks: a imagem da memória in *Revista Umbigo*, p.29.

¹⁰⁶ MARMELEIRA, José – *Daniel Blaufuks escreve as suas memórias em super 8* [em linha]. [Consult. 23 abr. 2010]. Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2010/04/23/culturaipilon/noticia/daniel-blaufuks-escreve-as-suas-memorias-em-super-8-255235>

Tomemos, por exemplo, a obra *The Lost Chapter, Nampula*, 1963 - 2016. O arquivo que lhe deu origem foi encontrado na Feira da Ladra, em Lisboa, e suscitou a curiosidade do artista pelo contraste da realidade de ostentação e riqueza, ilustrada numa fotografia que apresentava mulheres dentro de um carro, e o lugar onde a mesma foi tirada – Moçambique, em 1963.



Fig. 80 - Délio Jasse, *The Lost Chapter, Nampula*, 1963, 2016. Emulsão fotográfica e serigrafia em papel Fabriano. Cortesia do artista e da galeria Tiwani Contemporary, Londres. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/delio-jasses-endless-archive/>

Nesta obra, como habitualmente acontece ao trabalhar com arquivos encontrados, Délio Jasse procura criar novas narrativas - ao passo que, quando utiliza fotografias da sua autoria, torna-se mais importante questionar a realidade e os factos históricos.

O artista desconstrói o processo de criação das imagens, sobrepondo camadas, que podem ser vistas individualmente ou em conjunto. A estas imagens acrescenta outros elementos, como carimbos e documentos, recorrendo à fotografia ou serigrafia. Procurando, através deste processo, enfatizar a ideia de que «não somos quem somos só porque um documento o diz»¹⁰⁷, uma vez que não existe relação entre as personagens retratadas nas imagens e os elementos pictóricos acrescentados (fig. 81).

¹⁰⁷ NASCIMENTO, Paula – *O arquivo infinito de Délio Jasse* [em linha]. [Consul. 23 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/delio-jasses-endless-archive/>



Fig. 81 - Délio Jasse, *The Lost Chapter, Nampula*, 1963, 2016. Emulsão fotográfica e serigrafia em papel Fabriano. Cortesia do artista e da galeria Tiwani Contemporary, Londres. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/delio-jasses-endless-archive/>

A sobreposição de camadas, explora uma dimensão palimpséstica e rememorativa da fotografia, por outras palavras, traz de novo à memória, com uma nova inscrição e interpretação os factos já experienciados.

A temporalidade da fotografia é, na obra de Jasse uma temporalidade polissémica que não só integra os processos técnicos, mas igualmente as dimensões ontológica e discursiva, onde memória, esquecimento e reinscrição se justapõem, e entrecruzam em camadas sucessivas de significado, temporalidades diversas e dispersas. Neste caso, a fotografia assume-se como um duplo suporte arquivístico/mnemónico a priori, já que documenta um determinado acontecimento, espaço, indivíduo, etc. – mas também de inscrição – onde o olhar do fotógrafo que primeiramente registou a imagem se cruza com o olhar do artista que constrói novas representações a partir da sobreposição e recontextualização do material fotográfico colecionado e apropriado.¹⁰⁸

¹⁰⁸ PEREIRA, Teresa Matos – Délio Jasse: Ensaio sobre memória e o esquecimento in *CROMA*, p.156.

À semelhança do artista, também no meu trabalho, concretamente na obra *Os meus Álbuns de família – parte II*, procuro captar a atenção do observador através da manipulação e sobreposição de imagens, assumindo a sua não realidade final. Ainda assim, parte dos elementos que constituem as imagens produzidas não se apagam, as fotografias de onde surgiram correspondem a situações reais e outrora vividas, tornam-se, pois, num espaço que não é completamente fictício, nem realidade nem memória.

As imagens por mim criadas, incitam a imaginação, são histórias que se podem modelar, ajustar e transmitir, uma infinita possibilidade de histórias.

CAPÍTULO IV - ALMOÇO DE FAMÍLIA

Como mencionado em capítulos anteriores, existe na minha família a tradição de uma vez por ano, se juntarem todos os elementos para um grande almoço de família. A realização deste evento varia em cada edição tanto em local e data, como nos responsáveis pela sua organização.

Desde o princípio da minha produção artística que procurei realizar uma obra de arte assente nas interações humanas, fabricadas ou reais.

Ao longo das várias obras deste trabalho de projeto é feita a captação de memórias, a rememoração e mistura destas, permitindo criar realidades individuais e coletivas. Estas memórias, ao serem exibidas à família de onde inicialmente foram retiradas, provocam reações reais. Reações que têm, no meu entender, um enorme potencial artístico.

Assim, a realização da obra abordada neste capítulo tem vindo a ser discutida junto dos meus familiares desde 2017 estando prevista a sua realização para o almoço do ano 2020. O qual seria organizado por mim, no espaço da exposição. Com este almoço tinha o intuito de captar e registar, recorrendo à fotografia e ao vídeo, as reações dos meus familiares às obras *Os meus álbuns de família – Parte I; Os meus álbuns de família – Parte II; Contos que contam contos; Casa do Adro e Na casa dos avós* e ainda interação entre os vários elementos familiares ao visualizarem e/ou escutarem a memória coletiva que foi criada.

Infelizmente, a situação pandémica resultante da doença COVID-19, impossibilitou a realização do meu trabalho de projeto na sua totalidade, trabalho que culminaria assim na obra *Almoço de família*.

Pela importância da intersubjetividade que pretendia alcançar e testar, fica descrita a proposta, agora irrealizável, desta obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família mudou e continuará a mudar. De igual forma, o estudo da família é e continuará a ser um tema de debate que se estende às mais diversas áreas do saber.

Na realidade portuguesa, «a idade média no primeiro casamento aumentou, bem como a idade média do nascimento do primeiro filho, e a taxa de nupcialidade reduziu-se para metade, bem como os casamentos católicos. A taxa de divórcio aumentou 25 vezes, e as famílias têm vindo a diminuir o número de filhos até quase 1/3, tal como a taxa de fecundidade. Os nascimentos fora do casamento aumentaram 4 vezes, o índice de envelhecimento mais do que quadruplicou, e a dimensão média das famílias reduziu-se de 3,8 elementos para 2,7 (INE, 2010).»¹⁰⁹

O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem prevê que os laços afetivos sejam considerados na designação da família - uma medida que veio acompanhar as mudanças da sociedade e as variadas formas familiares agora existentes. No entanto, tal não é aplicado em Portugal. Será necessário legislar sobre uma evidência?

Sabendo que todo o mundo atravessa um enorme desafio com a atual situação pandémica, poderá concretizar-se o surgimento de novas dinâmicas familiares, um agravamento da violência doméstica ou da dependência dos filhos? Irá a lei portuguesa acompanhar as transformações que se avizinham?

Explora-se neste trabalho a importância da memória, mais ainda o interesse de retratar a memória que cada um guardou e a percepção que cada pessoa tem sobre a mesma memória. Concluindo-se que a memória e a fantasia não se podem desassociar, uma vez que as falhas no registo da memória tornam possível, sobre a mesma situação, as pessoas terem percepções diferentes.

Nas relações familiares torna-se imprescindível proporcionar a discussão, como proposta neste trabalho de projeto, em torno dos sentimentos que cada memória acarreta. A análise desses sentimentos é imprescindível para compreender os conflitos que possam surgir e que

¹⁰⁹ CANIÇO, Hernâni Pombas – Os novos tipos de família e novo método de avaliação em saúde de pessoa: APGAR saudável, p. 53.

tantas vezes se prendem por não ouvir o outro. Creio ser importante que assuntos, como os conflitos, sejam falados e é isso que o meu trabalho propõe, um diálogo.

É de notar que os divórcios estão a diminuir desde 2011, talvez pela abertura da sociedade sobre o que é atualmente a família e o que é permitido no seio da mesma, pela abertura ao diálogo. Talvez até o interesse, agora menos recatado, em guardar coleções de fotografias e vídeos, em procurar objetos familiares e compreender os erros e sucessos dos nossos pais e avós nas suas relações, nos esteja a permitir compreender as situações com mais clareza. Poderá ser o uso do vídeo e das fotografias que preservam a memória um dos motivos que levam a um melhor relacionamento familiar?

As fotografias despertam a imaginação nos observadores, permitindo a criação de novas histórias. Estas não se desvinculam, no entanto, do seu papel primordial: preservar e aproximar-nos de momentos que já não temos possibilidade de recuperar. A fotografia assume um papel importante na construção da identidade familiar.

Grande parte das famílias preserva um ou vários álbuns de família que assumem a base da memória coletiva, as memórias que nos querem mostrar e que condicionam a ideia com que o observador ficará dos elementos retratados. Ou seja, a forma como olhamos estas fotografias está à partida condicionada pelo autor do álbum, que fez uma primeira seleção das memórias merecedoras de arquivo. A interpretação que destas se pode retirar é um espaço aberto aos olhos de quem observa e as relações de que daí advêm dependerá de pontos de vista geracionais distintos.

Importa mencionar a abrangência da arte contemporânea ao permitir o uso da arte para explicar relações interpessoais e humanas. Estas memórias-visuais e de objeto permitem a produção artística assente numa identificação imediata do público que a observa - uma vez que a memória sempre existiu possibilita ao observador incutir o tempo das suas próprias vivências, relacionando-se com as obras de uma forma muito pessoal. Objetos e registos de memória do nosso quotidiano tornam-se assim objetos de interesse e valor artístico.

Inúmeros artistas constroem o seu percurso em torno da família e do registo desta, tornando-se impossível desvincular as suas obras da esfera privada. Pela mesma lógica, toda

a busca pela identidade da minha família responde igualmente à busca pela minha identidade.

O recurso ao arquivo para produção de arte, é também recorrente. Transformando fotografias de arquivo, alterando-as e reproduzindo-as, criam-se outras ligações familiares e novas memórias. A fotografia coloca-se assim ao serviço do arquivo que as cataloga e em justaposição com a memória, que fomenta a imaginação. Também os vídeos podem constar deste arquivo expondo as falhas da memória e o impacto das diferentes situações na construção das pessoas enquanto indivíduos. A criação de um arquivo é muito mais do que parte de um processo artístico, torna-se por si só, uma obra de arte. Assim, fotografia, arquivo e memória não se desvinculam – as fotografias servem o arquivo que servirá a memória.

O confronto intergeracional e o efeito recíproco em ambos – velhos e novos – é, dos mais poderosos momentos de partilha de saberes e tem na sua condição de contacto e proximidade uma conclusão de enorme aproveitamento, recordação e ligação às gentes e à terra. Aliás, como refere Mário Cordeiro,

um dos desígnios das gerações mais velhas é ver a continuidade através dos mais novos, como maneira de alcançar a imortalidade (...) e a das mais novas, aprenderem a sabedoria com os mais velhos – a experiência e as vivências que nenhuma informação pode dar, por mais que se possa hoje obter na Internet ou noutras fontes – e saberem que têm raízes, um passado e uma cultura, independentemente dos grandes saltos tecnológicos ou da escolarização que se deram.¹¹⁰

A realização deste trabalho de projeto permitiu-me conhecer-me de forma consciente e procurar aprender junto das gerações mais velhas, escutar e refletir sobre as suas vivências traduzindo-as nas minhas obras. O que me transmitiram não o aprenderia de outra forma e é com estas obras que lhes retribuo.

¹¹⁰ CORDEIRO, Mário - *Crianças e Famílias num Portugal em mudança*, p.39.

A sustentabilidade deste trabalho de projeto permite que, a cada dia que passa, seja possível trabalhar sobre estas obras. Será sempre possível acrescentar e repetir. Aliás, num cenário hipotético, daqui a muitos anos alguém da minha família poderá acrescentar informações e memórias, tornando a família e conseqüentemente a obra mais completa. Pode servir de ligação entre um avô e um parente longínquo, imortalizando a memória, ensinando e rerepresentando as raízes e a cultura familiar. Este projeto é assim infinito, efêmero e em constante transformação.

Todas as famílias se assemelham em determinado aspeto e é essa semelhança e identificação que se pretende alcançar no observador, incitando-o a explorar as características entre a minha família e a sua. O processo que se apresenta neste projeto artístico é, aliás, passível de replicação, qualquer pessoa poderá realizar um trabalho semelhante com a sua própria família, que certamente o valorizará e fará crescer, ao explorar as diferenças e particularidades familiares.

Conclui-se que o valor deste projeto artístico incide acima de tudo nas relações entre os meus familiares e não propriamente na produção de uma obra de arte da minha parte. Ao assumir duas perspetivas, uma mais histórico-sociológica e outra de replicação, este projeto abre a possibilidade para novos trabalhos e direções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Monografias

FARR, Ian – *Memory*. Cambridge, Massachusetts; London: Whitechapel Galley; The MIT Press, 2012. 239[1]p. (Documents of Contemporary Art). ISBN 978-0-85488-204-5.

MEREWETHER, Charles – *The archive*. Cambridge, Massachusetts; London: Whitechapel Galley; The MIT Press, 2006. 207[1]p. (Documents of Contemporary Art). ISBN 978-0-85488148-2.

BECK, Mulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth – *The normal chaos of love*. Trad. de Mark Ritter e Jane Wiebel. 350 Main Street, Malden, MA 02148, USA: Blackwell Publishers Inc., 2004. [2]231p. ISBN 0-7456-1071-4.

PEREIRA, José Carlos – *O valor da arte*. Rev. de João Ferreira. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016. 104[8]p. (Ensaaios da Fundação). ISBN 978-989-8838-37-7.

KELLY, Mary – *Imaging desire: Mary Kelly*. Cambridge, Massachusetts; London: The MIT Press, 1998. [30]253p. ISBN 978-0-262-61141-1.

Annette Messager. Exhibition/Exposition. Kunstsammlung. Trad. De James Gussen. NordrheinWestfalen, Düsseldorf: K21 Ständehaus, 2015. 87p. ISBN 978-3-941773-27-1.

WYLIE, Charles; LASZLO, Ervin; MATSUI, Takafumi – *On kawara: 10 tableaux and 16,952 pages*. Dallas Museum of Art: Yale University Press, 2008. ISBN 978-0-300-13734-7.

BOURRIAUD, Nicolas – *Relational Aesthetics*. Trad. de Simon Pleasance e Fronza Woods. França: Les presses du réel, 2002. 125p. (Documents sur l'art). Também disponível em Francês. ISBN 978-2-84066-06-60.

OLIVEIRA, Nicolas de; OXLEY, Nicola; PETRY, Michael – *Installation art*. London: Thamed & Hudson Ltd, 1994. 208p. Contêm textos de Michael Archer e 269 ilustrações. ISBN 0-50027828-8.

Installation art. United States of America: Gingko Press; SANDU Publishing, 2010. ISBN 978-158423-390-9.

MARRANCA, Bonnie; DASGUPTA, Gautam – *Conversations on art and performance*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1999. [14]503[3]p. ISBN 0-8018-5925-5.

ROBINSON, Hilary – *Feminism art theory: an anthology 1968-2000*. Main Street, Malden; Garsington Road, Oxford; Swanston Street, Carlton, Victoria 3053, Australia: Blackwell Publishing, 2001. [20]706p. ISBN 978-0-631-20850-1.

CHADWICK, Whitney – *Women, art, and society*. 4ª edição. High Holborn, London: Thamed & Hudson Ltd, 2007. 378 Ilustrações, 93 a cores. 528p. ISBN 0-500-20393-8.

PEARCE, Gail; MCLAUGHLIN, Cahal – *Truth or dare: art & documentary*. Chicago, USA: Intellect Books, The University of Chicago Press, 2007. ISBN 978-1-84150-175-8.

BERNADAC, Marie-Laure; OBRIST, Hans-Ulrich - *Desconstracion of the father reconstruction of the father*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press; London; Violette Editions, 1998. ISBN 0262-52246-2.

GIMENO, Adelina – *A Família – o desafio da Diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. 340p. ISBN 978-972-7715961.

RELVAS, Ana Paula – *O ciclo vital da família, perspetiva sistémica*. Porto: Afrontamento, 1996. 240p. ISBN 978-972-3604-13-9.

CORDEIRO, Mário - *Crianças e famílias num Portugal em Mudança*. Rev. de Isabel Branco. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, 2015. 129[7]p. (Ensaio da Fundação). ISBN 978-989-8662-98-9.

MOLDER, Maria Filomena – *Rebuçados Venezianos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2016. 416p. ISBN 978-189-6416-43-0.

SILVA, Armando - *Álbum de família: a Imagem de Nós Mesmos*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008. 320p. ISBN 978-8598112718.

EDWARDS, Steve - *Photography: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006. 174p. ISBN 9780192801647.

ARGAN, Giulio Carlo – *A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. Trad. de Lorenzo Mammì. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ISBN 978-85-359-1516-7.

DUBY, George – *História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença*. Trad. Maria Luísa Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ISBN 978-85-359-1409-2.

Teses, dissertações e outras provas académicas

TORRES, Anália Maria Cardoso – Sociologia da família teorias e debates. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa. Departamento de Sociologia, 2010. 217 f. Relatório da unidade curricular.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas da Bus – Novas modalidades de família na pósmodernidade. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Direito, 2010. 347 f. Tese de doutoramento.

CANIÇO, Hernâni Pombas – Os novos tipos de família e novo método de avaliação em saúde de pessoa: APGAR saudável. Coimbra: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, 2014. 433 f. Tese de Doutoramento em Ciências da Saúde no Ramo de Medicina, especialidade de Familiar e Comunitária (Medicina Preventiva).

URL'S

HEWITT, Michael – *The rise and rise of family photographs* [em linha]. The Guardian. Reino Unido: Guardian News and Media Limited. 2011. [Consult. 5 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2011/mar/05/family-photographs-history>

LACK, Jessica – *Animal magic. Richard Billingham Q&A* [em linha]. creativetourist.com Reino Unido: Culturehosts. 2010. [Consult. 5 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.creativetourist.com/articles/art/uk/animal-magic-richard-billingham-qa/>

MOURA, Pedro – *Photobooth: A Biography, de Meags Fitzgerald* [em linha]. Arte Photographica. Portugal: creative commons. 2015. [Consult. 20 mar. 2017]. Disponível em WWW: <http://artephotographica.blogspot.com/2015/08/photobooth-biography-dentro-da-maquina.html>

FARIA, Natália – *Por cada 100 casamentos, há 70 divórcios em Portugal* [em linha]. Lisboa: PÚBLICO Comunicação Social SA. 2016. [Consult. 15 jan. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2016/10/20/sociedade/noticia/por-cada-100-casamentos-ha-70divorcios-em-portugal-1748189>

LUSA – *Documentário "A Toca do Lobo", de Catarina Mourão, chega hoje às salas de cinema* [em linha]. RTP NOTÍCIAS. Lisboa: Rádio e televisão de Portugal. 2016. [Consult. 06 nov. 2017]. Disponível em WWW: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/documentario-a-toca-do-lobo-decaterina-mourao-chega-hoje-as-salas-de-cinema_n959011

ANDRADE, Sérgio C. – *Os álbuns de família são agora um novo objecto de culto* [em linha]. Ípsilon. Lisboa: PÚBLICO Comunicação Social SA. 2013. [Consult. 06 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2013/09/29/jornal/os-albuns-de-familia-sao-agora-um-novo-objecto-de-culto-27166544>

PEREIRA, Mariana – *Todos os álbuns da família que Lourdes Castro escolheu* [em linha]. Lisboa: Diário de Notícias, 2015. 2016. [Consult. 06 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.dn.pt/artes/interior/todos-os-albuns-da-familia-que-lourdes-castroescolheu-5474901.html>

REIS, Carolina – *Famílias de todas as formas e feitios* [em linha]. Expresso. Lisboa: Expresso Impresa Publishing S.A. 2000. [Consult. 03 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2017-03-12-Familias-de-todas-as-formas-e-feitios>

REIS, Carolina – *No reino dos Silvas, Santos e Pereiras* [em linha]. Expresso. Lisboa: Expresso Impresa Publishing S.A. 2000. [Consult. 07 ago. 2020]. Disponível em WWW: <https://expresso.pt/sociedade/2015-10-18-No-reino-dos-Silvas-Santos-e-Pereiras>

Dicionário infopédia da língua Portuguesa - Sociologia da família [em linha]. [Porto]: Porto editora, 2003-2020. [Consult. 08 mai. 2020]. Disponível em WWW: [https://www.infopedia.pt/\\$sociologia-da-familia](https://www.infopedia.pt/$sociologia-da-familia)

LUSA - *Portugueses dão muita importância aos apelidos, mas arriscam pouco ao dar o nome aos filhos – Livro* [em linha]. RTP NOTÍCIAS. Lisboa: RTP, Rádio e Televisão de Portugal, 2008. [Consult. 20 ago. 2020]. Disponível em WWW: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/portugueses-dao-muita-importancia-aos-apelidos-mas-arriscam-pouco-ao-dar-o-nome-aos-filhos-livro_n164845

Instituto dos registos e do notariado - Composição do nome [em linha]. República portuguesa, justiça. [Consult. 02 set. 2020]. Disponível em WWW: https://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registo-civil/docs-do-civil/dar-o-nome/

FERREIRA, Paulo; ROSA, Maria João Valente – *Nascer em Portugal* [em linha]. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em WWW: <http://nascereportugal.ffms.pt/#cada-vez-menos>

COSTA, Joana Ferreira da; TEIXEIRA, António José (Coord.) – *Famílias em Portugal num minuto* [em linha]. Fronteiras XXI. Infografia Ricardo Garcia e João delicado. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. [Consult. 03 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://fronteirasxxi.pt/videofamilias/>

COSTA, Joana Ferreira da; TEIXEIRA, António José (Coord.) - *Famílias como as nossas* [em linha]. Fronteiras XXI. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. [Consul. 03 abr. 2020]. Disponível em: <https://fronteirasxxi.pt/familias/>

MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica* [em linha]. Etnográfica. Vol. 12 (1), 2008. [Consult. 15 set. 2020]. Disponível em WWW: <http://journals.openedition.org/etnografica/1599>

ROMANOVA, Jana – *Jana Romanova* [em linha]. [Rússia]. [Consult. 28 out. 2020]. Disponível em WWW: <https://janaromanova.com/about>

ROMANOVA, Jana - *Shvilishvili, hand-made book object and "anti-family album"* [em linha]. Vimeo. [Rússia], 2013. [Consult. 14 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://vimeo.com/70689798>.

Jana Romanova [em linha]. European Prospects. Reino Unido: Ffotogalery, 2013. [Consult. 12 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://europeanprospects.org/programme/jana-romanova>

GORBUNOV, Alexander; ROMANOVA, Jana; YUSHKEVICH, Ekaterina – *Expert Photobook Review - Jana Romanova – Shvilishvili* [em linha]. Youtube. 5'20min. Russia: Expert Photobook Review, 2014. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.youtube.com/watch?v=DvzSkHHndfo>

ROMANOVA, Jana - *Jana Romanova – Shvilishvili* [em linha]. MAMM. Moscovo: Multimedia Art Museum, 2016. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <http://www.mamm-mdf.ru/en/exhibitions/shvilishvili/>

PALACIO, Marina – *Matías Costa Entrevista* [em linha]. Vimeo. 4'47min. [Madrid]: Escola de Artes Visuais LENS, 2014. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://vimeo.com/91497713>

Bokeh: Matías Costa y The Family Project en La 2 de RTVE [em linha]. Vimeo. 4'05min. [Madrid]: Escola de Artes Visuais LENS, 2012. [Consult. 20 set. 2020]. Disponível em WWW: <https://vimeo.com/52085599>

COSTA, Matias - *The Family Project* [em linha]. Ivorypress. Madrid: PARVUM ARTIS S.L, 2012. [Consult. 14 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.ivorypress.com/en/libreria/shop/the-family-project-2/>

SARDO, Delfim – *Arte contemporânea* [em linha] ARQUIVO.PT. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, 2011. [Consult. 17 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://arquivo.pt/wayback/20110701215606/http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemArte&Slide=94&Filtro=94&Menu2=OrigensDaArte>

BELTING, Hans - *A exposição de culturas* [em linha]. YMAGO. trad. A. Morão. Lisboa: KKYM, 2011. [Consult. 09 nov. 2017]. Disponível em WWW: <https://proymago.pt/belting-txt-4>

Rirkrit Tiravanija: (Who's afraid of red, yellow, and green) [em linha]. HIRSHHRON. Washington: Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, 2019. [Consult. 10 mai. 2020]. Disponível em WWW: <https://hirshhorn.si.edu/exhibitions/rirkrit-tiravanija-whos-afraid-of-red-yellow-and-green/>

YAO, Pauline J. - *The Lives of Objects: Rirkrit Tiravanija in Conversation* [em linha]. M+ Stories. Hong Kong: M+ Pavilion, 2019. [Consult. 18 jun. 2020]. Disponível em WWW: <https://stories.mplus.org.hk/en/podium/issue-2-objects/the-lives-of-objects-rirkrit-tiravanija-in-conversation/>.

Christian Boltanski: Lessons of Darkness [em linha]. New Museum. [Nova Iorque]: New Museum, 1988-1989. [Consult. 13 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://archive.newmuseum.org/exhibitions/174>

HEYSE-MOORE, Dominique– *Artist Biography* [em linha]. Mary Kelly Artist [Consult. 23 abr. 2020]. Disponível em WWW: <http://www.marykellyartist.com/projects.html>

MORINIS, Leora - *Mary Kelly* [em linha]. HAMMER. Los Angeles: Hammer Museum. [Consult. 30 abr. 2020]. Disponível em WWW: <https://hammer.ucla.edu/take-it-or-leave-it/artists/mary-kelly>

Mary Kelly Post-Partum Document. The Complete Work (1973-79) [em linha]. Sabine Breitwieser, Curadora. [Vienna]: Generali Foundation, 1998. [Consult. 30 abr. 2020]. Disponível em WWW: <http://foundation.generali.at/en/info/archive/2000-1998/exhibitions/mary-kelly-post-partum-document.html>

Dicionário infopédia da língua Portuguesa - Arquivar [em linha]. [Porto]: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 25 out. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arquivar>

Realizador: Catarina Mourão [em linha]. Lisboa: Indie Lisboa – Associação cultural, 2002.

[Consult. 20 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://indielisboa.com/movie-director/catarina-mourao/>

CANELAS, Lucinda – *Segredos de família* [em linhas] Suplemento Ípsilon. Lisboa: PÚBLICO Comunicação Social S.A., 2013. [Consult. 20 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2016/11/02/culturaipsilon/noticia/segredos-de-familia-1749588>

MARMELEIRA, José – *Daniel Blaufuks escreve as suas memórias em super 8* [em linha]. Suplemento Ípsilon. Lisboa: PÚBLICO Comunicação Social S.A., 2013. [Consult. 23 abr. 2010]. Disponível em WWW:

<https://www.publico.pt/2010/04/23/culturaipsilon/noticia/daniel-blaufuks-escreve-as-suas-memorias-em-super-8-255235>

NASCIMENTO, Paula – *O arquivo infinito de Délio Jasse* [em linha]. C& E Revista Aperture. Berlim: C& América Latina, 2018. [Consult. 23 nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/delio-jasses-endless-archive/>

ARANDA, Julieta; WOOD, Brian Kuan; VIDOKLE, Anton – *What is Contemporary Arte? Issue Two* [em linha]. e-flux journal #12, 2010. [Consult. 20 mar. 2017]. Disponível em WWW: <https://www.e-flux.com/journal/12/61332/what-is-contemporary-art-issue-two/>

Documentos Legislativos e Judiciais

DECRETO-Lei n.º 47344. Diário do Governo n.º 274/1966, Série I (1966-11-25). 428p.

[Consult. 15 out. 2020]. Disponível em WWW: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/->

[/lc/147103599/202101300000/73907412/diplomaPagination/diploma/79?did=34509075&filter=Filtrar](https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/147103599/202101300000/73907412/diplomaPagination/diploma/79?did=34509075&filter=Filtrar)

Periódicos

Geoffrey Batchen acha que o seu álbum de família devia ser público. Kathleen Gomes. Lisboa: *P2*, (2008).

CAINES, Rebecca - Christian Boltanski: representation and the performance of memory in *AFTERIMAGE*. Bruno Chalifour (dir.). Vol. 31. 1. Rochester, New York: Afterimage, The Journal of Media Arts and Cultural Criticism & Visual Studies Workshop, (2004). ISSN #03007472.

GONÇALVES, Sandra Maria Lucia - Belvere: lugares de memória in *CROMA, Estudos Artísticos*. Vol.3. Nº6. Lisboa: CIEBA-FBAUL, (2015). ISSN 2182-8547.

PEREIRA, Teresa Matos – Délio Jasse: Ensaio sobre memória e o esquecimento in *CROMA, Estudos Artísticos*. Vol. 3. Nº6. Lisboa: CIEBA-FBAUL, (2015). ISSN 2182-8547.

PAIM, Cláudia Teixeira – Para olhar o mar através dos teus olhos: um corpo vibrátil entre dois continentes in *CROMA, Estudos Artísticos*. Vol. 3. Nº6. Lisboa: CIEBA-FBAUL, (2015). ISSN 2182-8547.

VALENTINA, Barbara – Daniel Blaufuks: a imagem da memória in *Revista Umbigo*. Nº33. Lisboa: Umbigo-edições Lda, (2010).

BAQUÉ, Dominique - Montages and Crossbreeds: impure photograpy in *Revista Art press*. Nº186. Paris, France: Corinne Delattre, (1993). ISSN 0245-5676.

KERRIGAN, Susan; MCLNTYRE, - The 'creative treatment of actuality': Rationalizing and reconceptualizing the notion of creativity for documentary practice in *Journal of Media Practice*. Vol.11. Nº2. University of Newcastle: Intellect Ltd, (2010). ISSN 2040-0926.

TAYLOR, Hugh A. - Documentary Art and the Role of the Archivist in *The American Archivist*. Vol.42. Nº4. Chicago: Society of American Archivists, (1979). ISSN 0360-9081.

MENÉRES, Clara – (Auto)-Retrato Clara Menéres in *Faces de Eva: estudos sobre a Mulher*. Nº4. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Colibri, (2000). ISSN 0874-6885.

FREITAS, Sandra – Uma visão sociológica sobre a família in *Revista Leia S.F.F.* Nº39. Revista online. Funchal: Escola Secundária de Francisco Franco, (2014). Disponível em

<http://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=mLZEi9-uuJE%3D&tabid=15006&mid=44317>

OLIVEIRA, S. M. de - MEMÓRIA, IMAGEM E ARTE CONTEMPORÂNEA: Possibilidades de leitura fenomenológica in *PÓLEMOS – Revista De Estudantes De Filosofia Da Universidade De Brasília*. Vol.3. Nº5. p.65-80. Brasília: Universidade de Brasília, (2014). Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/11585>

BALTAZAR, Maria João - A Síndrome de Bartheleby e a Fotografia de Família in *Fotografia(s), Revista de Comunicação e Linguagens*. Nº 39. p. 47-62. (2008). ISSN 0870-7081.

FRIED, Michael – Arte e objetividade in *Arte et ensaios*. nº9. p.130-147. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Artes/Escola de Belas Artes, UFRJ, (2002).

TEODORO, Leandro Alves - Apontamentos sobre a publicação da História da vida privada em Portugal: entrevista com José Mattoso in *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Vol. 19. nº3. p.1041-1048. Rio de Janeiro, (2012).

Filmes

MOURÃO, Catarina - *A Toca do Lobo* [Filme Documentário]. Arg. Catarina Mourão; fot. João Ribeiro, Catarina Mourão. Lisboa: Laranja Azul, 2015. DVD (102 min.): color., son.

APÊNDICE

Apêndice A – Modelos de Carta



Carta de apresentação enviada aos membros do grupo familiar Ferraz Pereira

Cara família,

Venho por este meio solicitar a vossa ajuda para o trabalho artístico que estou a desenvolver no meu mestrado em Práticas Artísticas, na Universidade de Évora.

O meu nome é Ana Rita dos Reis Mourão Nunes da Silva, filha de Ana Paula Pereira Nunes Mourão, neta de Fernando Mourão Nunes da Silva e bisneta de Francisco Mourão e Amália Mourão.

O tema da minha obra é a família, o que ela significa para cada um e as mudanças que o conceito de família sofreu ao longo dos anos – famílias contemporâneas.

Com alguma pesquisa já consegui criar a grande parte da árvore genealógica e estou a desenvolver uma estatística com base nessa árvore. Para além disto, gostaria de recolher o máximo de "memórias" que cada um tiver.

É neste sentido que vos contacto, para pedir que me enviem, via correio ou e-mail fotografias de ~~objectos~~ ou fotografias de fotografias que possam ter, tudo o que acharem relacionado com a vossa/nossa família. Peço que não excluam acontecimentos menos felizes pois, apesar de tudo, fazem parte da nossa história.

Infelizmente não vou conseguir contactar todos ~~directamente~~ e por isso pedia ainda que me respondessem ao questionário anexo. E que mo devolvessem juntamente com as fotografias. Peço que passem esta carta aos vossos descendentes para que também possam contar a sua parte da história e fazer parte deste ~~projecto~~.

Muito obrigada desde já pela vossa ajuda.

Beijinhos e abraços,

Ana Rita

Contactos:

~~Tlm:~~ 961 521 069

E-mail: arita95@hotmail.com

Morada: Rua Conde de Monsaraz. Nº58 7005-331, Évora

Cara família,

Venho por este meio solicitar a vossa ajuda para o trabalho artístico que estou a desenvolver no meu mestrado em Práticas Artísticas, na Universidade de Évora.

O meu nome é Ana Rita dos Reis Mourão Nunes da Silva, filha de Pedro Nuno dos Reis e Moura Nunes da Silva, neta da Maria Paula Reis e Moura e bisneta de Flávio Reis e Moura e Judith Reis e Moura.

O tema da minha obra é a família, o que ela significa para cada um e as mudanças que o conceito de família sofreu ao longo dos anos – famílias contemporâneas.

Com alguma pesquisa já consegui criar grande parte da árvore genealógica e estou a desenvolver uma estatística com base nessa árvore. Para além disto, gostaria de recolher o máximo de “memórias” que cada um tiver.

É neste sentido que vos contacto, para pedir que me enviem, via correio ou e-mail fotografias de ~~objectos~~ ou fotografias de fotografias que possam ter, tudo o que acharem relacionado com a vossa/nossa família. Peço que não excluam acontecimentos menos felizes pois, apesar de tudo, fazem parte da nossa história.

Infelizmente não vou conseguir contactar todos ~~directamente~~ e por isso pedia ainda que me respondessem ao questionário anexo e que mo devolvessem juntamente com as fotografias. Peço que passem esta carta aos vossos descendentes para que também possam contar a sua parte da história e fazer parte deste ~~projecto~~.

Muito obrigada desde já pela vossa ajuda.

Beijinhos e abraços,

Ana Rita

Contactos:

~~Tel:~~ 961 521 069

E-mail: arita95@hotmail.com

Morada: Rua Conde de Monsaraz. Nº58 7005-331, Évora

Cara família,

Venho por este meio solicitar a vossa ajuda para o trabalho artístico que estou a desenvolver no meu mestrado em Práticas Artísticas, na Universidade de Évora.

O meu nome é Ana Rita dos Reis Mourão Nunes da Silva, filha de Pedro Nuno dos Reis e Moura Nunes da Silva, neta de Vítor Manuel Nunes da Silva e bisneta de José Nunes da Silva e Eulália Nunes da Silva.

O tema da minha obra é a família, o que ela significa para cada um e as mudanças que o conceito de família sofreu ao longo dos anos – famílias contemporâneas.

Com alguma pesquisa já consegui criar grande parte da árvore genealógica e estou a desenvolver uma estatística com base nessa árvore. Para além disto, gostaria de recolher o máximo de “memórias” que cada um tiver.

É neste sentido que vos contacto, para pedir que me enviem, via correio ou e-mail fotografias de ~~objectos~~ ou fotografias de fotografias que possam ter, tudo o que acharem relacionado com a vossa/nossa família. Peço que não excluam acontecimentos menos felizes pois, apesar de tudo, fazem parte da nossa história.

Infelizmente não vou conseguir contactar todos ~~directamente~~ e por isso pedia ainda que me respondessem ao questionário anexo. E que mo devolvessem juntamente com as fotografias. Peço que passem esta carta aos vossos descendentes para que também possam contar a sua parte da história e fazer parte deste ~~projecto~~.

Muito obrigada desde já pela vossa ajuda.

Beijinhos e abraços,

Ana Rita

Contactos:

Tlm: ~~961 521 069~~

E-mail: arita95@hotmail.com

Morada: Rua Conde de Monsaraz. N.º58 7005-331, Évora

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: _____

Data Nascimento: ____/____/____ Cidade: _____

Nome da mãe: _____

Nome do pai: _____

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? ____

Se sim, nome dos irmãos: _____

Algun dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o ~~respetivo~~ ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: ____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : ____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? ____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e ~~respetivos(as)~~ progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Algun dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o ~~respetivo~~ ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? _____

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. _____

2. _____

3. _____

Apêndice B – Inquéritos recebidos

Ítáxia tita

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Quária Lita Serra Nunes da Silva Trigo Jordão

Data Nascimento: 23/10/1981 Cidade: Sertão

Nome da mãe: Paulália da Silva Serra Nunes da Silva

Nome do pai: José Nunes da Silva

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 4

Se sim, nome dos irmãos: Paulália Serra Nunes da Silva, José António Serra Nunes da Silva, Victor Manuel Serra Nunes da Silva, José Alberto Nunes da Silva*

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não *filho ilegítimo

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): José António Serra Nunes da Silva DN 20-7-1934 PE 14-12-2013 da Sónia Nunes da Silva e Pedro Miguel Nunes da Silva e uma filha Sheila ambos já falecidos.

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 1 Com quem (primeiro e último nome)? : António Manuel Trigo Jordão

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : ___ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? ___

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Alguns dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Antigo 5º ano do liceu

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Para mim família é:

Especificamente um conjunto de pessoas do mesmo sangue, ascendentes e descendentes e todas ligadas por qualquer afinidade e todos os ascendentes e descendentes passam a fazer parte da mesma família.

Todos os verdadeiros amigos para mim também são família.

2. Todas as pessoas que foram criadas do início são família, quer sejam do mesmo sangue ou não, porque o relacionamento conjunto através dos anos, cria laços de amizade indestrutíveis.

E ainda todas as pessoas verdadeiras nossas amigas, serão sempre como parte da nossa família.

3. O meu conceito de família quando eu era criança era diferente. Com pequena família era Pai, Mãe, Avó, Avô e irmãos.

Com adulta cabei aos 22 anos com a pessoa que amava, porque ~~queríamos~~ criar a nossa própria família. Como nunca tivemos filhos, criamos uma menina adotada, dita ~~de~~ Antónia Jordão, Maria Manuela Cardoso dos Santos Jordão de Oliveira, que para nós é como se ela fosse e os seus filhos são quase nossos netos e gostamos tanto de São: O Gonçalo Manuel, a Guadalupe Maria e o Álvaro Manuel e para mim ^{sempre} também um Francisco Manuel.

(queríamos) Para ti, Ana Rita com todo o nosso carinho.
Maria Rita e António Manuel

António Manuel

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: António Manuel Trigo Jordão

Data Nascimento: 21/11/1928 Cidade: Sintra

Nome da mãe: Maria José dos Santos Trigo Jordão

Nome do pai: Manoel dos Santos Jordão

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 3

Se sim, nome dos irmãos: Maria Manuela Trigo Jordão, José Manuel Trigo Jordão e António dos Santos Trigo Jordão

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Maria Manuela 1923-1944, Gastão Oliveira e João Oliveira José Manuel 1924-2015, João Jordão, Manuel Jordão, António Jordão, Manuel dos Santos 1930-1932

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Maria Lita Serra Nunes da Silva Trigo Jordão

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : Com quem (primeiro e último nome)? :

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos?

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome):

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência:

Qual o seu nível de escolaridade? 3.º ano da Faculdade de Direito

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Noémia Aurora Borges Pereira

Data Nascimento: 1949/27/5 Cidade: Santa Comba Dão

Nome da mãe: Lebista Ferreira Borges

Nome do pai: Beomel Pereira

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 7

Se sim, nome dos irmãos: Olinda Pereira Mourão - Felmina Pereira Gonçalves - Abel Pereira - Jorge Pereira - M. glória Borges Pereira - M. do Carmo Pereira - Noémia Pereira

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Abel Borges Pereira faleceu a 2015. descendentes Sim 4 - filhos - Margarida Pereira - Olga Pereira - Joel P. Beomel P. Daniel P.

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Fausto Rosa
M. Espiranda da Costa Pereira
Noémia Aurora

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Sim: filhos do mesmo casal - Noémia P. Pereira e Fausto Rosa

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: João Carlos Pereira Rosa faleceu em 2005 deixou descendentes - Ana Beatriz Sousa Pereira

Qual o seu nível de escolaridade? 4ª classe

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Florbela Traça Cordoia Pereira

Data Nascimento: 20/08/56 Cidade: Santa Comba Dão

Nome da mãe: Emília Traças

Nome do pai: Henrique Cordoia

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 4

Se sim, nome dos irmãos: Cristina Cordoia, Virgínia da Conceição Cordoia, Aminda Cordoia, Florbela Cordoia

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? 4.ª classe

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Conjunto de pessoas com ou sem relação de parentesco, mas que vivem juntas ao agregado familiar.
Porque a família somos nós que escolhemos as pessoas que amamos e que passamos a conhecer, são as pessoas que passam a formar, essenciais em nossas vidas, irmãs, irmãos, primos, primas e outros descendentes familiares.

2. Todos aqueles que eu escolho ou conheço pelas suas qualidades humanas, que a gente leva para a vida toda.
Que partilhamos os momentos bons e menos bons, porque só assim se consegue a amizade com amor e afecto e respeito pelo próximo.

3. No conceito familiar tudo muda circunstâncias da vida.
Em algum aspecto acabam por ir ficando desatualizados, já que atualmente se costuma entender o termo família ao lugar onde as pessoas aprendem a cuidar e a ser cuidadas, para além das tradicionais relações de parentesco.

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Luís Borges Pereira

Data Nascimento: 30/09/52 Cidade: Santa Comba Dão

Nome da mãe: Teresa Celeste Ferreira Borges

Nome do pai: Leonel Pereira

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 7

Se sim, nome dos irmãos: Olinda, Zulmira, Abel, Noémia, Jorge, Glória e 7º cargo.

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Abel B. Pereira 2014; 7º João Pereira, Olga Pereira, Joel Pereira, Lionel Pereira e Daniel Pereira

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Florabela Marques

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : Com quem (primeiro e último nome)? :

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos?

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome):

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência:

Qual o seu nível de escolaridade? 9º ano

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Designa-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar.

2. Amigo; por vezes é mais que família, é uma empatia consentida, uma cumplicidade além dos laços, senão que não, é uma escolha feliz de alguém que colocamos ao nosso lado partilhando a vida. Porque a família não nasce pronta constrói-se aos poucos.

Porquê? Pode-se aprender a amar, ter respeito, fé, solidariedade, companheirismo e outros sentimentos.

3. O conceito da família altera sempre de crianças para adulto, porque é em adulto que se constrói família. Porque o papel da família no desenvolvimento é fundamental, porque é no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais, bem como as tradições e os costumes que se fazem através das gerações.

Flávio H.

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Flávio Henrique Marinho dos Reis e Moura

Data Nascimento: 12/02/14 Cidade: SERTÃO-CASTELO BRANCO

Nome da mãe: Judite Vidique Marinho dos Reis e Moura

Nome do pai: Flávio Antônio Francisco dos Reis e Moura

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 9

Se sim, nome dos irmãos: Paula Adelino Luis, Gizele, Yago, Avacata, João, Olinda e Yagge

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Humberto (1947) (Lara (1954) Miguel (2003) Judite (2008)

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 1 Com quem (primeiro e último nome)? Maria Moura

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : Com quem (primeiro e último nome)? :

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 3

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): todos do casamento: Flávio José e Carla; Ricardo Jorge e Roberta; Marco Paulo e Kátia

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência:

Qual o seu nível de escolaridade? Universitário

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Agregado de pessoas que assumem uma convivência e vida e com estes um elo de facto e espírito e de que os condiz e bem estar.

2. Quando esse alguém convive e partilha, a sua vida se enriquece com todos os outros componentes do grupo familiar.

3. Sim. Porque a origem, os hábitos, os ritmos, a experiência, a vida e o fenómeno de vida e de morte, os ritos, os hábitos e um modo de vida e de legado aos tempos que vamos vivendo e a pararmos no dia a dia.

1ª

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Yanic do Patricínio Almeida dos Reis e Lour

Data Nascimento: 28/12/44 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Heraniana das Neves Almeida

Nome do pai: José de Almeida

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: Yanic Clara das Neves Almeida
Nogueira Bandeira

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: 2 Com quem (primeiro e último nome)? : Alfócio
Yanic

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 3

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Todo do casamento
Alfócio José C/ Carla Ricardo José C/ Constança
Yanic Paulo C/ Filipa

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Secundário

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. A família é um bem precioso, não há nada mais sagrado do que a família.

2. Os filhos são parte de um bem que Deus nos dá, pelo que não há nada mais sagrado do que se ser feliz.

3. Para manter os meus só o resto do resto de família, um bem precioso, addebauf que sagrado é ser um família completa e realizada.

Lúcia Jaria

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Lúcia Maria Reis e Maria Santos Miranda

Data Nascimento: 31/05/80 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Maria Anabela Menezes Reis e Moura

Nome do pai: Luís Alberto Marques dos Santos Miranda

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, nome dos irmãos: Marta Sofia Reis e Moura dos Santos
Miranda Pereira
João Luís Miranda

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? 12º ano

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. São todos os que estão lá para nós. Nos bons e maus momentos. Vai muito além do sangue, embora esse tenha grande importância e para esses, os de sangue, há sempre um carinho e uma importância especial. Têm sempre um bairrinho de nós, mesmo que nunca os veja.

2. Quando entra na minha vida e marca alguma diferença nela. Isto os que chegam de novo. A de sangue é e será sempre família mesmo com a ausência.

3. Em criança o meu conceito de família era o tradicional. O pai, mãe, avós, irmãos, tios, ... Com o passar do tempo encontrei em amigos e companheiros outros laços familiares e também alguns desses passam a família. Se um dia constituir família (marido, filhos) provavelmente mudará outra vez.

Maria Angela

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Maria Angela Naimba dos Reis e Moura

Data Nascimento: 1951/12/01 Cidade: Vila da Santa - Distrito Porto Branco

Nome da mãe: Jacinta Viridige Naimba dos Reis e Moura

Nome do pai: Filipe António Francisco dos Reis e Moura

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 13

Se sim, nome dos irmãos: Rigaud, Filipe, Paula, Adelino, Humberto, Silvio, Gnara, Jacinta, José, João, Cláudia, Otilinda e Jorge

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Humberto 1947 Cláudia 1954 5/ descendência Rigaud - Silvio Rigaud Moura - Carl Alberto Moura (2003) Jacinta (2008) David Silveira e Sombra Saldanha

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Silvio Moura

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : Com quem (primeiro e último nome)? :

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Marta Sofia e Silva Moura, ambos filhos de Silvio Moura

Alguns dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência:

Qual o seu nível de escolaridade? 9º ano de escolaridade

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Família é o laço sanguíneo, mas também os que estão presentes nos dias, mas principalmente nos momentos. São "famílias" todos os que partilhamos e compartilhamos e partilhamos o que a vida nos vai trazendo

2. Quando não é claro quem é o amigo, que se diz amigo de um lado "como um amigo", e não há uma certeza e ao mesmo tempo o sentimento que falta.
Quando não se agrada e até malcomada e se faz uma ideia de si.
Quando "tu fazes" e de tal modo que se faz ideia.
Quando não se faz ideia e não se sabe a palavra "música".
Sei daquela boca.
Quando não se consegue falar coisas de si e se consegue falar coisas de si.

Em resumo: alguém que está presente nos dias e momentos não é só amigo... é família.

3. Mudou. Embora com uma família muito grande tudo se dá ao sangue.
Pela evolução da sociedade e pelo tipo de sociedade que se formou o conceito de família mudou e não é o que era antes.
Acredita-se por família.
De qualquer forma não se sabe quem o sangue tem um grande papel e se é importante no mundo familiar. De repente quando se fala de um dia de um familiar, mesmo que não tenhamos de relações contadas ou o contacto e a relação sejam esporádicos.

Luísa Sofia

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Maria Sofia Reis e Maura Santos Miranda Pereira

Data Nascimento: 07/12/76 Cidade: Santa Justa - Lisboa

Nome da mãe: Maria Angela Maria dos Reis e Maura

Nome do pai: Luís Alberto Marques dos Santos Miranda

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, nome dos irmãos: Luísa Maria Reis e Maura Santos Miranda;
Joaquim Luís Figueiredo Miranda

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Nuno Pereira

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Carolina Miranda Pereira,
Filha de Nuno Miguel Gato Pereira

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? 12º Ano

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Família para mim é onde convivemos todos, partilhamos valores morais e sociais da vida de cada um. Partilhamos tradições e costumes através de gerações. Na nossa família existe apoio na resolução de conflitos ou problemas de alguns dos membros. Na família tem de existir confiança, conforto e bem-estar para proporcionar um ambiente familiar. Na casa da nossa família estes conceitos existem.

2. Para uma pessoa fazer parte da família, tem de ser uma pessoa onde possamos ter confiança, gostar de estar com ela, e das pessoas ajudar nos bons e maus momentos.

3. O conceito não alterou, apenas ~~o~~ medida que vamos crescendo vamos começando a aprender e saber o conceito na realidade.

Nuno Figueira

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: NUNO MIGUEL BRILLO PEREIRA

Data Nascimento: 26/04/74 Cidade: AGADORA

Nome da mãe: TERESA VADELLO BRILLO

Nome do pai: MIGUEL MANUEL FERNANDES MELO PEREIRA

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: SANDRA SÓRIA BRILLO PEREIRA

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : MARTA PEREIRA

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): CAROLINA PEREIRA
Mãe MARTA PEREIRA

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? 9º ANO

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. TUDO

2. ALGUNS AMIGOS, QUANDO ME DÃO FORÇA NOS MOMENTOS MAIS DIFÍCEIS.

3. SIM, APRENDI O QUE É O "VIVER" CONSTITUINDO UMA FAMÍLIA.

Caroline.

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Carolina Miranda Pereira

Data Nascimento: 06/01/2005 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Marta Sofia Reis Moura dos Santos Miranda Pereira

Nome do pai: Nuno Miguel Grilo Pereira

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos?

Se sim, nome dos irmãos:

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome):

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? Com quem (primeiro e último nome)?

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? Com quem (primeiro e último nome)?

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos?

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome):

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência:

Qual o seu nível de escolaridade? (XXXXX) 6º Ano

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Para mim a família significa: Amor, acolhimento e felicidade etc.
Mas também serve para momentos menos bons da nossa vida, e também para momentos bons da nossa vida.
Eu adoro ser uma família por assim receber conselhos de todos.

2. Eu considero que uma pessoa faz parte da minha família, a partir do momento que me faz companhia e me dá carinho e amor e a sua amizade; porque eu gosto bastante de conhecer pessoas novas.

3

Ílvia Graçinha

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Maria Gertrudes Laurenceo Moraes

Data Nascimento: 18/09/1970 Cidade: Várzea dos Cavaleiros

Nome da mãe: Jana do Rosário Lourenço Paizal

Nome do pai: Antônio Fátima Paizal

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 4

Se sim, nome dos irmãos: Luís Paizal - José Armando - José Paulo e Nuno Miguel

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Adelino Moura

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : X Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? X

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Curso Superior / licenciatura e Pós-graduação

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Família é o suporte de formação de cada indivíduo que a nível social, quer a nível moral.

2. Alguém que diretamente ou por afinidade este tipo de ligação ao meu relacionamente e me respeite.

3. Na minha opinião não mudou.

Mmo Filipe

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Mmo Filipe Carvalho Pereira dos Reis e Pina

Data Nascimento: 10 / 02 / 1969 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Helena Clara C. C. Pereira dos Reis e Pina

Nome do pai: Luís Filipe Monteiro dos Reis e Pina

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, nome dos irmãos: Hugo Filipe dos Reis e Pina

Filipe André dos Reis e Pina

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 2 Com quem (primeiro e último nome)? : Carla Vaz

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Tomás Mota (Pessoa Mota)

Barbara Mota (Carla Vaz)

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Licenciatura Económica

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. São aqueles de quem gostamos incondicionalmente e com quem convive sempre, independentemente de ser nos bons ou nos maus momentos.

2. Quando gosto de nós de forma genuína e nos acompanha ao longo da vida.

3. Não, é o mesmo. Os valores que senti nos os que hoje transmite aos meus filhos.

Carla

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Carla de Fátima Cornelha Rodrigues Vaz

Data Nascimento: 11 / 06 / 74 Cidade: Bie (Angola)

Nome da mãe: Mimi Rodrigues Vaz

Nome do pai: Paul Vaz

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 3

Se sim, nome dos irmãos: Beto Vaz, Anabela Vaz, Graciete Vaz

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Nuno Moura
João Henrique

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Nuno Moura

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Nuno Moura / Beatriz Moura

Alguns dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Médio

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Quem está mais próximo de mim, presente, nos momentos tradicionais, bons e maus, não necessariamente consanguíneo, (relação). Logo significa amigos de, amor e conforto.

2. Já respondi na questão acima.

3. De quando era criança para adulta, mas antes de constituir a minha. Devido às experiências inerentes ao crescimento.

Luis Filipe

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Luis Filipe Naveira dos Reis e Sousa

Data Nascimento: 3/9/46 Cidade: SE OSA

Nome da mãe: Judite Vital Naveira dos Reis e Sousa

Nome do pai: Filipio Carlos Francisco dos Reis Sousa

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 13

Se sim, nome dos irmãos: Tiguel, Flavio, Paula, Adelino, Humberto, Graca, Judite, Jose, Anabela, Joao, Oliveira, Clara, Jorge.

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): Humberto e Clara Naveira. Não os deixo descendência.

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Helena Naveira

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : Com quem (primeiro e último nome)? :

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 3

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Tudo da mesma pessoa. Heloisa, Hugo e Filipe Naveira.

Algum dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência:

Qual o seu nível de escolaridade? Curso final do Liceu.

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Comunhão de sangue, respeito recíproco, compreensão e respeito mútuo.

2. Quando estão reunidas as condições acima referidas.

3. Perceber um outro para além, no ideológico político, na revolução de mentalidade. Para mim substituir o conceito que foi adquirido e que perdura.

Helena Clara

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Helena Maria Pedro Carvalho Pereira da Costa

Data Nascimento: 4/1/52 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Helena da Silva Pedro Carvalho Pereira

Nome do pai: Mário do Carmo Carvalho Pereira

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: Mário João Pedro Carvalho Pereira

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Luís Nogueira

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 3

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Três filhos 2

uma filha Bessie, Nuno Nogueira, Hugo Nogueira e filha Nuno

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Curso Superior de Letras e
Administração

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. *Amor*

2. *Parinho de cipos*

3. *O conceito de família, para mim, não mudou.*

Barbara

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Barbara Rodrigues Vaz Reis e Moura

Data Nascimento: 22/11/2011 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Paula Vaz

Nome do pai: Miguel Moura

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: Tomás Moura

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Alguns dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? _____

Tomás

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Tomás Cláudio Branco Paulo Neto e Nome

Data Nascimento: 18 / 01 / 2005 Cidade: Satubal

Nome da mãe: Teresa Manuel

Nome do pai: Nome Nome

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: Bárbara Maria

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Alguns dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? _____

Hugo Filipe

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Hugo Filipe Cavilhas Pereira dos Reis e Hoense

Data Nascimento: 25/10/71 Cidade: Lx

Nome da mãe: Helena Maria Conde C. P. Reis e Hoense

Nome do pai: Luís Filipe Henrique Reis e Hoense

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, nome dos irmãos: Hugo Filipe C. P. Reis e Hoense
Filipa Antónia 1. Reis e Hoense

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Alguns dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Fup Univ. e Pós Graduação

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Família = a nossa

2. Quando o comportamento se adapta ao
Nossa

3. Só posso falar pelo Nossa Neo Hádore

Vitor

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Vitor Luis Oliveira Ferreira da Silva

Data Nascimento: 2 / 2 / 1977 Cidade: Coimbra

Nome da mãe: MARIA ISABEL FERREIRA DA SILVA

Nome do pai: MILTON FERREIRA DA SILVA

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, nome dos irmãos: MANUEL FERREIRA DA SILVA ; MARIANA FERREIRA DA SILVA

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Filipa Reis e Moura

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Margarida Moura Ferreira da Silva e João Moura Ferreira da Silva (ambos filhos de Filipa Moura)

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? licenciatura

Sha

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Tam Moura perreira da Silva

Data Nascimento: 12 / 4 / 2006 Cidade: Sobral

Nome da mãe: Filipa Andreia da Carvalho ~~da~~ Pereira dos Reis e Moura

Nome do pai: Vitor Luis Oliveira Ferreira da Silva

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: Margarida Moura Ferreira da Silva

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Alguns dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? _____

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Pessoas em que podemos confiar
~~2. Porque nos apoia e é como a nossa família~~

2. Porque nos apoia e é como a ~~nostra~~ nossa família

3. Não ~~percebi~~ sei tão perceber a pergunta 😊

Margarida

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Margarida Moura Ferreira da Silva

Data Nascimento: 29/11/2003 Cidade: Setúbal

Nome da mãe: Filipa Almeida de Carvalho Pereira D. Reis e Moura

Nome do pai: Vitor Luis Oliveira Ferreira da Silva

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 1

Se sim, nome dos irmãos: Tara Moura Ferreira da Silva

Algum dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? _____

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): _____

Algum dos seus filhos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? 6º ano

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Para mim a família são as pessoas em que podemos confiar, e que nos ajudam nos bons e maus momentos.

2. Quando têm o mesmo sangue que nós

3. Não porque desde pequena adoro a minha família e tento sempre o mesmo pensamento sobre ela

Filipa Andreu

QUESTIONÁRIO

1ª PARTE

Nome: Filipa Andreia P.P. Reis e Moura

Data Nascimento: 29 / 3 / 76 Cidade: Lisboa

Nome da mãe: Helena Clara Ponte Carvalho Pereira dos Reis e Moura

Nome do pai: Luis Filipe Maninha dos Reis e Moura

Irmãos: Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, nome dos irmãos: Nuno Filipe do Carvalho Pereira dos Reis e Moura e Hugo Filipe do Carvalho Pereira dos Reis e Moura

Alguns dos seus irmãos faleceu? Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência (primeiro e último nome): _____

Casado(a) Sim Não

Se sim, quantas vezes?: _____ Com quem (primeiro e último nome)? : _____

ou

Junto (a) Sim Não

Se sim, quantas vezes? : 1 Com quem (primeiro e último nome)? : Vitor Ferreira da Silva

Tem filhos? Sim Não Se sim, quantos? 2

Se sim, especifique se são todos filhos da mesma pessoa, identificando os nomes dos seus filhos e respectivos(as) progenitores(as) (primeiro e último nome): Margarida Moura Ferreira da Silva e Tereza Moura Ferreira da Silva (ambas filhas de Vitor)

Alguns dos seus filhos faleceu?: Sim Não

Se sim, especifique o nome, o respectivo ano de falecimento e se deixou descendência: _____

Qual o seu nível de escolaridade? Licenciatura

2ª PARTE

Responda às seguintes questões:

1. O que é que significa para si família?
2. Quando considera que alguém faz parte da sua família? Porquê?
3. O conceito de família mudou de quando era criança para agora que é adulto e constituiu a sua "família"? Porquê?

1. Significa confiança, amor, respeito e compromisso.

2. Quando reúne os requisitos da pergunta anterior, independentemente de origem.

3. Não. Talvez se tenha "alongado um pouco", mas não mudou muito.
A minha família "nuevas" é baseada a minha família da infância.